

Arlene Medeiros de Abreu

Lorraine Slomp Giron

Magali Giuseppina Paim Girotto

Organizadoras

Lembranças de Vacaria

Vacaria/RS
Secretaria Municipal de Educação

2013

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

V112I	Vacaria. Secretaria Municipal de Educação Lembranças de Vacaria / Secretaria Municipal de Educação ; organização : Arlene Medeiros de Abreu, Loraine Slomp Giron e Magali Giuseppina Paim Girotto. – Vacaria : Secretaria Municipal de Educação, 2013. 141 p. 21 cm. : il.
	Revisão: Laurita Baldi
	Arte da Capa: Afrânio Scolaro
	Diagramação: Dejane R. Belitzki
	ISBN 978-85-67345-00-0
	1. Vacaria – História. 2. Vacaria – Usos e costumes. I. Abreu, Arlene Medeiros de. II. Giron, Loraine Slomp. III. Girotto, Magali Giuseppina Paim. IV. Título.
	CDU 94(816.5VACARIA)

Catalogação elaborada pelo Bibliotecário Marcelo Ribeiro Bohm – CRB 10/2032

Índice para catálogo sistemático:

- | | |
|------------------------------|------------------|
| 1. Vacaria – História | 94(816.5VACARIA) |
| 2. Vacaria – Usos e costumes | 39(816.5VACARIA) |

*A lembrança é a
sobrevivência do passado.*

Ecléa Bosi

Agradecimento

A todos que, com seu testemunho,
ajudaram a (re)colher lembranças do passado...

À professora e escritora Laurita Baldi, pela
colaboração incondicional no acompanhamento
textual desta obra.

Sumário

APRESENTAÇÃO	09
CONSIDERAÇÕES INICIAIS	11
Recordar é viver?	14
PARTE I – LEMBRANÇAS DO TEMPO	19
Vacaria: formação	20
Cidade das lembranças	26
Praça da memória	31
Tempos de transição	36
PARTE II – LEMBRANÇAS DE VIDAS	43
Mudanças e permanências	44
Chegadas e partidas	50
Crenças e legado	53
Festas e comemorações	56
PARTE III – VESTÍGIOS DO TEMPO	59
Recordação e adaptação	60
Começos de vida	62
Assim se brincava	67

Escola e ensino	72
Namoros e casamentos	79
Estradas e caminhos	86
Festas sagradas e profanas	91
Higiene é a questão	95
Epidemias e doenças	97
Assombrações e simpatias	101
Saberes e fazeres	106
Velórios e enterros	117
Cidade de outrora	121
ANOS DE ESQUECIMENTO	127
FONTES CONSULTADAS	134
ANEXOS	138
Poema do Padre Caetano Caon	139
Poema de Algacir Nunes Paim	140

Apresentação

O livro *Lembranças de Vacaria* foi construído por muitas mãos e inúmeros corações. Ao iniciar a leitura, chama a atenção a nossa antropologia, na sua composição étnica. A presença de escravos, que em 1780 eram 43,43% de uma população de 571 habitantes, retrata a união de sua cultura com a lusa, a alemã, a italiana e a árabe. Era grande a importância do comércio dos mascates que visitavam os moradores do interior, como dizia meu avô Otilio Lisboa Boeira, de quem eu ouvia relatos de Vacaria e de quem este livro me fez recordar.

Quando li este livro surgiram as lembranças vividas e contadas pela família e seus amigos – as surpresas com jantar e música na casa do interior, as serenatas, os passeios na praça, sentindo a presença viva de cada um ao narrar sua história colada à da cidade.

A obra não será apenas um referencial da história de Vacaria, mas levará os jovens a um olhar para si mesmos, despertando, no futuro, a escrita sobre suas origens, o resgate do passado de seus avós e sua composição cultural, reconhecendo suas vivências e desenvolvendo a capacidade de escrita e interpretação.

Chama a atenção a riqueza dos detalhes nas lembranças dos depoentes e, a partir das mesmas, é possível dar continuidade a esta obra, com a interpretação da questão de gênero e do idoso (em que as autoras reconhecem a diferença dos relatos de cada classe social e o respeito à história oral) e na análise das relações de poder econômico no modo de contar a sua versão da cidade. Os cortes que definem os depoentes envolvidos no olhar das autoras levam-nas a definir Vacaria como um lugar de passagem e de pouso.

Nosso desafio está em ler, nas entrelinhas, as lembranças e relatos presentes - representações de todas as classes sociais oriundas de vários locais vizinhos ou de antigos distritos de Vacaria, nos aspectos relevantes para entender este “ser vacariano”.

A Secretaria Municipal de Educação estabeleceu esta parceria com três mulheres que, a meu ver, possuem características

imprescindíveis a uma obra desta natureza: uma sonhadora, uma educadora e uma historiadora. Temos a certeza de que o trabalho será pioneiro e motivador a futuras ideias, abertas pelo interesse na versão oral como instrumento de construção da ciência da história.

*Luzmari das Dores Boeira de Camargo
Secretaria Municipal de Educação de Vacaria*

A professora Arlene Medeiros de Abreu, juntamente com a Secretaria Municipal de Educação, resgatou e registrou fatos que marcaram a história de Vacaria. Com o objetivo de ampliar este projeto para outras pessoas da sociedade de Vacaria, o método de trabalho foi de escolher as informações através de entrevistas com pessoas, com mais de 70 anos, que vivenciaram a história da cidade de Vacaria.

Com este trabalho obteve-se, por meio de entrevistas, um conteúdo rico e que não poderia extinguir-se com o tempo. A opção foi da realização do livro “Lembranças de Vacaria”.

Este livro é um convite para recordar usos, costumes e saberes das pessoas que constituem a sociedade de Vacaria. A preservação da história de um povo significa perpetuar tradições e resgatar as memórias dos nossos antepassados.

A educação tem o dever de vislumbrar o futuro, mas de manter as raízes que fizeram a história. Que as nossas lembranças tragam sempre os referenciais positivos daqueles que fizeram parte de nossas vidas.

*Joara Dutra Vieira
Secretaria Municipal de Educação
Administração 2009-2012*

Considerações iniciais

O livro *Lembranças de Vacaria* é resultado do projeto de pesquisa **A história de Vacaria contada pelos nossos idosos: Colhendo Lembranças**. O projeto foi patrocinado pela Prefeitura Municipal de Vacaria, por meio da Secretaria Municipal de Educação. Os trabalhos iniciaram-se com a secretária Joara Dutra Vieira (2009-2012) e foram concluídos com a atual titular da pasta, Luzmari das Dores Boeira de Camargo. A coordenação ficou sob a responsabilidade da professora Arlene Medeiros de Abreu, a idealizadora do projeto. A pesquisa também contou com a colaboração de alunos do curso de História da Universidade de Caxias do Sul (UCS), Campus de Vacaria, na realização das entrevistas. A professora Loraine Slomp Giron assumiu a fundamentação teórica do trabalho. A obra publicada teve o empenho da supervisora pedagógica da SMED, Magali Giuseppina Paim Girotto.

Colhendo Lembranças teve início em junho de 2010 e duração de um ano. O objetivo principal era o de registrar histórias de vida de pessoas da comunidade e preservar a memória histórica de Vacaria, tendo como meta valorizar os idosos.

A forma de apresentação escolhida foi este livro. Os resultados da pesquisa (ainda que parciais) são aqui revelados. O material recolhido será colocado à disposição dos pesquisadores no Arquivo Municipal. São dados valiosos que poderão ser usados para futuras pesquisas sobre a vida e o falar em Vacaria, na primeira metade do século XX, e estão presentes nas lembranças de suas testemunhas.

As entrevistas selecionadas para este livro são apresentadas em partes, portanto, não estão completas. Foram escolhidos os temas relevantes evitando o quanto possível as suas repetições. Algumas foram deixadas de lado pela irrelevância e escassez de informações, outras foram cortadas pelo excesso e pela repetição.

No decorrer da pesquisa foram entrevistados 32 moradores de Vacaria, com mais de 70 anos de idade. Dos informantes, dois são analfabetos, dois têm curso superior e três têm ensino médio, no caso, o magistério. Os demais têm apenas o curso fundamental

Arlene, Loraine e Magali

11

completo ou incompleto. As profissões dos entrevistados são as mais diversas. Há advogados, um jornalista (por sua vez, advogado), comerciantes e políticos. Enfim, representantes do arquipélago (copiando Érico Veríssimo) que forma a sociedade de Vacaria, em sua faixa etária.

Outro fato que merece destaque é que a grande maioria dos entrevistados nasceu fora da cidade, assim suas lembranças ligam-se a do lugar de seu nascimento ou de onde passou a primeira infância. Alguns nasceram nos antigos distritos de Vacaria, como Muito Capões, e outros são naturais de plagas e rincões mais distantes, como Antônio Prado e Lagoa Vermelha. Vale destacar a presença de entrevistados de origem italiana com costumes diversos e valores semelhantes. De origem lusa, pelo sobrenome, é a maioria absoluta, sendo ligada às primeiras famílias que povoaram os Campos de Cima da Serra. Já na década de 1930, viviam em Vacaria pessoas de origem árabe, citadas mais de uma vez pelos entrevistados, entre eles, os Chedid.

Lembranças de Vacaria é um livro de memórias, logo, deve ser considerado mais antropológico do que histórico. Não sendo livro de história, as fontes que afirmem ou neguem as falas dos entrevistados não foram buscadas, mesmo porque a lembrança é uma voz original e única, que deve ser respeitada. O que foi dito pelos entrevistados foi mantido, com pequenas supressões e mínimas alterações. Este, portanto, é um livro de lembranças daqueles que, entre muitos, ajudaram a construir não só a história, mas a própria Vacaria.

Imagen cedida por Flora Anello



*Retrato do fotógrafo Fernando Anello
1897 (Itália) - 1972 (Brasil)*

Lembranças de Vacaria

Deve-se lembrar a importância da fotografia para a preservação da memória histórica da cidade. As fotos de Fernando Anello são fundamentais para o registro familiar e do cotidiano de Vacaria. Sem suas fotos essas lembranças não seriam as mesmas. As lembranças são frutos da memória dos sujeitos. Eles são as testemunhas de um tempo ido e suas memórias resultam de sua passagem no tempo. As lembranças nem sempre são o que espera uma investigação. E o resultado do que o tempo filtrou e reservou independe do desiderato alheio.

Seguindo nesse caminho, o livro é dividido em três partes. A primeira trata das lembranças que restaram da antiga Vacaria. A segunda discorre sobre a vida, as crenças e o patrimônio dos entrevistados. Na terceira, surgem as vozes dos depoentes, tratando de saberes e fazeres e da cultura material e imaterial, que tem muito a dizer e muito a lembrar.

Recordar é viver?

*Recordar é perceber alguma coisa na memória
ou ter consciência de que isto era antes conhecido ou percebido.*
John Locke

Muitos são os autores que se debruçam sobre a memória e poucos são os que refletem sobre a velhice. Numa obra como *Lembranças de Vacaria*, que reúne tanto lembranças como velhice, os dois temas se interpenetram e formam um todo complexo.

A mais perspicaz analista da velhice é Simone de Beauvoir. Para ela, “viver é envelhecer, nada mais”. Ora, tal fato reduz os seres humanos a reles caminhantes que seguem em direção única à velhice. Mais do que isso, a velhice nada mais seria do que um constructo social. Mas a velhice é bem mais do que uma construção social. Ela é um estágio da vida humana. Assim como não se nasce mulher, mas torna-se mulher, o mesmo ocorre com a velhice. As pessoas não nascem velhas, tornam-se velhas. A velhice, assim como a feminilidade, é um fato social, nem por isso menos discriminatória.

A sociedade capitalista trata o idoso como um ser sem utilidade e sem compreensão. Pela simples razão que, em geral, o idoso já não participa do mundo produtivo. Não há como negar que a sociedade de hoje subestima os mais velhos, preferindo-os pelos jovens. Nela, os velhos sofrem uma forma de invisibilidade social.

A invisibilidade social é fruto tanto do estigma como do preconceito. O fato estudado pela sociologia, pela psicologia social e pela filosofia se refere ao modo como os indivíduos dominados se tornam invisíveis para os da classe dominante. O grupo que se encontra estabelecido no poder trata o velho como um ser transparente, o qual se olha, mas não se vê. Da mesma forma são tratados os mendigos, as prostitutas e os mortos. A invisibilidade em geral é tratada como fenômeno social pós-moderno. Segundo tal ponto de vista, a invisibilidade social seria decorrente da contemporaneidade, mais especificamente do século XX. É possível que tenha existido em outros tempos e lugares, impossível é comprovar.

Em geral, os velhos, como os negros e as prostitutas, são pouco ouvidos. Mais se fala deles do que se ouve. A voz do que

sofre o preconceito nunca, ou raramente, é ouvida. Nada mais parcial do que ouvir uma só parte, quando outras são envolvidas. Não ouvir é como não ver. Assim como a invisibilidade social, há também uma surdez generalizada.

Essa é uma maneira razoável de entender a questão, mas, ao que tudo indica, o tema é mais complexo. Deve estar ligado ao fato de os homens terem medo de seu futuro, temendo as mudanças físicas e mentais decorrentes da velhice. Como fogem e temem da morte e da pobreza, fingir que a velhice não existe é uma forma de ignorar um problema até hoje insolúvel.

Antigamente, a velhice era cultuada nas famílias e na sociedade. No mundo hedonista pós-moderno, onde o corpo e a aparência são atributos fundamentais, o velho é obrigado a retornar de forma humilhante à infância ou a esconder os traços do tempo. A velhice, como a infância, exige tutela. “*O ser tutelado não é respeitado em sua integralidade intelectual e material*” (BEAUVOIR, 1990, p. 54).

As leis que instituíram o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990) e o Estatuto do Idoso (1994) são provas cabais de como a sociedade discrimina os que estão fora do sistema produtivo. Se não fosse assim, não haveria necessidade de leis. Os nativos americanos sempre trataram com grande respeito suas crianças, da mesma forma que os chineses tratavam os velhos. Para isso não havia estatuto. Outro fato que revela o medo é a existência de asilos. Esconder o velho em lugares distantes da sociedade produtiva serve ao propósito de esquecer a inevitabilidade do tempo.

Nem todos têm a sorte de envelhecer. Muitos morrem novos e não provam a experiência única de ter mais passado que futuro. Quanto mais extensas são as folhas do passado, mais reduzidas são as do futuro e, quanto menor se torna o tempo que separa o homem de seu fim, maiores são suas lembranças e menores seus anseios.

Com pertinência, Kierkegaard observou que recordear não é o mesmo que lembrar. Recordar e memorizar são diferentes. Enquanto o jovem guarda na memória o que está aprendendo, o velho recorda o que já viveu. O velho pode perder a memória, mas não as recordações. Neste capítulo, juntam-se muitas recordações. Não

se deve confundir as recordações com aquilo que realmente aconteceu. As recordações são parte de sentimentos que permanecem na lembrança. Nos testemunhos recolhidos fica evidente “a qualidade poética da recordação”, resultado do sofrimento que o ato de rememorar traz consigo. São três os principais pensadores que trataram da memória e das lembranças: Bergson, Halbwachs e Bartlett.

Henri Bergson destaca a impossibilidade da conservação total do passado na memória. Para ele, as lembranças totais seriam preservadas apenas se fossem mantidos integrais os hábitos, as representações e as relações sociais da infância, o que não ocorre. As lembranças recolhidas revelam-se fragmentárias, caracterizando-se pela redução da percepção do passado.

Maurice Halbwachs considera que memória individual é a memória do grupo social ao qual pertence o sujeito, sendo, portanto, coletiva. A memória pertence, assim, a um grupo social que fala, trabalha, tem valores e viveu eventos comuns. Da mesma forma que sua vida, suas lembranças são coletivas. Nas entrevistas realizadas ficam evidentes as condições sociais que marcam os moradores de Vacaria. Especialmente suas condições de passageiros do tempo. Eles tiveram a experiência comum de várias saídas e retornos do grande pouso que é a cidade.

Frederic Charles Bartlett, com seu tratado pioneiro intitulado *Remembering*, introduz a noção de convencionalização social na atividade da memorização humana. Essa noção se refere ao processo pelo qual um sistema cultural ou um de seus elementos (um texto, uma imagem, uma ideia) é transformado quando transferido de um grupo para o outro e toma uma forma distinta, estável e aceita pelo grupo receptor, em função de seu ajuste às técnicas e convenções estabelecidas desde há muito tempo dentro do grupo. “A lembrança vai se adaptando às convenções (*usos, costumes, valores, estereótipos*), sendo passada de um grupo para outro” (NAIFF, 2012, p. 183). Assim, quando os imigrantes italianos chegam aos Campos e à pecuária, partindo da Serra e da agricultura, se ajustam ao novo modo de ser e se introduzem como elementos participantes do grupo dos criadores.

Não se pode esquecer que as lembranças dependem

da língua. Elas são produzidas e transmitidas por meio da linguagem. Como diz Bosi, “*o instrumento decisivamente socializador da memória é a linguagem. Ela reduz, unifica e aproxima ao mesmo espaço geográfico e cultural a imagem do sonho, a imagem lembrada e as imagens da vigília atual*” (BOSI, 1994, p. 56). A linguagem dos Campos de Cima da Serra é regional e típica. Nela são transmitidas as lembranças.

Muitos dos entrevistados têm uma linguagem particular, repleta de idiossincrasias e de regionalismos. Tal fato fez com que algumas tivessem de ser “traduzidas” para a linguagem culta e formal. Há outro motivo sobre o qual alerta Halbwachs: a “desfiguração” que o passado sofre em relação ao presente. Ou seja, a ideologia do presente pode matar o entendimento do passado. As memórias seriam, dessa forma, duplamente desfiguradas. De um lado, pela tradução da linguagem e, de outro, pelo preconceito daquele que tenta traduzi-las para o presente sem entender o passado, no qual as lembranças foram auferidas e geradas.

A escolha dos testemunhos aqui reproduzidos obedeceu a alguns critérios. Um deles é o caráter elucidativo da informação sobre tempos já passados. O outro se refere aos aspectos explicativos sobre eventos e fatos. As lembranças das mulheres são mais explicativas que a dos homens. Os homens descrevem o que passou. As mulheres sentem o passado e é desse sentimento que nasce a sua explicação.

Algumas vezes, nos testemunhos, as recordações parecem ter sido arrancadas. As recordações arrancadas, da mesma forma que as raízes de uma planta, perdem o caráter natural, se ressecam e se tornam monossilábicas, esvaziadas de sentido. Restam delas apenas afirmações e negações sobre o que foi perguntado. Saber perguntar é arte que não se aprende. Mas, também, é um ato interativo que alguns conseguem estabelecer e outros não. Quando entre o entrevistador e o entrevistado há vínculos de empatia ou amizade, a entrevista flui melhor. Se entre entrevistado e entrevistador há distância, seja intelectual ou social, quem sofre é o testemunho. Como observa Bosi:

Gostaria que se compreendessem os limites que os narradores encontraram. Faltou-lhes a liberdade de quem escreve diante de uma página em branco e que pode apurar, retocar e refazer. Suas memórias foram transcritas tal como colhidas no fluxo de sua voz (BOSI, 1994, p. 38).

As entrevistas têm um caráter invasivo e as lembranças assim obtidas não têm o mesmo toque da recordação escrita, que pode ser aperfeiçoada em sua forma e aprofundada em seu conteúdo. As lembranças faladas nascem sem retoques, sem o aprimoramento do repensar. Algumas vezes, a espontaneidade traz prejuízo para a memória e para a reconstrução da história. Deve-se levar em consideração que o tempo da lembrança não é o tempo do entrevistador. O nascer das lembranças é lento, o tempo do entrevistador, em geral, curto e rápido. Não é de admirar que muitas das recordações surjam muito tempo depois de encerrada a entrevista. Mas, então, o tempo de sua colheita já passou.

Por outro lado, as lembranças que interessam aos entrevistados nem sempre são as que interessam ao entrevistador, pois elas dependem do interesse social do sujeito. Algumas lembranças dependem de como o entrevistador percebe o que interessa ao entrevistado. Em outras palavras, não tem sentido fazer determinadas perguntas a determinada pessoa. Assim, por exemplo, perguntar a um agnóstico qual foi sua emoção ao receber a Eucaristia, só porque estava previsto no questionário, seria o mesmo que perguntar das experiências de alfabetização de um analfabeto.

Prender-se ao previsto é impedir que o imprevisto apareça com toda sua criatividade e sua beleza poética. Por outro lado, a seleção das lembranças depende do momento e do sentimento que elas foram despertadas. Quando o passado é mais longo do que o futuro, o primeiro pesa demais. Em geral, as recordações dos maus momentos são esquecidas. Quando o passado é triste a solução é o esquecimento. Tudo por uma questão de sobrevivência.



Lembranças do tempo

Parte I



Vacaria: formação

O ambiente é a alma das coisas.
Fernando Pessoa

Apesar de não ser a história o foco deste livro, cabem algumas considerações breves sobre a origem de Vacaria, pois não há como negar que a origem da cidade marca os habitantes e perpassa suas lembranças.

A região de Vacaria é a de povoamento mais antigo do Rio Grande do Sul. Formou-se do caminho das Missões e da criação extensiva do gado dos jesuítas. A presença de "Soldados de Cristo" na região data do século XVII, o que é atestada pelo marco de pedra polida, cuja origem não foi identificada, onde se encontra "*a sugestiva data de 1622, a qual, segundo Taunay e padre Geraldo Pauwels, representa o mais antigo monumento do Rio Grande do Sul*" (IBGE). Assim, o marco de Vacaria seria um dos mais antigos monumentos do Estado gaúcho. Na verdade, a informação do IBGE é equivocada. O marco traz a data de 1692, prova de que a ocupação dos campos do Planalto pela criação missionária é anterior a 1697, data do primeiro registro de entrada do gado missionário. De qualquer forma, a presença europeia no Norte do Continente de São Pedro é anterior à fundação do Forte do Rio Grande (1727), sendo contemporânea à da Colônia do Sacramento (1680).

Foto de Loraine Slomp Giron, 2012



Marco jesuítico de 1692, um dos mais antigos monumentos do Rio Grande do Sul. Os marcos eram colocados para definir os lugares onde se encontravam os domínios jesuíticos nos Campos do Planalto. Encontra-se no Museu Histórico de Vacaria.

Segundo Cesar (2002), “*a região dos campos do Norte da capitania era uma terra de ninguém*”. Tal afirmação, no entanto, não parece se confirmar, pois ela foi lugar de pouso, de passagem e de atração dos paulistas em suas razias, dos índios em suas andanças, de mulas e de gado bovino e de seus tropeiros. “*Os campos atraíram bandeiras paulistas que se apropriavam tanto dos índios como do tesouro vivo que eram os rebanhos rústicos das vacarias*” (CESAR, 2002, p. 80).

Apesar da ocupação da Vacaria dos Pinhais pelo gado trazido pelos jesuítas espanhóis e das sesmarias doadas pelo reino de Portugal aos seus súditos, a região demorou a ser povoada. Posseiros morriam sem descendentes e outros deixavam a região por motivos variados, em parte por causa do isolamento da região, em parte por causa do tamanho das sesmarias, o que inviabilizava sua proteção.

Foi o caminho do gado que deu origem ao pouso da Vacaria. O caminho foi anterior ao pouso. Ele partia das Missões, seguindo no sentido Oeste-Leste, dirigindo-se para o Norte em direção a São Paulo. Enquanto eram ocupados os Campos de Cima da Serra, nas Missões as estâncias jesuíticas se expandiam. Lopes Neto descreve: “*Nessas dilatadas e ferazes campanhas pastavam não menos de 500.000 animais, bovino, cavalares e muares da mais correta estampa e aproveitáveis qualidades*” (LOPES NETO, 1998, p. 120). A história de Vacaria está, assim, ligada à história dos caminhos do gado, e sua formação à passagem e ao pouso das tropas e tropeiros. O caminho das Missões na cidade de Vacaria passava pela Avenida Militar e pela Rua Júlio de Castilhos, seguindo então em direção ao Rio Pelotas.

A região dos Campos foi lugar de atração de predadores, sendo invadida por índios e por castelhanos. Os espanhóis se consideravam seus donos. Em 1773 se deu a última e grande invasão castelhana. A chegada dos castelhanos fez com que muitos de seus posseiros e sesmeiros abandonassem as terras. Em 1777 os espanhóis foram expulsos. O governo português mandou, então, realizar um censo. O censo de 1780, feito pelo engenheiro Antonio Inácio Rodrigues da Córdova, realizou um minucioso levantamento no Continente de São Pedro. Nele apareciam “*os limites dos domínios em quatro províncias: Rio Grande, Viamão, Rio Pardo e Vacaria ou Cima da Serra*” (BORGES

FORTES, 1941, p. 114). No Continente havia apenas treze freguesias, o que revela a importância de Vacaria, então contemplada com uma delas.

Há também o registro das sesmarias concedidas na região pelo rei, porém a lista dos moradores de Vacaria data de 1776 e aparece no processo judicial redigido pelo conselheiro Mafra. De acordo com esse processo, nos Campos de Cima da Serra havia 18 proprietários, sendo 77 os moradores das propriedades. Não informa se esses eram livres ou escravos. São conhecidos os nomes dos proprietários das sesmarias, entre os quais, o sobrenome mais comum era “Ribeiro” (Anexo 1).

Na medida em que aumentavam as estâncias, aumentava o número de escravos. Esse fato está presente nos inventários e nos registros de batismos e de propriedades. *“Cada fazenda tinha, em média, 11 escravos. Em algumas delas, o número se elevava a mais de 70. Pelo censo de 1780, havia em Vacaria 571 habitantes, dos quais 32 eram índios e 248 escravos. Os brancos correspondiam a 50,96% do total, os índios a 5,60% e os escravos 43,43%. Esse percentual de escravos era um dos maiores do Rio Grande de São Pedro, sendo ultrapassado apenas pela freguesia de Triunfo, onde 50,11% de seus habitantes eram escravos”* (LAYTANO, 1948, p. 9).

Apesar de sua ocupação antiga, só em 1768 Vacaria foi reconhecida como povoado, quando a sua capela (de 1761) foi elevada à freguesia, sendo nomeado um pároco. *“O lugar onde foi erguida a capela fazia parte da sesmaria de Manoel Rodrigues de Jesus. Muitos anos mais tarde, em 1847, a herdeira das terras, Inácia Rodrigues de Jesus, casada com Francisco Borges Vieira, doou para Nossa Senhora da Oliveira a área de terras onde hoje se situa a cidade de Vacaria”* (COSTA, 1996, p.95). A criação da freguesia prova a importância de Vacaria. Também mostra que sua população e a economia eram representativas no território rio-grandense, porém, *“a criação só foi confirmada em 1805”* (BORGES, 2001, p. 44).

O alvará de 20 de outubro de 1805 tornou Vacaria distrito de Santo Antônio da Patrulha. A partir de então, os habitantes com alta renda poderiam concorrer à Câmara Municipal, que funcionava na sede municipal, em Santo Antônio da Patrulha. Confor-

me Cesar, Santo Antônio era “*o município de maior extensão territorial com uma área de 56.803 Km² [...] compreendendo as paróquias de Santo Antônio da Patrulha, Nossa Senhora da Conceição do Arroio e Nossa Senhora de Oliveira de Vacaria*” (CESAR, 2002, p. 238).

Vacaria continuou como distrito até 22 de outubro de 1850, quando foi elevada à vila ao se emancipar de Santo Antônio. Como outras pequenas povoações do império brasileiro, voltou a ser integrada a Santo Antônio e, em 1857, retornou a ser vila. Por fim, volta à condição de município em 1º de abril de 1878, pela Lei Provincial nº 1115.

Enquanto eram realizados os trâmites para a organização do município, ocorria também a ocupação legal e ilegal das terras vacarienses, dando-lhe nova configuração. Na medida em que crescia o número de fazendas aumentava o número de moradores livres e escravos.

Nas grandes fazendas ligadas à pecuária viviam diversos escravos que participaram como os lusos do povoamento regional. Os registros de batismos atestam que muitos moradores de Vacaria eram provenientes de outras regiões. Não eram apenas os açorianos os povoadores dos campos serranos. É interessante observar a mobilidade existente na região desde o século XVII. Tal mobilidade pode ser constatada nos registros de batismos e casamentos. Na região viviam pessoas vindas de muitos lugares; alguns eram militares, outros, funcionários públicos. Enfim, Vacaria estava ligada ao Brasil e à Portugal. Os seus vínculos foram importantes para a cultura regional. Por exemplo, José de Campos Bandemburg, proprietário da Fazenda do Socorro, veio de Itu (SP); Ventura José Rezende nasceu no Porto (Portugal) e casou-se em Vacaria; José Augusto Branco, um dos proprietários de Formigueiro (Ipê), era de São Luís do Maranhão; por fim, Manoel Rodrigues de Jesus veio de Laguna (SC).

Em meados do século XIX, por meio do casamento, também alguns alemães se radicaram nos Campos e se tornaram proprietários de terras e de escravos. Entre eles: Kröeff e Hoffmann. Os últimos a chegar aos Campos foram os imigrantes italianos, vindos das colônias Caxias e Antônio Prado. Sua chegada está ligada à busca de terras para seus filhos. Eles avançam sobre os Matos Particula-

res (Ipê) e, em poucos anos, chegam a São Paulino, Segredo e, enfim, a Vacaria. Compraram lotes dos fazendeiros e copiaram seu modo de vida. Estabeleceram-se nos sítios e fazendas e nas serrarias.

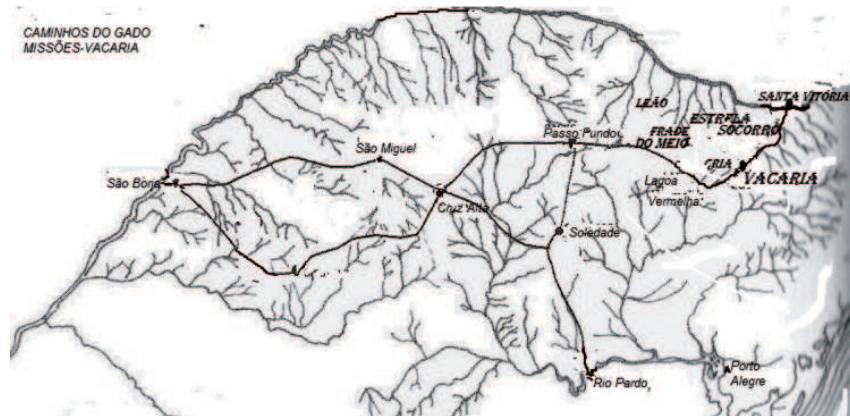
Em 1922, quando os mais velhos dos entrevistados nasceram, foi publicado um álbum comemorativo - *O Rio Grande do Sul*, de autoria de Alfredo R. da Costa. A obra nasceu para marcar o centenário da Independência do Brasil. Nele é feito um balanço de Vacaria. Naquele ano o município contava com 6.340 km², sendo um dos maiores do Rio Grande o Sul. Era composto por oito distritos. Segundo Costa, “*a população era de 22.718 habitantes, dos quais 4.357 (19%) viviam na sede do município. Assim, 80% dos habitantes viviam na zona rural ou nas pequenas sedes distritais*” (COSTA, 1922, p. 471). Conforme a mesma fonte, “*existiam 1.492 contribuintes do imposto pecuário. E, na cidade, havia 110 casas de comércio. Enquanto os de origem lusa dominavam a pecuária, os de origem italiana já se destacavam no comércio. Funcionavam, então, 18 serrarias e 10 atafonas, 9 ferrarias, 3 carpintarias e 9 açougue*s” (COSTA ,1922, p. 472). Em anexo, os nomes de alguns dos estancieiros e comerciantes do município em 1922 (Anexo 2).

Nas lembranças colhidas no projeto ficam evidentes os vínculos dos entrevistados com a saga do povoamento de Vacaria que, por sua vez, é a síntese da história gaúcha. Apenas aqueles que nasceram na zona urbana escapam dessas profundas conexões.

Os menos afortunados viveram uma realidade diversa da dos mais afortunados. Chegaram em busca de trabalho e encontraram uma cidade sem a infraestrutura necessária para a vida. Os migrantes eram provenientes das colônias, das serrarias e de sítios de municípios vizinhos, como Bom Jesus.

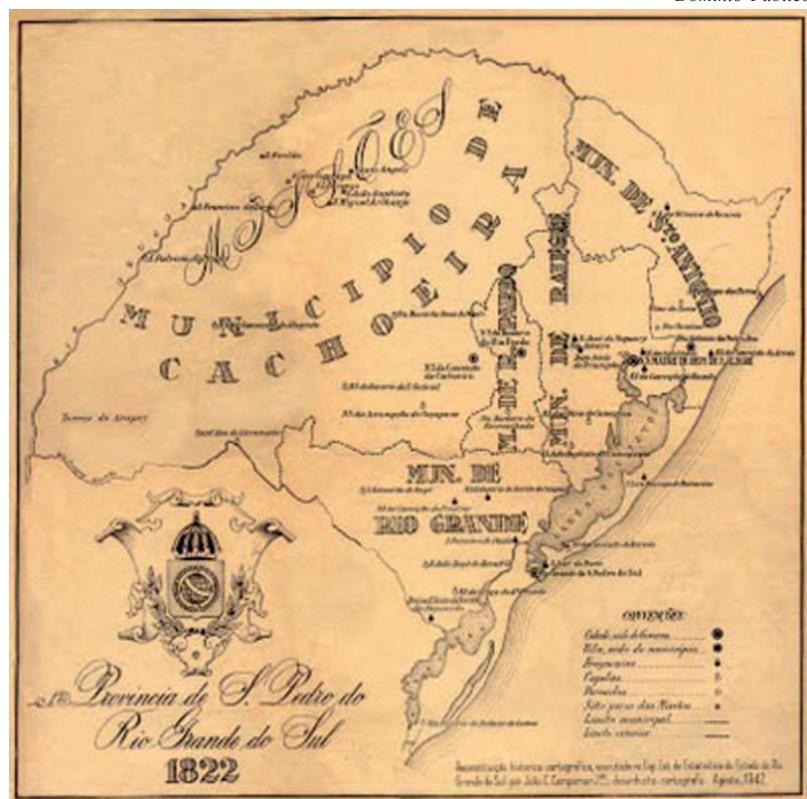
Passados tantos anos, desde que as tropas deixaram de percorrer os Campos, o tropeirismo continua vivo nas lembranças de alguns antigos moradores dos sítios e de fazendas. Já em relação à cidade, na primeira metade do século XX, as lembranças são poucas e nem sempre boas. A cidade parece ter sido soterrada sob os escombros das lembranças particulares. No entanto, a casa onde moraram, por mais longo o tempo que dela se distancia, é uma lembrança viva e sempre presente.

Domínio Público



Desenho dos caminhos das tropas e do gado entre as Missões e o pouso da Vacaria. O caminho corresponde ao traçado aproximado ao da atual rodovia BR 285

Domínio Público



Mapa com a Divisão do RS por municípios | 1822

Cidade das lembranças

Os campos são mais verdes no dizer-se do que no seu verde.
Fernando Pessoa

Na lembrança dos entrevistados, a cidade de Vacaria nos idos dos anos de 1930 e 1940 era um lugar de carências. Dela é lembrado mais o que lhe faltava do que aquilo que possuía. Os mais ricos descrevem menos a cidade do que os menos afortunados. A cidade é pouco lembrada por aqueles que nasceram nas fazendas e nos sítios, pois suas recordações se voltam para sua vida e experiências pessoais. Para eles, a Vacaria das lembranças é um lugar de passagem entre a fazenda e outras cidades, entre os sítios e as casas de comércio, entre a fazenda e a escola.

Nas lembranças de Flora Anello de Lemos, a cidade é uma das mais antigas e das mais cheias de vida. Recorda-se da Rua do Vinagre (hoje denominada Ramiro Barcelos), na qual os moradores da cidade viviam seus encontros dominicais, antes da reforma da praça (1938). Na Rua do Vinagre passeava a juventude privilegiada da cidade. O passeio dos jovens vacarienses se realizava pela calçada pavimentada, em parte, com nós de pinho. O passeio era feito em três horários. O primeiro de manhã, depois da missa; o segundo, antes da matinê de cinema, e o terceiro, depois do fim da sessão do cinema. Mas nem só de passeios vivia a Rua do Vinagre, que então era a mais movimentada de todas. Nela também havia o Café do Pinto e o mercadinho do Nicolau Chedid, entre outras casas de comércio.

Na Vacaria das lembranças de Flora, a carne era comprada no açougue de Seu Doca e o pão, na padaria de Seu Troglio. A mula que fazia o trabalho de entrega de pães puxando uma carroça não foi esquecida. As sandálias das meninas eram compradas na casa de Seu Lula Gualdi. Médico não faltava em Vacaria. Chegado em 1907, o doutor Atilio Giuriolo, italiano, era quem atendia a família Anello. O pai de Flora, Seu Fernando, que era fotógrafo, se valia dos serviços de seu amigo, cujo filho Nane era dentista. Ambos prestavam seus serviços profissionais à família Anello. Os remédios, por sua vez, eram comprados na farmácia de Seu Guerra. As roupas eram

mandadas fazer na Dona Nenê, “costureira muito boa”. As roupas diárias eram confeccionadas em casa, pela mãe, que também fazia tricô. Os tecidos e as lãs eram comprados nas lojas Marcantônio e Grazziottin.

Foto de Clemente Mancuso / Retirada da Internet



Rua do Vinagre, década de 20

Noelci de Souza Boeira lembra-se de Vacaria como uma cidade pequena, com poucas casas de madeira. Uma de suas lembranças é a da colocação da imagem de Nossa Senhora da Oliveira em cima da Catedral (1952). Já Zuleide Boeira recorda-se da falta de água e de luz. Em sua casa não havia água encanada, só tinha água de poço.

Maria Ilza, por outro lado, lembra-se de algo que ninguém mais contou: Vacaria tinha outro nome. Quando vinham de *aranha*, do sítio para Vacaria, diziam: “Vamos para a Vila Velha”. Acrescenta ela: “Antes, a cidade era Vila Velha, eu conheci como Vila Velha.” Quando vieram morar na cidade não havia água encanada. O que mais havia era poço. Outro detalhe comum nas lembranças: “Nos fundos das casas tinha a tal de latrina. No fim de semana passava o ‘cabungueiro’ em todas as casas, pegava o barril e ia depositar não sei onde.”

Maria Irma explica que “a casinha era como uma patente ou uma privada.” De acordo com ela, “tinha um banco fe-

Arlene, Loraine e Magali

27

chado com tampa. Quando enchia, a prefeitura mandava os empregados recolherem aqueles bancos e, então, eles levavam, lavavam, já traziam limpo; já deixavam três ou quatro limpos para depois a gente tapar e guardar."

Pedro Sandi observa que, quando veio se alistar no Batalhão, "era tudo campo. Então, se a gente queria fazer um lanche tinha que caminhar 'cinco quilômetros' mais ou menos." Lembra ainda que "aqui pelo centro tinha só campo, lá uma casinha que outra e algum caboclo que morava ali."

Eram tempos de dificuldade. Carlos Rigotti recorda: "As patroas mandavam suas empregadas lavarem roupa no rio do Carazinho. Tinham que levar tábua e tudo o que fosse necessário para lavar a roupa no rio. Também a empregada da minha mãe lavava roupas no Rio Carazinho, que tinha a água bem limpinha. Agora não, agora tem até colchão." Segundo ele, também, "as crianças tinham medo de ir além dos limites 'do hospital antigo', pois tudo era deserto."

Joceli Moraes de Lemos lembra-se que faltava água e luz. A luz era na base do lampião. "Quando nós viemos, luz não tinha, mas depois meu pai mandou colocar luz; ele botou por conta a luz, naquela época" - relembra Zuleide Boeira. O mesmo relato parte de Lenir Piardi - Quando veio da serraria do Pinhal para Vacaria, "não tinha água e luz menos ainda." A roupa era lavada num ríozinho que passava perto de sua casa. Reclama ela que "viemos morar na cidade, para não ter água e nem luz, porque lá (na Serraria do Pinhal) nós tínhamos água e luz dentro de casa."

Juvenil Santos afirma que só os "ricos tinham banheiro aqui em Vacaria, e os pobres faziam uma casinha de cinco e meio por cinco e meio, uma varandinha atrás com um corredorzinho do lado. Hoje chamam de 'patente', 'latrina', em que a água era de poço." Recorda o outro lado da vida da cidade, quando a viu pela primeira vez: "Eu tinha cinco anos de idade e ali onde é o Doutor Casanova (hoje, Flávio Figueiró) era o cinema Real; era uma casa velha que tinha lá, depois pegou fogo. Dizem que foi o proprietário." Juvenil Santos lembra, ainda, que na cidade havia um necrotério público onde se colocava o defunto até "aparecer o dono".

Em 1957 a zona do meretrício foi obrigada a mudar de lugar, pois “as senhoras da sociedade local fizeram um abaixo-assinado para transferi-la. Na zona tinha boates e no Carnaval dançavam e se respeitavam mais do que nos clubes hoje em dia. Ali as pessoas sentavam, bebiam uma cerveja, conversavam, ouviam música e dançavam. As casas tinham panos vermelhos nas janelas (pois era ‘delas’ o lugar) para que outros não se enganassem e comprassem uma casa lá. De noite havia batidas policiais. Havia outra zona de mulheres, zona bem pobre, numa rua comprida que chamavam Garrão de Porco – lá era bem baratinho.”

Maria Irma lembra-se que, em seus tempos de menina, eram poucos os que usavam relógio. Na cidade havia um marcador de horas muito preciso - era o apito da oficina do Manozzo, situada na esquina. “... pois ele apitava de manhã, às oito horas, ao meio-dia e às seis horas da tarde. Os alunos do Padre Efrem não precisavam perguntar as horas. No colégio, a própria professora sabia que estava na hora de nos arrumarmos para sair. Só tempos depois a igreja passou a bater os sinos nos horários, mas só muito mais tarde.” Segundo ela, “a oficina do Manozzo era uma serraria para a qual eram trazidos pinheiros enormes e meu pai trabalhou nessa oficina.”

Lourdes Guerreiro Lemos recorda: “Ao lado da Catedral, onde hoje tem o parquinho, tinha um cemitério.” Pedro Sandi lembra-se da segurança da cidade: “Cadeia, naquele tempo, sabe qual é que era? A cadeia era botar os desordeiros a trabalharem no picão, arrumando as ruas da cidade, [...] tapando buracos. Quando alguém brigava ou fazia alguma desordem, eram três dias ou seis dias de trabalho, conforme o crime. A cidade ficava arrumada e os presos assim escasseavam.”

Dessa forma, Vacaria aparece como uma pequena vila, onde a diferença das condições de vida entre ricos e pobres era grande. Já as condições sanitárias eram precárias para todos. O centro urbano aparece diluído nas lembranças pessoais dos entrevistados mais como carência do que como presença. Maria Ilza resume a cidade na qual ela viveu. A cidade era tão pequena que, “naquele tempo tudo se tornava longe. Era tudo vazio, não tinha casas.”



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
PREFEITURA MUNICIPAL DE VACARIA

DECRETO Nº2, de 24 de fevereiro de 1938

"Dá o nome de Gal. Daltro Filho
à Praça Matriz.

Sátiro Dorneles de Oliveira Filho, Prefeito Municipal de Vacaria.

Considerando os relevantes serviços prestados à causa pública pelo finado Gal. Manoel de Cerqueira Daltro Filho, colhido prematuramente pela morte quando se achava à mesa do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, onde se mantinha com acendrado patriotismo e elevado critério;

Considerando, por isso mesmo, o dever de se homenagear a sua memória, tão cara ao coração dos riograndenses;

No uso das atribuições que lhe são conferidas em Lei:

D E C R E T A:

Artigo 1º- Fica mudado o nome da Praça Matriz desta cidade para o de Praça Gal. Daltro Filho.

Artigo 2º- Revogam-se as disposições em contrário.

Prefeitura Municipal de Vacaria, 24 de fevereiro de 1938.

DORNELES FILHO.

Cópia Fiel do Decreto Original
fl. 164v. do livro competente.

Em, 21 de junho de 1994.

Inês D. Pagnô
Inês D. Pagnô
Resp. Arquivo

Praça na memória

*Um jardim é o resumo de uma civilização,
uma modificação anônima da natureza.
Fernando Pessoa*

Em todas as recordações a Praça Daltro Filho foi lembrada. Naqueles tempos, era o coração da “Vila Velha”. Em geral, a cidade apareceu como pano de fundo da praça, pois esta era o centro social da vida citadina.

Foto cedida por Arlene Medeiros de Abreu



Praça Matriz , Vacaria em 1917

Flora Anello lembra-se que na praça se realizavam as horas cívicas, das quais participavam as alunas do São José. A praça era cercada com arame farpado. Muitas vezes, animais, como cavalos e mulas, por ela andavam. Em 1938 o prefeito Satyro Dornelles retirou a cerca, abriu e reformou a praça. Disse ainda que quando era menina se namorava por meio das linhadas¹. A menina passava pelo moço e o olhava. Ao olhar, se entendia como namorado que “linhava” (só um olhar). Os namoros eram desse tipo e limitavam-se ao olhar. O seu pai fazia uma ronda para ver como e onde estavam as filhas, impedindo a aproximação de candidatos a um “outro tipo de namoro”.

Maria Irma lembrou-se de coisas que poucos conhecem:

¹¹ Linhada é substantivo feminino que significa lance de anzol e espiadela. Tem sentido de namoro à distância, sentido semelhante a flertar ou paquerar.

ceram, como quando a praça era parte jardim, parte terreno vazio. Diz ela: "Metade da praça era jardim, a outra metade da praça *para cá* era onde o colégio soltava a turma e a gente ia, no recreio. A metade, que era jardim e calçada, era fechada com cerca porque as vacas entravam lá no jardim e comiam tudo que eles plantavam."

Outra lembrança tem Juvenil Santos. Recorda outra praça, que lhe parecia mais bonita. "Bem no meio tinha tipo de um labirinto de cerca viva, mais ou menos de um metro de altura, e tinha as entradas e era redondo." Só ele lembrou-se do labirinto, que não foi citado pelos outros entrevistados. Recordou, ainda, dos bancos onde namoravam sem que ninguém os incomodasse. Havia também uma torneira na praça que, "quando dava sede se podia tomar água." E, por fim, do perfume das flores que marcou sua infância: "Um pé de jasmim ali na frente do prédio do Doutor Mário - quando passava, sentia o cheiro."

Foto extraída do Blog "Só Para Lembrar"



"Praça Matriz", antes da reforma, ainda com cerca de arame farpado

Dalva Soldatelli lembra-se que: "Depois da missa das dez, as jovens davam uma volta ou duas na praça e, depois, iam para casa; cada uma tinha o que fazer. E de tardezinha, no verão, se voltava de novo dar umas voltas." Segundo ela, a praça que conheceu

quando menina “tinha muros com umas correntes, um portão num canto e, no outro canto, uns plátanos bem grandes; um terreno vago na frente da igreja, onde faziam os desfiles. Anos depois, o Major Dorneles, quando era o prefeito, resolveu fazer uma modificação e dar um jeito ‘de praça’: contratou uma empreiteira e desmanchou tudo. A praça estava muito bonita, mas o povo não conservou.” Lembra-se, ainda, do caramanchão, do busto de Mauricio Cardoso e o de Daltro Filho. E o busto do Seu Guerra: “Aquele busto, quem colocou lá, quem prestigiou tudo, foi a dona Lourdes Coelho Borges.”

A praça centralizava a vida da cidade. Em torno dela havia o Clube do Comércio, os cinemas, a Catedral e a Escola Padre Efrem.

Noelci Boeira lembra-se mais do significado social da praça do que de sua forma. Lá era o lugar dos namoros. Como não havia outro lugar para ir, ficavam na praça, “passeando para lá e para cá; os rapazes escorados nas árvores e, nós, caminhando. Às vezes, eles davam sinal e vinham passear com a gente. Era assim o namoro. Era ali que era o namoro.”

Zuleide Boeira reune a lembrança formal com a social do local. Notou a mudança de jardim para praça: “Naquela época tinha jardim, cadeiras para sentar e ‘cada rosa, coisa mais linda’! E o caramanchão, com as belas glicínias.” Passear na praça depois da matinê, no cinema, era hábito dos seus moradores. “Caminhar ali e depois ir embora era o costume do pessoal da Vacaria.”

Juvenil Santos apresenta o ponto de vista masculino do *footing*¹²: “As moças, no domingo de tarde ou de noite, antes de entrarem no cinema, se juntavam três ou quatro, abraçadas, enganchadas umas nas outras, passavam na frente do Clube do Comércio, dobravam ali onde há os táxis e iam até perto da igreja e voltavam. Os rapazes ficavam de pé na beira da calçada, paquerando e, volta e meia (algum deles), levava uma em casa.”

Nereu Vargas lembra-se da ligação da praça com o comércio e com as diversões. Foi na praça que abriu sua primeira casa comercial. “Aos vinte anos, quando comprei uma ferragem,

¹² Passeio informal, caminhada, praticar footing. Nos anos de 1940 e 1950, jovens se conheciam praticando footing nas praças, onde as moças giravam num sentido e os moços noutro. Em cada volta, duas vezes cruzavam os olhares em flertes prolongados.

Ipiranga, que tinha lá na praça, entrei no ramo da ferragem. Nela estavam os cinemas e os clubes. Enfim, a praça era o resumo da cidade."

Foto Fernando Anello - Internet



Praça General Daltro Filho e Catedral Nossa Senhora da Oliveira - década de 40

Nair Abreu lembra-se de seu namoro na praça - tinha ido ao cinema Guarani, quando uma amiga alertou: "Ele [o futuro noivo] está com as flores de laranjeira no bolso, ele me mostrou. Pouco depois, ele estava do meu lado, conversando". Namoros e noivados nasciam no *footing*, sinônimo de passeio na praça para encontrar um par, um namorado e até um marido.

Joceli Moraes de Lemos afirma: "Quando a gente veio para a cidade tinha o hábito das sete e meia ir à missa do colegial, como eles diziam; era a missa que a gente ia. Era a missa dos colegiais na Catedral. Era também um encontro dos jovens na praça."

Foto F. Anello | Foto cedida por Flora Anello



Adayr e Flora Anello de Lemos sentados num dos antigos bancos da Praça Vacaria, 1951

Lembranças de Vacaria

Pedro Sandi lembra-se que, "naquele tempo lá a praça se chamava de 'jardim'." Ele demarca a profunda diferença existente entre jardim e praça, que nenhum dos outros entrevistados percebeu. Ele destacou as peculiaridades: "Antes tinha bastante árvore, bastante flor plantada, era bonita. Tinha cerca, então era um jardim. Hoje, é praça."

Sobre o que ele afirma com pertinência, cabe uma explicação. Praça (do latim *platea*) significa rua larga ou local aberto de confluência de ruas. Jardim, por outro lado (do latim *hortus* *gardinus*) significa "espaço ordinariamente fechado, onde se cultivam árvores, flores, plantas de ornato." Há uma enorme diferença entre a Praça de Touros espanhola e o Jardim das Plantas de Paris.

A transferência do centro social da cidade da Rua do Vinagre (parte da rua Rua Ramiro Barcelos, entre as ruas Dr. Flores e Júlio de Castilhos) para a praça chama a atenção. Assim, a reforma da praça nos anos de 1940 parece ter sido a causa desse deslocamento. O passeio dos jovens se transfere para a frente da igreja. A reforma da praça criou novo *locus* de namoro. Aproximou o namoro na praça ao casamento na igreja.

Para cada tempo da cidade houve um tipo de praça/jardim. Hoje, a Praça Daltro Filho mais uma vez foi remodelada, marcando a nova face da cidade, mais estruturada e mais moderna.

Foto Fernando Anello



Praça Gal. Daltro Filho - década de 1950

Arlene, Lorraine e Magali

35

Tempos de transição

Toda vida da alma humana é um movimento na penumbra.
Fernando Pessoa

Os entrevistados viveram num momento de transição entre a velha vida rural e a vida urbana, entre os pousos e seus corredores, entre as balsas e as transmudadas em pontes, entre estradas de chão e rodovias asfaltadas. Marcas desse tempo de transição estão presentes nos relatos. Muitos dos entrevistados deixaram a fazenda pelo internato na Capital do Estado. Outros saíram dos campos rumo à cidade. Vidas em mudança se movimentando do passado para o futuro.

Na cidade as mudanças foram rápidas, os carros chegaram antes. Nos sítios as transformações foram lentas. As mudanças lentas ou rápidas vieram para ficar. Os moradores dos sítios e das fazendas tiveram a vida ligada à criação de gado. Se para muitos mudou apenas a forma de seu transporte, para outros foi o fim de uma era.

Eliziário Vieira de Jesus lembrou-se de seus tempos de tropeiro. No seu dizer: “Eu me lembro quando eu trabalhava de tropeiro nessas fazendas, eu tanto tropeava com tropas de animal, quanto tropas de boi. Os tropeiros compravam gado em uma fazenda e levavam para outra. Depois, aquele que comprava vendia noutro lugar. A tropa era levada até a metade da estrada, então os seus donos a pegavam e a levavam para onde fosse preciso. Numa tropa de bois havia um cavaleiro para cinquenta bois. Para cem bois, dois cavaleiros eram suficientes para tocar a tropa. O pouso era na estrada. Tinham que encontrar um lugar para parar, onde o corredor fosse bom, que tivesse água para os bois beberem. Lá no Morro Agudo ficava um desses corredores.”

Algacir Nunes Paim era o patrão da tropa. Também transportava gado, pois teve terras arrendadas, além de suas propriedades. “Eu transportava o gado por terra, tinha campo aqui e ali. E eu gostava de uma tropeada! De levantar de madrugada, largar o gado na estrada, lá adiante tomar o meu bom café de chaleira, uma

farofa, queijo e pão. Depois, largava o gado na estrada. Lá pelo meio-dia, uma hora, fazíamos um carreteiro, tomávamos um chimarrão, um trago de cana. Cheguei até a fazer uma música"- recorda Paim. E continua: "Meu pai, no tempo dele, levava lá em São Leopoldo o gado. Saía de Vacaria a São Leopoldo e levava uns dez dias. O trabalho diário era o do sítio, já o da tropa era lá de vez em quando. Não era de viver o tempo todo na estrada. Hoje não dá mais de transportar gado, devido ao asfalto. Tem de transportar de caminhão."

Fonte: Site da Prefeitura de Vacaria



Morro Agudo - localizado às margens da BR 285 saída para Bom Jesus. Ponto culminante de Vacaria com 1005 metros acima do nível do mar, proporciona uma vista panorâmica dos Campos de Cima da Serra. Utilizado por índios e tropeiros para identificar a aproximação de estranhos.

Os tropeiros, na tropa, obedeciam a uma hierarquia determinada pelas funções exercidas: patrões, capatazes e madrinheiros. Ao tropejar, apesar das diferenças sociais, levavam o mesmo modo de vida. Viviam nos campos guiando as tropas e seguindo a natureza, talvez vivendo a última jornada da chamada de

Arlene, Loraine e Magali

37

mocracia gaúcha. Entre os últimos tropeiros, estão Algacir Paim, Eliziário de Jesus e Clodovino Camargo Silveira.

Naqueles tempos havia falta de estradas e de automóveis. Assim, as distâncias eram (ou pareciam) maiores. As fazendas ficavam longe do centro de Vacaria. Para frequentar a escola os meninos e as meninas eram internos. Os jovens com mais posses viveram o internato e o isolamento que ele impunha. A diferença entre a vida livre dos campos com o pouso sob as estrelas e a prisão da escola religiosa marcou a vida de muitos dos entrevistados.

Mesmo vivendo na cidade, filhos de famílias de posses iam estudar em outras regiões, em escolas que tinham internato - escolas de tempo integral, com serviços de alimentação, de dormitório e de lavanderia. Em Vacaria havia duas escolas com internato, segundo relatam os entrevistados. Uma delas era o Colégio São José, das irmãs da congregação de mesmo nome. A outra era o Colégio São Francisco, dos irmãos maristas. Em geral, as escolas religiosas nas pequenas vilas dispunham apenas do ensino fundamental.

Foto Fernando Anello | Foto cedida por Flora Anello



Sala de aula do Colégio São José Vacaria, 1940

As escolas de ensino médio na década de 1950 eram raras. Em grande parte das cidades gaúchas não havia tais escolas. A falta delas, muitas vezes, levou vacarienses a estudar em outros lugares, como São Leopoldo, Santa Cruz e Porto Alegre. Muitos nunca mais voltaram.

Curso superior só havia na Capital. Alguns dos entrevistados foram para lá com tal finalidade. Como era um grande sacrifício ficarem tantos anos longe de casa, alguns deles desistiram. Por outro lado, grandes também eram as despesas, motivo pelo qual eram poucos os que conseguiam cursar uma universidade.

Na cidade não havia só fazendeiros e peões. Havia também moradores das antigas colônias italianas que acompanharam as serrarias, comerciantes e donos de padarias e de hotéis que vieram se instalar na sede municipal. As diferenças sociais entre os grupos que viviam na cidade eram grandes. Da mesma forma que seu modo de ser e de se vestir.

Dalva Soldatelli lembra-se que “as vacarianas todas eram de muito luxo, filhas de fazendeiros. Então, eu nunca podia me igualar com elas. No inverno a moda que prevalecia era a de uns casaquinhos brancos, de pena de ganso, que pareciam uns bolerinhos. Não era só o vestir. A riqueza dava a elas outra atitude. Elas entravam na Catedral bem pelo corredor do meio olhando para os lados para ver se alguém estava olhando para elas. As meninas, quase todas as que podiam, estavam internas com as freiras, mas já namoravam os ‘guris dos padres’ [...]. Elas entravam na missa e o pessoal olhava.” Dalva lembra-se que tinha outra atitude e outra forma de agir: “Eu entrava com a minha tia sempre pelo lado esquerdo. Ali onde tem aquele patiozinho, aquela porta, a gente achava um lugarzinho.”

Outro elemento de demarcação existente na igreja não era de classe, mas de gênero. Segundo Dalva, as mulheres ficavam no lado esquerdo e os homens no lado direito. “Quando chegavam turistas e viam a igreja cheia, entravam: ‘Vamos assistir a missa’- diziam -. O casal entrava e se colocava junto. Então, a gente já dizia ‘tem forasteiro na missa’, ‘tem gente estranha na missa.’ ‘Ó, lá, lá, aqueles dois lá não puderam se separar!’ Outra coisa que não faltava na cidade era o ‘diz-que-me-diz-que’. Afinal, fofoca sempre teve e se fa-

lava daquelas que gostavam de frequentar muito baile. Enfim, coisas de cidade pequena."

Maria Irma, que nasceu no centro de Vacaria e viveu a cidade em sua mudança, lembra-se do cinema e dos bailes. Seu pai era maestro de uma orquestra que tocava na União Operária e em outros lugares, como o Clube Guarani. Como em muitos outros lugares de então, bailes e cinemas eram unidos. "A gente ia lá. Era o clube, era o cinema; eles tiravam as cadeiras e faziam baile." Seu pai tocava violão e cavaquinho e as meninas acompanhavam nos bailes. Não para dançar, mas para auxiliar o pai e ver os outros se divertirem.

Foto cedida por Maria Ilza de Abreu Wolf



Mestras do Colégio São José, Vacaria, 1943

Lourdes Guerreiro de Lemos, que nasceu na Fazenda da Chapada, em Vacaria, conta o seguinte: "Estudei sempre no colégio das irmãs (São José). Era muito bom, ensinavam bem. Ali tinha internato porque tinham muitas gurias de Bom Jesus e Esmeralda que eram pensionistas, mas a gente convivia com elas, estudávamos juntas." O colégio que tirava os jovens de seu meio servia para unir pessoas de vários lugares. O colégio reunia o mundo do campo na cidade.

Flora Anello estudou no São José e lembra-se que, como sua casa era longe da escola, pois a família morava na Rua Júlio de Castilhos, com sete anos foi interna para não ter que atravessar a cidade. Em tempos de chuva ela vivia emburrada. Mas a menina ficou doente por ficar interna em tão tenra idade. O pai, preocupado, mandou fazer, no sapateiro um par de botas, que ela se recusou a usar, porque naqueles tempos quem usava botas eram os meninos. Então, outra solução encontrada foi Flora ficar como meio pensionista no hospital. Não por doença, mas porque as irmãs serviam refeições e davam assistência para as crianças que iam ao Colégio São José.

Foto Fernando Anello | Foto cedida por Flora Anello



Alunas mestras da escola São José, Vacaria, 1940

Arlene, Loraine e Magali

Homenagem aos antigos moradores da RUA DO VINAGRE

10 de março de 1953

O Jornal "Rua do Vinagre" brinda ao povo de Vacaria

A origem da tradicional via pública da nossa cidade perde-se na noite dos tempos. Não se sabe, também, exatamente quando a rua recebeu o seu nome.

As várias versões, sucedidas pela tradição oral, não se harmonizam. Uns dizem que havia ali um bodegueiro que vendia muito vinagre e que um dia derramou um barril de vinho velho ao meio da rua. Outros afirmam que o nome foi copiado de uma velha rua de Santo Antonio da Patrulha, quando Vacaria pertencia ainda àquela Comarca, mais ou menos, em meados do século passado.

Em vii cude, pois, dessas controvérsias e com o intuito de prestar um tributo aos seus antigos habitantes e a própria rua, que o jornal tem como inspiradora e patrona, deliberou a Direção de «Rua do Vinagre» escolher o dia 10 de março próximo vindouro, que assinala o 33.^o aniversário do grande incêndio que a destruiu parcialmente, para comemorar um evento que fez das cinzas o inicio de uma fase grandiosa para a terra Vacariense.

- CONVITE -

A direção do jornal «Rua do Vinagre» tem a honrosa satisfação de convidar às autoridades civis, militares e eclesiásticas, bem como ao povo em geral, a tomar parte nas homenagens que serão prestadas, a 10 de março vindouro, a todos quantos residiram na tradicional Rua do Vinagre.

- PROGRAMA -

Às 8 horas: Missa em ação de graças oferecida aos antigos moradores da Rua do Vinagre e em sufrágio das almas dos que já faleceram.

Às 10,30 horas: Romaria ao cemitério, onde será depositada uma coroa no túmulo de Aureliano Siqueira, que simbolizará os jazigos de todas as pessoas falecidas que tiveram residência na Rua do Vinagre. Fará uso da palavra o sr. Osmar Paim Terra.

Às 12 horas: Palestra ao microfone da Rádio Difusora de Vacaria, pelo Dr. Eury Quintela Boamar, justificando o nome do jornal e a finalidade das homenagens.

Às 19 horas: Jantar no restaurante Elite, oferecido aos srs. Vespaciano Julio Vepo, Cel. Virgilio Carneiro, Professor José Ferandes de Oliveira, Julio Castilhos de Azevedo, Major Dorneles Filho, Tristão D'Avila Pinto, Dr. Gevaldino Ferreira, Arlindo Camargo, que personalizarão, os antigos moradores da «Rua do Vinagre». Os Homenageados serão saudados pelo Dr. Avelino Paim Terra.

Às 21 horas: Conferência pelo Dr. Gevaldino Ferreira, no Clube do Comércio, que virá de Porto Alegre, especialmente para esse fim.

A Direção

PARA AS SUAS COMPRAS DE MEDICAMENTOS E PERFUMARIAS, PREFIRA AS FARMÁCIAS RAMOS.

MATRIZ: CAXIAS DO SUL

FILIAL: VACARIA

A Filial da Farmácia Ramos em Vacaria, encontra-se instalada à Rua do Vinagre, antiga Farmácia Moderna: BONS MEDICAMENTOS POR BONS PREÇOS

FARMACIAS RAMOS

GRANDES VENDAS DE MARÇO DAS CASAS PERNAMBUCANAS:
TUDO PELA METADE DO PREÇO JULIO DE CASTILHOS - 1,125. Vacaria

Lembranças de vidas

Parte II

Mudanças e permanências

*Todo relato é por definição infiel.
A realidade como se diz não se pode contar nem repetir.
Tomas Eloy Martinez*

As experiências de vida (re)vividas nos depoimentos colhidos guardam entre elas semelhanças extremas. Atestam que as memórias pertencem mais ao grupo de determinado tempo e lugar do que a indivíduos isolados. Mudam detalhes, lugares e passagens de cunho pessoal, mas o essencial dos usos e costumes comuns a todos pertencem ao mesmo grupo.

O primeiro ponto que chama a atenção sobre os entrevistados, sejam eles pobres ou ricos, é que viveram em vários lugares. Vacaria foi um deles, algumas vezes o primeiro e outras, o último. Esse transitar pelos campos, da serra ao campo, do campo à cidade, da colônia ao campo, em busca de trabalho ou de estudo, é fato comum a todos os informantes.

A vida do grupo lembra, em muitos aspectos, a própria formação da cidade de Vacaria, cuja história está ligada tanto ao pouso quanto à passagem das tropas. Tais vínculos não são coincidência, mas decorrência de um modo de vida ligado à criação de gado, que permaneceu idêntico por séculos, sem mudanças estruturais profundas.

A pecuária não gera a acumulação de capital necessária à industrialização e, portanto, à criação de novos empregos. Por esse motivo tantos saíram e saem da cidade. Há também os nascidos em Vacaria que vão para outros lugares em busca de estudo e trabalho. Há os que vão para a Capital estudar ou para conquistar empregos melhores. Enfim, o transitar é o comum da vida dos vacarienses nativos ou de adoção.

O século XX viu o fim das tropas e dos tropeiros. Muitos dos entrevistados tiveram suas vidas ligadas a esta atividade econômica, tanto homens como mulheres, tanto ricos como pobres, tanto donos de fazendas como pequenos comerciantes do interior e trabalhadores dos campos, os peões.

Além da pecuária e de seus deslocamentos havia as serrarias, que ofereciam emprego e, ao mesmo tempo, transferiam parte da população da colônia para as matas dos campos e de uma mata para outra numa derrubada contínua. Pedro Sandi afirma que o trabalho da serraria era mais gratificante do que o da agricultura de subsistência da colônia. As serrarias ofereciam apenas trabalho temporário. Acabada a derrubada da mata e o corte da madeira elas mudavam de lugar. A vida dos trabalhadores das serrarias era nômade. Já o capital por elas gerado não ficava nos lugares onde eram cortadas as matas. Era levado à Capital ou para as cidades em que viviam seus donos.

Foto cedida por Telmo Guizolfi



*Serraria dos Minella, próxima ao rio Santana | Vacaria, aproximadamente 1956
Caminhão de Mário Gil Guizolfi*

Como a pecuária, as serrarias não geraram capitais suficientes para a industrialização do município. Os vacarienses em busca de trabalho, no correr do tempo, procuravam as cidades maiores com mais oferta de trabalho. Sendo outra forma de deslocamento,
Arlene, Loraine e Magali

para o progresso da cidade contribuiu a vinda do 3º Batalhão Rodoviário, chamado apenas de Batalhão pelos entrevistados. Sua chegada praticamente dobrou a população urbana e exigiu a modernização do comércio. Vários depoentes tiveram suas vidas ligadas ao serviço militar. Há os que afirmam que a saída do grupamento, no final da década de 1960, criou uma crise de desemprego na região - uma das maiores vividas pelos moradores da cidade.

Alguns até lembraram-se do Frigorífico (FRIVA)¹¹ como fator de mudança e de progresso, tendo seu fechamento causado outra crise de desemprego. Vale considerar que a estrada federal uniu Vacaria ao restante do Brasil, em direção Sul e Norte, na década de 1940.

O início da produção de maçã vai resolver, em parte, o problema da falta de postos de trabalho. A maçã, segundo alguns depoimentos, mudou a cidade criando dois mil novos postos de trabalho, ainda que nem todos permanentes.

O grupo de entrevistados, cuja faixa etária varia de setenta a noventa anos, teve sua infância e juventude marcadas pela ausência de consumismo. Na cidade e no Estado havia então poucas lojas, poucos brinquedos e poucos médicos e medicamentos.

*Fotógrafo Fernando Anello
Foto cedida por Flora Anello*



*Noivos Alice e Alberto
Vacaria, 1930*

¹¹ O Friva (Frigorífico Vacariense S/A) iniciou as atividades em 1973, criou cerca de 900 empregos diretos e entrou em concordata em 1985. No dia 29 de janeiro de 1997, o frigorífico fechou as portas.

Todos os entrevistados foram criados no catolicismo, assim tiveram as mesmas práticas religiosas e apresentam os mesmos pontos de vista sobre os ritos de passagem. Quem lê o depoimento sobre o casamento de um, lê o de todos. Todos casaram no civil e no religioso. Todos fizeram algum tipo de festa, maior ou menor, de acordo com as posses. Os pais entraram com as noivas na igreja. Três casamentos foram realizados fora da igreja: um na fazenda, um na cidade (em casa) e outro na serraria onde a noiva morava com seus pais. Mas são diferenças de forma e não de conteúdo.

Dos casamentos são lembradas as festas e os convidados. A religião, por outro lado, se apresenta nos entrevistados mais como ato social externo do que ato de fé. Os relatos referem-se ao recebimento de sacramentos, ao cardápio servido no casamento, aos convidados, enfim, a eventos sociais. Poucos dão testemunhos de fé; nem mesmo os nomes dos sacerdotes que oficiaram as cerimônias são citados.

Os velórios e o dia de Finados também são semelhantes na recordação dos entrevistados. Para alguns, a experiência da morte foi a mais triste de todas, especialmente quando da morte de avós queridos. Os velórios eram realizados em casa, com mais ou menos comida para aqueles que passavam a noite velando o defunto. Não parece haver ritos especiais em relação aos mortos que revelem a existência de cristãos novos entre os depoentes.

A convivência com a morte é tratada como ciclo natural da vida, como parte da vida, como parte da família e da casa. A morte no lar, vivida pelos entrevistados, mostra como mudou a sociedade em tão pouco tempo: “*A civilização burguesa expulsou de si a morte. Por medo ou para esquecer seu próprio destino, a morte vem sendo progressivamente expulsa da percepção dos vivos*” (BOSI, 1994, p. 88), ou como Bosi apud Benjamim afirma, “*os burgueses desinfetam as paredes da eternidade*”. Ou seja, os ritos e as doenças que precedem a morte são levados para longe dos lares.

Flora Anello lembrou-se que na Vacaria de então (década de 1930) havia pessoas encarregadas de lavar os mortos. A lavagem dos mortos e o enterro em mortalha preta remetem a costume parecido com os dos judeus. A comemoração do Dia dos Mortos

era data importante para todos. Dia de limpeza e decoração de túmulos com flores e velas. Alguns dos entrevistados lembram-se da reunião da família por ocasião do feriado de Finados. Maria José Guazzelli Costa conta que algumas famílias se reuniam nas fazendas, tomando chimarrão e comendo churrasco nas proximidades dos cemitérios, lembrando os velhos ritos das comidas fúnebres, comuns entre gregos e romanos.

Outro ponto comum relaciona-se às brincadeiras infantis. Em geral, as crianças imitavam as lides dos adultos: construíam pequenas fazendas (com todas suas dependências e animais), montavam cozinhas com seus artefatos e brincavam com bonecas imitando crianças. O mundo dos adultos era a diversão dos pequenos.

Na casa de seus pais, na rua 15 de Novembro, Flora Anello contava com um verdadeiro parque de diversões, com barras, balanços, cordas para pular e até um “rema-rema” (semelhante a um triciclo). Foi ela a única das entrevistadas a gozar de tais brinquedos. Quando bem pequenas, ela e sua irmã ganharam bonecas de louça e outras trazidas da Itália com trajes completos e chapéus com flores. Tais fatos estão registrados nas fotos tiradas pelo seu pai.

Fotógrafo Fernando Anello | Foto cedida por Flora Anello



*Itália e Flora Anello com suas bonecas
Vacaria, 1933*

Lembranças de Vacaria

Zuleide Boeira tinha brinquedos improvisados pelas próprias crianças. Lembra-se ela: "Ah, nós brincávamos de cozinha, com cacos de vidro; lavávamos os cacos de vidro para brincar." Outros brinquedos também eram feitos pelas crianças: "Fazia boneca de pano, era o que nós tínhamos para brincar naquela época." Desse modo, tinham com que brincar.

Algumas das entrevistadas pouco brincaram. Nair de Jesus Abreu lembra-se que: "Eu não tive muito tempo para brincar, eu não tive muita infância, pois era a mais velha, então eu tinha que ajudar um pouco a mãe - em casa e com os irmãos. Tudo dependia de mim." Esse não foi um único caso. Muitas das irmãs mais velhas não tiveram infância. Desde cedo se tornaram auxiliares diretas das mães, em muitas situações, mãe de seus irmãos menores.

Tereza Gomes Maciel, outra entrevistada, afirma: "Nem me lembro, decerto eu brincava com alguma boneca." Ela não tinha tempo para brincar: "... porque assim, desde a idade de seis anos já fazia até chá para o meu pai, que ele era doente. Depois eu fui parar um pouco com os padrinhos e servia como empregada."

As diferenças no número de brinquedos e tempo destinado para brincadeiras dependiam das condições econômicas das famílias. Naqueles tempos, desde muito cedo as crianças eram compelidas ao trabalho, ora para ajudarem os pais, ou até mesmo para auxiliarem com seus pequenos salários na vida familiar. O tempo de brincar era limitado pelas condições econômicas dos entrevistados. O trabalho para alguns começou aos seis ou sete anos. As lembranças são mediadas pelas necessidades do passado.

Não há como negar que toda a lembrança é uma mediação, espécie de caminho ligando a vida presente do entrevistado com a vida de seus mortos. Há sempre muitos mortos nas lembranças dos velhos. Nelas há muito mais mortos do que vivos, pois grande parte de suas famílias já não existe, a não ser em suas lembranças. Nelas, algumas vezes, há imagens e diálogos tão vivos - como se os familiares ainda estivessem presentes.

Chegadas e partidas

*Para viajar basta existir.
Fernando Pessoa*

Para Walter Benjamin, “há dois tipos de narrador, o que vem de fora e narra suas viagens e o que ficou e conhece sua terra, seus conterrâneos, cujo passado o habita” (BENJAMIN, 1962, p. 320). Os entrevistados do projeto são exatamente desses dois tipos. A maioria veio de fora, poucos são os da terra. Os de fora contam sua infância e sua vida em outros lugares. Só os de Vacaria viveram e contam da sua infância na cidade, conhecendo sua vida urbana.

A maioria deles viveu em muitos lugares. A vida de trânsito dos entrevistados fica evidente em muitas das recordações. Emília Silveira de Souza é um exemplo dessa vida de transumância. O motivo era o trabalho do pai e, depois, o do marido. “Nasci em Lagoa Vermelha. O falecido pai tinha um sítio; tinha vaca, porco, ovelha e fazia lavoura. Viemos depois para a Fazenda da Estrela, onde moramos oito anos, e depois fomos para Bom Jesus. Meu marido trabalhou quatro anos na ‘Goiabeira’. Era o nome da serraria onde ele trabalhou. Então, depois viemos para Vacaria em busca de trabalho.”

Aldino Girotto lembra-se do périplo de seus pais - descendentes de imigrantes italianos. A primeira geração viveu em São Paulino. Eram comerciantes e trabalhavam juntos na colônia. Depois foram para Ipê (Vendinha do Mel). “Os primeiros que moraram lá fizeram as estradas. Naquele tempo se transportava mercadoria com carroça para Caxias do Sul, Farroupilha, Bento Gonçalves e Garibaldi, região de vinho. A bebida das vinícolas ia pra cima, lá para São Paulo. A segunda geração veio para Vacaria com a serraria e uns cento e poucos jovens que trabalhavam na colônia. Depois, passaram a trabalhar no mato extraíndo madeira. De São Paulino vieram 50% dos que moram em Vacaria. A terceira geração foi para Caxias.”

Muitas famílias de origem italiana passaram da agricultura para a pecuária e para o comércio. Lembra-se Darcy Soldatelli: “Meus pais moraram inicialmente em Flores da Cunha e de lá vieram para cá. Aqui se estabeleceram no sítio, onde depois eu passei a morar com eles. Trabalhavam na criação de gado e moravam perto do Mor-

ro Agudo. Durante anos trabalhei com os pais na fazenda e depois, então, parti para um emprego público trabalhando na exatoria e por ali me aposentei."

Foto: Fausto de Abreu Soldatelli (2012)



Gado e taipas da Fazenda Morro Agudo

Tereza Gomes Maciel nasceu em Vila Esteira, hoje Monte Alegre dos Campos. "A família era de Vacaria, depois nós fomos morar em Monte Alegre dos Campos. Nós fomos morar lá na costa do 'Quebra-Dente'. A minha família foi morar numa serraria." Foi em São Judas que ela conheceu o marido, que "morava um pouco pra cima; 'daí', saímos e viemos casar na Capela da Luz." Só então vieram morar em Vacaria. Elaine Lira de Lima morava em São José do Ouro. Não era município, o lugar se chamava "Dalmolin", situado entre São José e Tupanci. "Nós ficávamos no meio." Trabalhou 46 anos na colônia e, por fim, veio para Vacaria, onde permaneceu.

Eliziário Vieira de Jesus nasceu num distrito de Bom Jesus. Lá trabalhou um tempo na fazenda. "Fiquei meio grandinho e fui para a fazenda. Eu vim aqui para Vacaria no dia 17 de fevereiro de 1953", recorda.

Arlene, Loraine e Magali

51

Emília Silveira de Souza nasceu em Lagoa Vermelha. Seus avós eram de São Pedro. O seu avô paterno era da Capela da Luz. "Meus pais trabalhavam na colônia, um sitiozinho onde criavam vaca e trabalhavam na roça. Era perto de Pinhal da Serra. De Pinhal da Serra vieram para Vacaria."

Nereu Fernandes Vargas nasceu em Vacaria, mais precisamente na Capela da Luz, 8º Distrito (localidade conhecida como "Fundo dos Moisés"). "Avô e bisavô nasceram em Bom Jesus, depois vieram embora para Vacaria."

Pedro Sandi nasceu na Vila Segredo, 9º Distrito de Vacaria. "Comecei a minha vida na colônia. Naquela época era difícil, `daí', meu irmão me convidou para trabalhar com ele numa firma. Então, eu saí de lá e vim trabalhar numa serraria em Esmeralda. Depois fui para Bom Jesus e, enfim, para Vacaria. Casei e morei em São Pedro, que antes era conhecido como Vila Paiol, e depois saí trabalhar em serraria."

Essa vida de passagens, de idas e vindas, faz com que as lembranças sobre a cidade sejam bem menores do que se poderia esperar.

Crenças e legado

*O moço possui a memória em alto grau, usa dela com facilidade,
mas falta-lhe o mínimo dom de se lembrar.
Soren Kierkegaard*

Os costumes, as crenças e até as crendices são comuns aos vacarienses entrevistados, independente de classe social ou cor. Não há que negar - a ideologia da classe dominante é repetida na classe dominada. Em relação aos costumes há similaridades que não podem ser ignoradas. Para as mulheres mais simples há um componente de preservação da espécie, algo que se revela no medo de que os animais comam o umbigo dos bebês e que isso possa trazer desgraças para a criança. Entre os mais ricos e, portanto, com maior formação, há menos crendices.

As crenças e as brincadeiras também são semelhantes entre os entrevistados, sem diferença de sexo ou classe. Em seus tempos de criança tiveram mais brincadeiras criativas, como a construção de fazendinhas de brinquedo, feitas de madeira ou de ossos. De uma forma geral, os brinquedos eram poucos, mesmo entre os mais ricos. Há muitas brincadeiras comuns entre meninos e meninas, que repetem e que nelas replicam o seu futuro na sociedade campeira.

Ainda assim há poucas lendas ou histórias de fantasmas. As assombrações são raramente lembradas. Há alguns que acreditam em mau olhado, mas mesmo esses são raros. Há um ceticismo evidente sobre a ação do outro mundo sobre o mundo real. Uma das poucas e a mais lembrada das crendices é sobre o destino dos umbigos.

Tereza Gomes Maciel lembra-se que deviam enterrar o umbigo para não deixar os ratos comerem. Pois, segundo se dizia, "era perigoso a pessoa ficar mexendo nas coisas dos outros. O melhor seria enterrá-lo sob a porteira, assim bem na porteira; aí era bom para criança ter sorte. Mais precisamente, bem na 'veradinha' da porteira, onde passasse criação. Num buraco bem fundo, a salvo dos ratos."

Maria José Guazzelli Costa disse que "enterravam

numa porteira onde passava bastante gado, pra ficar rico. Todos os umbigos são enterrados em porteiras.”

Emília Silveira de Souza recorda que, para os meninos ficarem ricos os umbigos eram enterrados em uma porteira, mas os “das meninas nós enterrávamos dentro de casa.” Esse é o único depoimento que faz tal ressalva. Deve ter relação com os papéis que seriam desempenhados pelas crianças no futuro, quando as meninas deveriam cuidar da casa e os meninos, da criação.

Nair de Jesus Abreu também foi ensinada a enterrar o umbigo das crianças (pela mãe e pela avó, ambas ‘antigas’), “para os bichos não comerem, que a gente não ia guardar em casa.” Assim, lembra-se: “Eu juntei todos eles num vidrinho e quando eles [os filhos] já estavam grandes, já foram ajudar a enterrar aqueles umbigos, que já estavam bem sequinhos. Para acompanhar a cerimônia foi levada a vela do batizado, porque eu batizava em casa dois, três dias depois que nasciam.” Assim, as crianças, agora maiores, podiam acompanhar a cerimônia do enterro dos seus umbigos e aprender com as mães a importância de tal prática. A tradição, assim, poderia ser mantida.

A quaresma com seus interditos também é unanimidade. O respeito às normas apenas variava de lugar para outro. Mas todos, sem exceção, a vivenciaram. Os *Santos* cobertos nas igrejas com panos pretos (ou roxos) é lembrança geral. Para Noelci de Souza Boeira, durante a quaresma não podiam ir a festas nem tocar música; o silêncio deveria ser guardado. Todos falam dos jejuns durante o período que vai do Carnaval à Páscoa. Emília Silveira de Souza lembra-se que durante a Sexta-feira Santa não podiam fazer nada: “O pai mandava colher moranga, aipim, todas as outras coisas um dia antes, para no dia não mexer em terra nem em nada. Nem varrer a casa nem pentear os cabelos.”

Elaine Lira de Lima é outra a lembrar-se que, quando entrava a Semana Santa “era tudo silêncio”. Os pais chamavam a atenção dos filhos dizendo “não estão vendo que até os passarinhos não gritam mais? - E nós nunca vimos os passarinhos tão quietos.” Outro costume, não tão geral quanto as interdições da quaresma, parece ser comum ao grupo dos mais pobres: o roubo das noivas e as

fugas dos noivos.

Elaine Lira de Lima lembra-se que algumas noivas eram roubadas, mas poucas. Como as moças estavam acostumadas a obedecer quando os pais proibiam a união, optavam pela fuga. Era um tempo de fazer “o que os pais queriam e se eles dissessem não, ficávamos quietas.” Esse não era o único motivo do roubo das noivas. O outro também apreciável era o econômico, pois assim evitavam-se as despesas com festa e com as roupas. Com o tempo, os fugitivos eram perdoados pelos pais e logo legalizavam a situação.

Na Vacaria de antigamente as mulheres enterravam os umbigos dos filhos, as pessoas jejuavam durante a quaresma e guardavam silêncio na Semana Santa. Todos casavam e uns poucos fugiam. Os interditos de ricos e pobres eram os mesmos, pois é seu patrimônio cultural. O patrimônio, segundo Silva (2010, Internet), não é só uma herança. Ele não é só um legado herdado, mas o legado que um grupo decide transmitir às gerações futuras. A decisão da transmissão é que garante a tradição. Há uma noção de propriedade de grupo em relação àquilo que é coletivamente legado, de escolha e de posse do que deve ser transmitido.

Foto Felipe de Abreu Soldatelli (2013)



Fazenda Morro Agudo - velha porteira por onde passava o gado, utilizada também para enterrar os umbigos

Festas e comemorações

Uma vida sem festas é como um largo caminho sem pousadas.
Demócrito

As lembranças de vida e as lembranças das festas têm vários pontos comuns entre os entrevistados. Não há diferença essencial entre as festas dos ricos e as dos pobres, há apenas graduações. Na celebração das festas natalinas os mais ricos faziam um pinheirinho elaborado e com mais presentes, enquanto os mais pobres nem trocavam presentes. Mas, para todos, era uma festa familiar que se expandia até a igreja para participar da Missa do Galo.

Lembra-se Juvenil Santos: “O Natal era comemorado em casa só.” Isto é: era uma festa familiar e não de rua. Já havia luz elétrica, mas não havia luzes natalinas nem decoração nas ruas. Apenas, as famílias se reuniam e jantavam ou almoçavam em suas casas. O pinheirinho cortado no mato era a principal decoração. Para enfeitá-lo era usada a barba de bode. Papai Noel não existia nas comemorações natalinas. Apenas Jesus Menino trazia os presentes para os ricos.

A Páscoa, por outro lado, era pouco comemorada. Na Páscoa, a diferença entre ricos e pobres é mais evidente. Os mais ricos recebiam chocolate “do coelhinho” e os menos ricos não tinham nenhum tipo de celebração ou de comemoração. Alguns dos depoentes afirmam que, quando crianças, desconheciam as comemorações da Páscoa. O que significa que ela não existia em suas famílias.

A Missa do Galo era, algumas vezes, confundida nas lembranças com a Missa de Aleluia. A hora da missa, à meia-noite, foi marcante para todos que a vivenciaram. Na passagem do Ano-Novo não foram citadas comemorações. Apesar da existência de outras festas profanas, depois do Natal a Festa do Divino foi a mais lembrada das festas, sendo considerada a mais importante, a mais rica e a melhor de todas. Era a mais popular e a que agregava mais as pessoas. Lourdes Guerreiro conta que ela e seu marido foram festeiros da Festa do Divino. Eram seis os casais de festeiros, os quais usavam uma bata vermelha. A festa durava nove dias. Além da

novena, havia reuniões, leilões, quermesse e procissão.

Nas fazendas e sítios havia a passagem da bandeira do Divino. Algumas vezes, ela ficava nas fazendas por dois ou três dias. Os encarregados da bandeira recolhiam donativos em espécie, como bois, ovelhas, cabras e galinhas, para com eles fazerem uma grande festa na igreja ou na capela.

Outra festa lembrada foi a de Reis: "Aqui em Vacaaria se percorria toda a rua. Iam os tios, as tias e primos. Minha tia morava lá bem pertinho, então a gente ia junto. Depois, a gente ficava dançando até tarde."

Maria Irma lembra-se ainda que "nas casas já esperavam o povo. Algumas casas, inclusive, abriam a porta e a gente entrava. Aqueles que batiam nas portas eram, em geral, bem recebidos. E, por fim, assim que a gente saía, antes da meia-noite, vinham eles tocando gaita e as moças cantando. Os moços também entravam e cantavam lá dentro das casas." As casas eram abertas só na Festa de Reis. Tal costume é mais comum no Litoral, onde vivem os açorianos de origem, do que no Planalto, onde vivem os de origem lusa.

Maria José lembra-se dos "assaltos" feitos às fazendas vizinhas. Em tempo de férias, quando voltavam do internato, amigos e amigas, filhos de fazendeiros, de surpresa faziam churrasco, música e baile na casa de outro vizinho. Para que a festa fosse surpresa o dono da casa ignorava a visita; apenas um de seus empregados era avisado para providenciar a comida.

Outro tipo de festa realizada nos sítios foi lembrado por Tereza Gomes Maciel. Conforme ela, "o pessoal do sítio, depois de carpir junto, fazia uns bailinhos ou, senão, uma festinha de surpresa..." A diferença entre as duas festas é o trabalho existente numa e não na outra. Esta, afinal, é a grande diferença entre ricos e pobres.

Eliziário relembra um provérbio que diz "mais gente, mais roçado". As festas de sítio ocorriam nas regiões mais povoadas, onde havia maior número de pessoas. "Assim, se reuniam os vizinhos e agregavam conforme o lugar, pois tem o sítio com bastante morador e tem lugar que não tem quase ninguém." Os bailes ocorriam à noite, "de dia, o padre rezava até às quatro horas; depois ele ia embora, então o baile começava." Tais bailes eram chamados de

“domingueiras” e duravam até à meia-noite. Quando era meia-noite, fechava-se o baile e outro baile começava. O novo baile, que tinha início à meia-noite, não teve nome lembrado ou, pelo menos, não foi dito por nenhum dos entrevistados.

Noelci de Souza Boeira lembra-se que quando havia festas na capela, havia bailes. Em geral, eram promovidos na casa do falecido Chico, “um lugar de festa grande e, depois, o baile. Dançavam as quadrilhas mais lindas do mundo.” Naquele tempo, nos bailes, a música tocada era de gaita. As festas religiosas, bailes, assaltos e serenatas parecem ter muito valor na lembrança dos entrevistados: *“Valor no sentido do apreço individual ou social atribuído aos bens patrimoniais em determinado lugar e em determinado tempo. Assim sendo, o patrimônio cultural compreende os elementos que fundam a identidade de um grupo e que o diferenciam dos demais”* (SILVA, 2010, Internet).

Tais símbolos identitários marcam o sentido de pertença e de permanência no tempo, fazendo com que o coletivo do grupo se sinta preservado no futuro, não apenas como um reles traço do passado. Por outro lado, o Rodeio que cresceu e projetou Vacaria, tornando-se, posteriormente, internacional, apesar de ter sido criado em 1958, foi pouco lembrado pelos entrevistados, ou seja, é esquecido. A causa do esquecimento talvez seja o caráter privado da festa. Em seu início, esteve ligada ao Centro de Tradições Gaúchas Porteira do Rio Grande, portanto, fechado aos não associados. Apenas dois dos entrevistados a ele se referiram. Sendo evento de realização mais recente, não ficou registrado na lembrança dos entrevistados. Em geral, esse é destino das festas criadas de forma aleatória e que não fazem parte do patrimônio cultural de determinado grupo.

Vestígios do tempo

Parte III

Recordação e adaptação

*A arte da narração não está confinada nos livros,
seu veio épico é oral.
Ecléa Bosi*

Sobre a memória há ainda um aspecto que deve ser destacado. Quando o tempo de lembrar chega, o homem já pensa de forma ligeira sobre o que já passou. Ele mergulha no caldo de sua memória como um pequeno peixe no aquário. Como constata Bosi, “*o homem que já viveu sua vida, ao lembrar o passado, ele não está descansando, por um instante, das lides cotidianas; ele está se ocupando consciente e atentamente do próprio passado, da substância mesma de sua vida*” (BOSI, 1994, p. 60). Ou seja, está entrando no labirinto de seu passado, que está nos meandros das lembranças.

A “*narração da própria vida é o testemunho mais eloquente dos modos que a pessoa tem de lembrar*” (BOSI, 1994, p. 68), sendo a própria vida a mais valiosa das recordações. Vida que é patrimônio único e intransferível, que guarda em si todas as marcas de um tempo e de um espaço já não existentes, cujo único espaço é o das próprias lembranças.

Bartlett, em estudo pioneiro, levanta a outra questão fundamental, ou seja, a da tendência que os indivíduos têm de adaptar suas lembranças ao que é culturalmente aceito pelo grupo do qual fazem parte. A memória seria, então, uma construção mental mediada pelos comportamentos culturais e pelos hábitos pessoais, em vez de fruto de observações diretas feitas pelo observador por ocasião dos acontecimentos. Assim, as muitas semelhanças entre as lembranças podem ser decorrentes da vivência com esses comportamentos culturalmente aceitos.

A economia desempenha papel mais importante na vida dos homens entrevistados do que, em geral, na das mulheres, onde o cotidiano e a vida familiar estão bem mais representados do que os outros segmentos da vida social. Para as mulheres entrevistadas, o mundo econômico é menos fundamental do que a vida familiar com suas lutas e labutas diárias.

Há ainda a questão da classe social dos entrevistados. As classes são marcadas pelas condições materiais diferentes. Suas casas são melhores, as festas maiores, educação na Capital - pontos que demarcam as diferenças. Tais contrastes ficam claros nas entrevistas. Por outro lado, há valores iguais apesar das diferentes condições sociais. As desigualdades são mais de forma do que de conteúdo, mais de número do que de grau. A pertença e o lugar marcam mais as lembranças do que a classe social.

Os limites da obra definiram as escolhas, muitas vezes delicadas e sentidas. Todos os entrevistados deveriam estar presentes, porque foram as suas lembranças que deram origem a esta obra coletiva. Nas vozes dos entrevistados a seguir apresentadas estão os sentimentos e as descrições de um mundo já inexistente. Algumas vezes ocorrem redundâncias entre o que foi constado e escrito e aquilo que foi dito e recolhido. Como nos relógios e nos dias em que as mesmas horas se repetem, na vida dos homens, fatos, atos e sentimentos passam e repassam.

Foto F. Anello |Foto cedida por Flora Anello



*Major Satyro Dornelles, intendente de Vacaria,
e Clélia Adami, Rainha da Primavera e dos
Estudantes | 2 de outubro de 1940*

Começos de vida

“As minhas primeiras lembranças não são de Vaca-
ria, mas da fazenda. Nós morávamos na fazenda e meu pai era
tropeiro. As lembranças mais lindas que eu tenho são as chegadas
das tropeadas e das saídas, quando ele levava a tropa. Eles levavam
para Porto Alegre - o matadouro era em Guaíba. Quando ele reunia a
comitiva, então, era aquilo que eu via: os peões se arrumando e en-
chendo as bruacas, e a minha mãe fazendo pão, que durava dez dias
(as roscas e o charque). Faziam a paçoca do charque e nós ajudáva-
mos a fazer essas coisas. E, no dia que largava a tropa era de madru-
gada, sempre na Lua cheia! Era assim, um espetáculo tão lindo, que
recordo na minha cabeça até o perfume que eu sentia da flor do
cinamomo, que se mistura com o cheiro do gado. Aquela saída do
gado e meu pai no portão da invernada, contando, porque eram 700,
800 cabeças. Ele contava de uma maneira que eu nunca vi ninguém
fazer. Ele contava assim: 2, 4, 6, 8, 16, 22, 31, e assim ele ia fazendo.
Não sei como ele somava todo aquele gado. E naquele tempo era um
gado muito ‘brabo’.

Hoje em dia, o gado todo é manso, mas naquele tem-
po não era. E ‘daí’, a batida do cincerro, a pessoa que cuidava da
ponta, da saída da tropa... Era a égua madrinha com a tropilha de
animais que eles levavam, inclusive, animais xucros para irem do-
mando no caminho. E aquele cincerro tocando na frente e aqueles
estalos de arreador e nenhuma voz humana. Só aquele cheiro que
você sentia do gado e aquele luar; o dia já querendo amanhecer! Eu
chorava no portão e as minhas lágrimas eram quentes e o meu rosto
frio, porque ele ia demorar trinta dias para voltar. Então, já que ele
estava indo, eu sabia que ia demorar. Isso é uma coisa que eu guardo
muito. E outra coisa linda também era a chegada deles. Na nossa
infância, como era rural, era com isso que a gente se envolvia. Então,
o meu pai tinha um cincerro, depois foi modernizando, já tinha
‘guizeiro’. Um cincerro que botava no pescoço da égua. O outro era
uma guizeira cheia de ‘guizinhos’. Isso veio depois, com a tropa de
mulas, quando começaram a vir as mulas de Sorocaba. Mas, até en-
tão, era só aquele cincerro feito na Criúva (no cincerro tem a data).

Ele sempre voltava na Lua cheia, porque ele levava um mês para ir e para voltar. Então, ele vinha aqui pela Porteirinha, porque ele recebia o dinheiro, a comitiva vinha a cavalo e esperava ele na Porteirinha. Os empregados e a comitiva esperavam ali. Ele vinha de trem até Caxias, pousava no Hotel Prezzi (foi a causa ‘dele’ namorar a filha do dono do hotel). Ele pousava ali para dar uma namorada, depois ele pegava o ônibus e o peçuelo do dinheiro e vinha para Porteirinha. Ali, encilhavam os animais e iam de volta para Vila Ituim, onde nós tínhamos o campo. Tinha os dois rios para passar: o Saltinho e o Te-lha. O Rio Telha fica um pouco mais longe. Quando eles passavam aquele rio e subiam o morro - tem mais ou menos uns vinte e poucos quilômetros de distância da Fazenda a Vila Ituim - já se ouvia o cincerro, nessa distância. Assim, às sete ou oito horas, de noite, a gente tinha jantado, então a minha mãe dizia: ‘O teu pai vai chegar hoje ou amanhã’. E aí nós íamos brincar, íamos pegar vaga-lume; a mãe sentada *assim* na porta da casa e nós pegando vaga-lume. Dali a pouco, ‘ssssh, escute, oh, o cincerro, oh, o teu pai vem vindo’. Aí o que acontecia? Nós corríamos fazer fogo no fogão, matar galinha (naquele tempo não tinha geladeira) e fazer o jantar para ele e a comitiva - os doze homens que o acompanhavam. E aí, então, já se via as roupas de cama para entregar para os peões estenderem as camas deles. Então, enchia o chuveirinho, aquele que tinha cordinha, para ele tomar banho. E o mais lindo eram os presentes que nós esperávamos. Ele sempre trazia, pois ele passava em Porto Alegre e parava no Hotel Yung; acho que não existe mais, mas ele parava lá nesse hotel. E aí, então, ele trazia os presentes e a gente ficava naquela ‘ansiosidade’; a gente com muita saudade. Então, ali terminava. No outro dia de manhã ele pagava a comitiva, despachava; cada qual tinha sua casa, uns moravam perto, outros, longe. Depois ele ia ao quarto e despejava aquele peçuelo de dinheiro no meio da cama, porque ele levava gado dos fazendeiros Teles, do Seu Otaviano Teles, do pai do Otaviano e do Seu Ernesto Hoffmann. Dos Teles, dos Hoffmann, ele levava uma quantia de gado muito grande, aí de cada qual tinha a sua cota de dinheiro. Então, o que ele fazia? Para nos incentivar, ele pegava os maços *assim*, umas notas de quinhentos *desse tamanho*, e nós ajoelhados ao redor da cama ajudando ele a contar aquele dinheiro. Então,

isso é uma das coisas da minha infância, fora as artes que a gente fazia; não tinha outra coisa para brincar. Ele trazia cortes de seda pura para minha mãe e para minha irmã mais velha e para nós ele trazia chocolate Viola - eram uns chocolates que tinham umas capinhas assim com o nome do dono dessa fábrica; era Viola o sobrenome dele. Então, ele trazia chocolates, cadernos, revistas de exposições, estas coisas assim."(Ironita Bueno Guerreiro)

"Eu comecei a minha vida na colônia. Depois, naquela época, era difícil. Meu irmão me convidou. Disse: 'Pedro, venha trabalhar comigo' (numa firma aqui que eu não lembro). Então, eu saí de lá e vim trabalhar em serraria. Isso lá foi em 59. Eu saí de Esméralda, vim aqui no 2º Distrito de Bom Jesus. Foi em agosto de 1959 que assinaram a carteira na firma e eu fiquei ali, onde criei minha família. Fiquei ali até 96. Quando em 96 fechou a firma, me recolhi e fiquei 'curtindo' minha vida em casa. A vida na colônia não era fácil, porque quando eu casei, eu casei novo - eu tinha meus 20 anos. Comecei minha vida assim, com nada [...]. 'Daí', fui lá roçar uma capoeira, fui lá no mato esperar para colher o milho, para começar a enxergar meu dinheirinho do meu suor. Então, naquele tempo lá, eu dependia dos meus amigos vizinhos, que me davam uma mão de um jeito, outro de outro, e fui levando, mas não esqueci o exemplo do meu pai, que me explicava. Dizia: 'Pedro, te cuida, porque a volta do mundo não é fácil, a gente tem que se dar com todo mundo; tem que ter amizade com todos, não botar a mão no que é alheio'. E então, diz 'não roubes nada, se tu precisa de uma coisa, peça, mas não pegue escondido'. E então foi indo assim, não foi fácil. Não foi fácil plantar e esperar o milho para crescer, colher para ganhar o meu dinheiro [...]. Naquela época lá era bom pelo seguinte: se tu compravas uma coisa no mercado hoje, daqui a seis meses era o mesmo preço. Tu podia fazer um negócio no fim do ano: se tu compravas por um valor, no fim do ano era aquele valor, não aumentava como aumenta agora. Agora, hoje é um preço, amanhã vai comprar no mercado já é outro preço. Então, naquele tempo lá a vida era dura. Meu pai se criou na colônia; ele

começou a derrubar o mato ali onde ele tinha propriedade. Ele me mostrava e dizia: 'Pedro, lá perto daquele toco armei uma barraquinha, `daí', comecei a derrubar o mato para abrir espaço, para começar a plantar e fazer a casa'."(Pedro Sandi)

"Até os quatro anos vivi na Vila Ituim. Até tem uma história: de Muitos Capões à Vila Ituim não havia nenhuma `aula` e a causa de minha mãe ter aceito a Vila Ituim era que meu pai era daque-la região e tinha um pedaço de terra, mas era a 24 km da Vila Ituim e a 12 km de Muitos Capões. Era um pessoal de poucas condições, sem qualquer instrução, mas tiveram a capacidade de pressionar os políti-cos para trazerem a `aula` de Vila Ituim para a Fazenda das Laranjei-ras, e foi muito bem aceito. Mas havia um problema: ninguém aceita-va ir para Vila Ituim. Até que os políticos optaram por trazer minha mãe para a Fazenda das Laranjeiras e, assim, Vila Ituim ficou cinco anos sem escola. Minha mãe era professora estadual. A escola existe até hoje: Escola Isolada das Laranjeiras, criada em 1942. Depois, vies-mos para a Fazenda das Laranjeiras, onde o meu pai tinha uma área em que se dedicava à agricultura e à pecuária para complementar a renda da família, que era grande. É o único caso, na época, de um pai que formou no curso superior dois filhos. Depois da Fazenda das La-ranjeiras, eu vim fazer primeiro o colegial aqui no São Francisco, em Vacaria. Naquela época havia o primeiro ciclo, segundo ciclo e tercei-ro ciclo. E para fazer o segundo ciclo tinha de vir para Vacaria. Então, eu fiz o segundo ciclo em Vacaria, já com os mesmos problemas finan-ceiros de Porto Alegre, pois tinha que pagar pensão, tinha que pagar colégio. Morei quase o tempo todo em pensões [...].

A casa de meu pai, no sítio, era de madeira, feita pelo meu avô, que tinha uma família muito grande: 16 filhos. Ele fez uma casa de madeira muito grande, que comportava bem a escola, com vidraça. Vinha a comissão do Estado e sempre aprovava o lugar como a melhor escola que existia em Vila Ituim. Para a escola tinha um salão grande. A casa tinha 200 metros quadrados, maior parte em madeira de ipê, que ainda está lá. Muitos Capões era um local ainda

de difícil acesso, ao menos nessa época. A primeira vila de Muitos Capões ficava a 17 km, 18 km, mas não existiam estradas. O transporte de automóvel era difícil, feito de carreta ou de cargueiro. Não tinha nem água encanada nem luz elétrica. Tinha um fabuloso olho d'água com uma água muito boa, de boa qualidade. À noite eram usados lampião ou vela, conforme a circunstância. Luz foi ter em Vila Ituim faz poucos anos." (João Telmo de Oliveira)

Assim se brincava

“O primeiro Natal, ainda morava no sítio, na casa da minha tia. ‘Daí’, a minha madrinha disse: ‘Não vai lá na sala agora, tem que esperar depois da meia-noite, que o Papai Noel vem trazer um presente’. Depois da meia-noite, eu ansiosa para ver, cheguei lá... uma bonequinha *assim*, imagina. Com isso que eu fiquei contente, porque em casa meus brinquedos eram bruxas de pano que minha mãe fazia com cabelo de lã de ovelha e bordava os olhinhos. ‘Daí’, aquela bonequinha... a gente dizia de celulóide, seria o plástico de agora, mas era bem pequeninha *assim*. Ai, como eu fiquei contente, cheguei lá na sala, aquela bonequinha sem arrumação, sem nada, sem um pacote! Só ela *assim*... minha madrinha colocou em cima de uma cadeira [...]. Foi o primeiro presente que eu soube, assim, o que era Natal. E, em casa, eu tinha meus brinquedos: era a boneca de pano, as louças (a gente gostava quando quebrava uma xícara, uma coisa, que aquele pedacinho, aquele caquinho da xícara, a gente dizia que era louça, imagina!). Uma vez, eu e a Glória, uma vizinha que pegou essa infância também, a gente rindo, dizia como a gente gostava quando quebrava uma louça na casa para a gente dizer que era louça da gente; ‘daí’, a gente fazia a prateleirinha e botava aquele pedacinho de xícara, ou aquela asa...

E a roupa, a gente pegava um retalhinho de costura *assim*, que tudo que era mãe fazia em casa, e botava *assim* e dizia: ‘Vou botar o meu vestido agora pra ir passear’. Pra ver, eu não tinha ninguém, porque eu me criei sozinha e não tinha vizinho bem perto, então brincava sozinha, faz de conta que tinha amiguinha. ‘Daí’, eu botava aquele retalhinho *assim* e dizia: ‘Vou visitar minha amiga, mãe’. Então ia lá pro outro quarto, fazia que era visita, aquele trapinho ali... Eram assim os brinquedos: bonecas de pano. O meu irmão ainda pegou o tal ‘gado de osso’, que são os ossos de quando carneiam a vaca. Eu sei até hoje o que é vaca, o que é terneiro, o que é cavalo porque o Darci tinha a mangueirinha dele, que formava lá fora. Ele fazia de madeirinha, de cavaco aquelas mangueiras e botava aqueles ossos, mas tinha certo o que era, sabia o que era vaca, cavalo, terneiro e tudo, era o tal ‘gado de osso’. Até tem um cantor que fez uma letra, uma música que diz: ‘O tempo do gado de osso’. Eles não tinham

brinquedo também - o brinquedo da gurizada naquele tempo era funda de matar passarinho, que faz da forquilha. Depois, quando eu vim pra cá, já tinha. Eu tenho `mobilinha', até nem sei pra quem que eu dei, porque depois a Vivi não era muito de brincar. Elas brincaram com minhas mobílias. Agora, hoje em dia, ninguém brinca assim, de boneca, de casinha. No tempo da gente era assim. As minhas filhas também brincaram de casinha, se criaram lá no interior também, mas já a minha neta nunca brincou de casinha." (Maria Ilza de Abreu Wolf)

"Brinquedo não se usava, nem tinha para comprar. A gente fazia os brinquedos da gente. Eu tinha uma fazenda que eu vou te contar de linda! Era de `gadinho de osso'. Tinham as bonequinhas que a gente fazia de pano, com os cabelinhos de pelego. A gente fazia o casal e, `daí', não tinha automóvel, então a gente pegava uma caixa de sapato, cortava um papel redondo, fazia as rodinhas. Então sentavam o patrão, a mulher e o esposo; e tinha criancinha, tinha bebezinho. Lá, o sótão da casa era muito grande, então lá a gente fazia as famílias. Os empregados moravam no sótão, mas lá fora tinha a fazenda, então, quando eles iam para a fazenda, ia aquela carteira cheia de gente. E tinha tudo na fazenda: tinha gado, tinha cavalo, tinha potro e, aí, nós fazíamos os galpões *assim*, de cará, com as coberturas. Eu e o Miguel, nós éramos os menores da família, fazíamos a cerquinha, tudo de madeirinha com linha, fazendo (de conta que era) arame e os galpões. E a gente inventava os banheiros de banhar o gado. A gente abria uma lata dessas de óleo, que vinham, umas quadradas, e fazia um buraco, botava a lata cheia d'água para fazer o resvalador, fazia as escadinhas e banhava o gado.

Nós tínhamos cavalos de corrida e os cavalos eram os de cará. Então, a gente furava com prego para botar um barbante para fazer a rédea. Eram esses os nossos brinquedos. E balança nos cinamomos. Botávamos os laços com um pelego e um embalava o outro. Eu botava uma corda na minha balança e outra na dele. Então, ele do lado de lá, e eu do lado de cá; então, ali a gente ficava se balançando... E petiço! Nós tínhamos os petiços que meu pai nos deu e ali íamos para o campo brincar de tropeada. Encilhávamos os petiços e

íamos brincar. Tínhamos os poucos - tudo o que meu pai fazia nós imitávamos na brincadeira. Rádio tinha, mas não se usava muito, porque era à bateria e era de carregar, então a gente inventava os brinquedos. [...] Tinham as brincadeiras de brincar lá fora, brincadeira de roda, tinha várias coisas; uma que a gente chamava de 'bando', não sei por que, mas se chamava assim. Outra que era de dar o pano, que a gente fazia o círculo *assim*, e corria e corria, largava o pano atrás da criança, a criança pegava e saía correndo atrás e tal. Tinha o 'bando' que era uma árvore, aí se corresse, se pegasse na árvore, não podia bater. E tinha o 'bicho', que era assim: fazia a roda, as crianças estavam brincando - era o Canivete Pintadinho; então, a gente fazia a contagem assim: 'Qual é que é o bicho?' Ninguém queria ser, então eles falavam assim: 'Canivete Pintadinho está na barra 25, me engole me engole, este dentro, este fora'. Aí, aquele, dizia: 'Me engole, me engole, esse dentro e este fora'. Às vezes, a gente ia pegar o outro, que tinha que correr. Tinham vários outros brinquedos que nós fazíamos por nossa conta, brinquedo que nós inventávamos. Como a gente grande as crianças iam aos velórios, antigamente, nos casamentos, nos batizados. Então, cada domingo, escolhíamos uma coisa pra brincar. Tinha o domingo que nós brincávamos de batizado, então fazíamos a roupa nova para boneca e a mãe dava umas coisas para fazer o banquete. Se brincava a tarde inteira com aquilo, era muito gostoso. Depois, no outro domingo, tinha o casamento. Aí, tinha a noiva, o buquê, os convidados e, também, o banquete. O véu era a toalha de mesa metida na cabeça da noiva. No outro domingo tinha o velório, que era o mais divertido, porque no velório os parentes que moravam longe iam chegando de madrugada e, quando morria uma pessoa da família, todos os da família iam deitar e quem ficava fazendo o velório eram os vizinhos, os conhecidos. Então, quando um parente chegava bem atrasado, tinha *assim*, o 'choro de escadinha'. E tinha o 'choro de caracol': chegava o parente do morto e o choro da madrugada, quando chegava, era o 'choro de caracol'. Era '*uuuuuhhhh*' [imita o choro]. Fazia *assim* e aí, aquele que estava muito mal, que estava desesperado pela morte do parente, então era o 'de escadinha'; era '*ai ai ai ai*' [imita o choro]. O que mais me impressionava era que iam todos para a cama, dormiam bom sono e, quando eles acordavam é que [...] se lembravam de quem tinha morrido: a pessoa da

família. Então começava aquele choro lá no quarto ‘aaaaai meu Deus’ [...]. E a gente ia velando tudo aquilo. E quando chegava na hora de nós brincarmos de velório, ora, nós tínhamos muito motivo. Era muito difícil quem quisesse ser o morto, porque o morto quase não se divertia, então a gente escolhia. Sempre achava um para ser o morto, então ‘não, vai você o morto, depois, outro dia, eu sou’, e ali a gente brincava. Eu gostava de ser aquele parente que tinha que levar, *assim*, a mãe ou a filha que iam meio que desmaiando ‘ai, meu Deus, ai coitadinho, foi para o céu, me deixou sozinha’. Então, essa brincadeira do velório ia longe, porque às vezes as famílias tinham pelo menos 10 filhos. Então, até passar todos aqueles filhos, era uma brincadeira muito divertida [...]. Minha mãe não achava muito engraçado, mas meu pai ria; meu pai passava por lá, porque a casa era muito grande e tinha uma cozinha de chão enorme, *assim*, para trás, então nós brincávamos ali, e aí, quando ele passava por ali e via tudo aquilo, achava graça. Minha mãe dizia: ‘Não presta brincarem disso, não sei o quê...’ Mas, enfim, a gente brincava. E tinham várias assim: tinham as brincadeiras na escola, na hora do recreio e tinham, depois, aquelas particulares, da família, por exemplo. Nós brincávamos de fazenda, nós mesmos fazíamos as bonequinhas de pano; tinha uma empregada da minha mãe que nos ensinou fazer as bonequinhas. [...] Tinham os ‘gadinhos de osso’ e galpão. Um comadre lá visitava o outro, aí ia lá negociar, ia comprar o gado. Tínhamos os cavalinhos de osso, tinha boi, tinham os reprodutores, que eram os da coluna. Sempre aqueles bem grande *assim*. Então, a gente negociava e o dinheiro era folha de limeira. E a gente escrevia com o espinho da laranjeira ou da limeira. A gente escrevia quanto valia aquela folha. A gente levava o dia inteiro brincando com aquilo de fazenda.” (Ironita Bueno Guerreiro)

“Brincávamos na rua. Na minha época futebol não tinha muito. Só o meu irmão, o Luiz, um dos irmãos mais velhos, que foi jogador de futebol. Os outros não eram. Hoje, por qualquer coisa estão com bola. A gente brincava de se esconder, porque nas ruas tinha muito espaço, então ficava no poste contando até 100 e a turma toda ia se esconder. Você se escondia nos lugares, você entrava por tudo quanto era terreno, nos fundos das casas. Para achar toda a

turma escondida, às vezes, demoravam horas, porque se escondiam nos lugares mais diferentes. Que eu me lembre, no meu tempo, era a brincadeira mais comum. Meu pai era muito ligado em caçar; caçar perdiz. E meus irmãos também eram assim [...]. Nos fins de semana, geralmente, ele saía para o campo com os filhos para pescar e brincar. Eu não, eu ficava mais em casa, porque me cuidavam muito. Fui aluno do São Francisco com quatro anos. Eu lembro que meus irmãos iam para o colégio e para eu não ficar chorando me levavam junto.”
(Carlos Rigotti)

“Fim de semana. O meu divertimento era o esporte, era ir lá na igreja, porque morava longe uns três quilômetros. Ir lá na igreja, então assistir a missa, ir pra casa e, de tarde, tinha a Capela Santa Catarina. Lá era o lugar que se reunia o pessoal aquele, daquele quarteirão. Então, ali tinha jogo de bocha e se jogava carta; ali tinha o terço às quatro horas. Então, a gente se divertia, à tarde, ali na igreja Santa Catarina. O esporte era aquele, era jogar bola. Naquele tempo tinha um time de futebol, sabe, então ia jogar bola lá no campinho. Nos outros vizinhos, nós ‘ia’ pescar, mas era tudo, tudo ali, pois o negócio era tudo de a pé ou de a cavalo [...].” (Pedro Sandi)

Fotógrafo Fernando Anello | Foto cedida por Flora Anello



Flora e Itália Anello e Joni Guagnini - Vacaria, 1929

Arlene, Loraine e Magali

71

Escola & ensino

"Fui alfabetizado lá em Bom Jesus, quando eu morava no sítio, por um professor chamado João Almeida. A escola era municipal. Era a prefeitura que pagava o professor. Então, era tudo numa sala só, do primeiro ao quinto ano. Sempre tinha 10, 12 alunos. Os meus já foram nos colégios, já começaram indo no grupo escolar lá em Bom Jesus. Naquele tempo não tinha essas escolinhas maternais que tem hoje. A criança já entrava no primeiro, começava do primeiro ano em diante. Então, naquele tempo, não se dizia 'ano', se dizia 'livro'. Começava-se no primeiro livro, estudava o primeiro livro. Sabia o primeiro livro de cor, passava para o segundo livro; segundo livro sabia de cor, e assim por diante. Era livro e se estudava o livro, não ano. Que nem hoje, se estudava a tabuada; que nem hoje, aprendia a somar, diminuir e multiplicar. As contas, hoje, se fazem à máquina, mas naquele tempo tinha que 'fazer a conta' e 'tirar a prova dos nove' para ver se estava certa. Tudo tinha de dar zero na 'prova dos nove fora'. Faziam-se as quatro operações na matemática: somar, multiplicar, dividir e diminuir. Até hoje. Como eu compro gado gordo, hoje eu uso máquina para calcular. Mas no começo, era tudo no lápis que eu fazia as contas, juntava o peso. Depois, era multiplicado o valor pelo peso para ver como que dava em dinheiro. E para dar a multiplicação do fundo rural tinha que tirar a porcentagem. Hoje, quando tu pesas a última rês, a balança faz tudo automático.

Na escola tinha castigo. O castigo era a 'palmatória' - era um tipo de pá. Tu abria bem a palma da mão e, pá, a professora dava na palma da mão aquela coisa. Ainda era de ajoelhar-se em cima de três grãos de feijão ou de milho atrás da porta por não saber a lição. Se tu não soubesses a tabuada, 'amanhã', tu levavas castigo. Se tu não soubesses, ganhavas mesmo, porque na aula era um silêncio total. Não é como hoje, entra numa sala de aula e é uma algazarra medonha. O professor não tinha quadro negro como tem hoje, não existia giz, não existia nada. As classes eram compridas - cinco metros e meio cada classe. Quando enchia uma classe, enchia outra, então o professor passava tomado a lição de cada um, de um em um. Se eu estivesse no primeiro livro, ele me tomava a lição do primeiro livro; se

o meu coleguinha que estava sentado junto era do segundo livro, ele tomava a lição do segundo livro. Era a lição do livro, era a tabuada, era a gramática, era a história. Ali era tudo. Era aluno por aluno e estudavam do primeiro ano ao quinto ano todos juntos.

A melhor lembrança da escola era a hora do recreio, porque quando chegava a hora do recreio ia todo mundo lá para fora; então, lá a gente ia brincar, a gente ia jogar bola. A melhor lembrança que se tem do colégio é o recreio. A pior é a do castigo que era o tal ‘do bolo’. Hoje, tu vais ganhar um bolo, dois bolos - o castigo era a palmatória nas mãos ou atrás da porta. Isso aí era a pior coisa que tinha.” (Clodovino Camargo Silveira)

Eu não aprendi nada! Nem ler e escrever. Por causa que: uma, que era longe o colégio. Então iam só os maiores. Meu pai me pôs lá, então um dia a mulher me ‘tacou’ uma régua na testa só porque eu me meti numa conversa que não era pra mim. Quer dizer, não sabia se era pra mim ou não era. Ela mandou aquela pergunta e ninguém respondeu, e eu respondi. Ela levantou da mesa dela e veio com aquela régua e me ‘tacou’ na testa. Aí disse: ‘Por que você respondeu?’ - Aí, eu disse: ‘Mas a senhora não fez a pergunta? Tinha que responder!’. - ‘Mas não era para você!’ - ‘Então, a senhora explicasse que não era para mim que eu ficava quieta’. - E os outros chegaram em casa e já contaram para o pai. O pai disse: ‘Olha, ela não conheceu a mãe dela, que era quem podia fazer isso. Agora eu vou lá’. Disse: - ‘Ela não vem mais, porque a mãe dela faz tantos anos que é morta, ela nem conheceu. E você, que não é nada, foi quebrar a régua na testa dela, ontem’. - Eu disse: ‘Olhe, se ela tivesse me dado mais umas, era melhor, porque, ‘daí’, eu tinha aprendido’. - E ‘daí’, o pai nunca mais me deixou ir ao colégio. Veja que colégio era naquele tempo. Era só um colégio que tinha uma escolinha particular ali. E não deixou mais.” (Elaine Lira de Lima)

“As irmãs eram severas, mas podemos dizer que eram boas – não batiam, não davam castigos rigorosos. O colégio era

bem rudimentar: a mesa esmaltada era bastante descascada e não havia toalha. Cada aluna interna tinha a sua gavetinha onde guardavam doces, mas diziam que era remédio, então as freiras permitiam. A comida, embora farta, não era muito boa e não tinha muita variedade. Salada, lembro só a de alface. Eu não comia nada! O café com leite já vinha servido e era acompanhado com pão e manteiga, só que vinha sem açúcar. Então a minha mãe enchia uns vidros de sal de fruta Eno com açúcar Cristal e as irmãs pensavam que era remédio. Só se tomava bem o café da manhã e da tarde. Levantávamos às seis horas da manhã e às seis e meia íamos à missa na Catedral. No inverno íamos ‘quebrando gelo’. Como era proibido usar calças compridas, o frio gelava as pernas. Só às segundas-feiras ou quando chovia muito é que algum padre, ou o bispo Dom Cândido, ia rezar na capela do colégio. Os castigos eram perdermos algum passeio, não eram castigos corporais. Tinha umas irmãs muito boas: a Irmã Cecília, a Irmã Edviges, entre outras. Levantar cedo era a pior coisa. Tínhamos uma vida de convento - a disciplina era de convento. Quando meu pai vinha à cidade pagar o colégio e nos visitar (uma vez por mês), eu ficava no corredor chorando e não queria cumprimentá-lo. Ele falava comigo, perguntava o que havia e eu lhe dizia que estava com umas feridas doendo. Na verdade, sempre fui alérgica à carne de porco e farinha de milho; infelizmente esses alimentos eram constantes na dieta do colégio.

Em 1942 saí de férias, doente – estava tuberculosa e fui pra um casamento de um irmão meu. Passei a noite toda tossindo. Lá encontrava-se um excelente médico de Antônio Prado, que já era professor de Tisiologia em Porto Alegre. ‘Levem ela para Antônio Prado, que essa guria está com pneumonia’. Eu estava com uma mancha já, no pulmão, depois tive sorte, porque o Dr. César Avila veio a Antônio Prado. Meu pai mandou chamá-lo e, então, me examinou e mudou a medicação, porque não havia antibiótico. O tratamento foi com injeções de cálcio - injeções doídias. Fiquei três meses hospitalizada. Lembro-me de uma enfermeirinha que era meio manca e a minha mãe disse: ‘Se conseguires que ela coma, eu te dou um vestido de seda’. Naquele tempo, vestido de seda era chique. Ela se ajoelhava: ‘Zeca, nem que tu vomites depois, coma, por favor, para eu ganhar o meu

vestido de seda!'

Fiquei um ano me tratando em Antônio Prado e, posteriormente, em Porto Alegre. Depois de um ano de repouso, estação de 'água termais' em Santa Catarina, remédios e boa alimentação na fazenda. Em 1943 meu pai me internou no Colégio Bom Conselho, em Porto Alegre, onde fiquei quatro anos cursando o ginásio. O Bom Conselho era um colégio grande com cursos ginásial e colegial (1º e 2º graus). Várias irmãs com curso superior eram professoras, juntamente com professores leigos. Saindo do Bom Conselho era aprovação certa em qualquer vestibular. Nesta época, era muita decoreba. Algumas alunas decoravam com muita facilidade. Uma, que me lembro, era a Terreza Santana. Nós duas sabíamos tudo, só que ela explicava em poucas palavras e... nota dez. E eu sou meio prolixa, gostava de história bem contada, demorava mais, mas sempre com boas notas também.

Concluí o colegial em 1946, com o segundo lugar - éramos duzentas alunas, quatro turmas. Embora meu pai ficasse vaidoso, não me deixou continuar os estudos. Eu queria fazer Direito, mas como meu irmão Sinval ia fazer esse curso, ele achou que convinha mais a um homem. E acabei desistindo de estudar... Até hoje lamento por eu não ter teimado mais!" (Maria José Guazzelli de Guazzelli Costa)

"No sítio, eu nem peguei escola. Meu irmão que pegou professora particular [...]. Comecei na prefeitura antiga, porque o (colégio) Padre Efrem tinha queimado naquele ano. 'Daí', a prefeitura cedeu várias salas para o Padre Efrem, pois já existia a escola, só que foi queimada. A prefeitura cedeu. Então, meu primeiro ano de aula, meu primeiro e segundo ano, foram na prefeitura. Ali, antes de fazer essa nova - a antiga. Deve ter a foto da antiga lá no museu; minhas primeiras aulas foram ali. Minha primeira professora foi a Dona Bernardina Padilha, que é o nome da escola. Muito querida, ela era uma solteirona *assim*, não era daqui de Vacaria, mas ela tinha uma paciência com as crianças da primeira série! Guardo até hoje a lembrança dela, muito querida. Foi a minha primeira professora; depois tive o Bróglie. Depois, em 36, é que eu passei pro São José. 'Daí', sofri

um acidente de carro - quase morri, `minha querida'. `Daí', interrompi a aula aquele ano e, no outro ano, comecei no São José. Estudei no São José de 36 a 43. Irmãs boas, mas só que era assim: uma disciplina bem diferente. Agora, os alunos possuem liberdade de dizer aquilo que não gostam, o que gostam, o que deve ser, o que não deve. No nosso tempo, não. A gente só obedecia. A prova está aí - que os uniformes tinham que ser abaixo do joelho, de meia `escócia', de sapato. Não podia pintar as unhas pra ir nem em festinha, quando tinha lá. Não podia pintar a unha nem se pintar. Ir simplesmente. Agora, até elas mudaram, né? Mas era muito bom. Foi bom ali, meu estudo no São José - foi a base da minha vida e, depois, da minha profissão.

Depois, saí lecionar em cinco lugares. Naquele tempo, faziam até o sexto ano; tinha o tal exame de admissão [...]. `Daí', os três complementares. Eram ali que tinha pedagogia, que depois ensinava. E não se dizia 'professora', se dizia 'aluna mestra' - 'tirou o diploma de aluna mestra', pois eles davam o nosso diploma. Tenho guardado, ainda, o meu também, mas 'tá' assim, como aluna mestra. `Daí', eu saí o primeiro ano. Houve a classificação das notas melhores, foram nomeadas no mesmo ano, em 1943; a gente se formou em 44. [...]. Eu fui lecionar no interior. No interior, eu lecionei pelo município dois anos, depois, em 45, fui nomeada pelo Estado. Fui lá para Guaporé, num distrito lá que existe hoje. De lá fui transferida para a Vila Ipê e de Vila Ipê fui transferida para Ausentes, onde morei 20 anos. Lá casei, lá criei os filhos; só não nasceram lá. Fazia que nem minha mãe - vinha ganhar aqui. Eu vinha na casa dela, ela vinha na casa da mãe dela. Eu vinha ganhar meus filhos aqui em Vacaria."

(Maria Ilza de Abreu Wolf)

"Eu, veja bem, eu não gostava de escola. Eu gostava mais de brincar e fazer arte do que de escola, mas o meu pai, então, me obrigava: 'Não, tu tem que ir'. Então, eu comecei a ir na escolinha. Quando consegui passar o primeiro livro, passei pro segundo, meio assim, quase rodando... 'Tô moído!'; `daí', consegui passar no segundo, cheguei no terceiro. Naquela época lá, as provas da gente, que davam pra gente fazer o tema, eram numa lousa. Não sei se tu ouviu

falar o que era lousa: uma pedra preta. Então, tirava o tema do livro, copiava ali, no outro dia mostrava lá - 'tá, ta'. Apagava aquilo lá pra fazer outro, amanhã. Eu tinha só um caderninho de quadrinho, pra aprender a fazer os números dentro dos quadrinhos, e outro, de linha simples, pra fazer o tema. Pra escrever eram só dois cadernos e aquela lousa - fazia as contas naquela lousa, algum tema também. Naquela lousa copiava do quadro o que o professor mandava copiar, amanhã ia lá e apagava. No outro dia, ia de novo... Castigo dava: se tu levasse o tema feito hoje, amanhã 'tava' errado, mandava repetir. Senão, o próximo dia que levasse errado de novo, já sabia: eles punham na porta da escola, virado com as costas pra rua, pra todo mundo enxergar. Botavam os grãos de milho no chão, debaixo do joelho e ficava ali. Ficava ali, tinha o seu tempo - era meia hora, vinte minutos. Ficava de castigo ali na porta que, quem passasse na rua lá - 'oh, aquele está de castigo' - e era um negócio sério a pessoa de castigo: aquele lá aprontou! Então, era aquele comentário: 'O fulano, enxerguei lá na porta, estava de castigo. O que é que ele aprontou?'" (Pedro Sandi)

Fotógrafo Clemente Mancuso – Foto cedida pelo prof. Renato Rufino da Costa



Praça Daltro Filho, Rua Ramiro Barcelos, quase em frente à Escola Padre Efrem. Desfile das escolas municipais, em 07.09.1942. A orientadora municipal era a prof.^a Amélia Azambuja, marcada na foto com sua assinatura. Observa-se, à esquerda, o prédio de dois andares - Casa Triumpho -, que por muitos anos abrigou a Casa Magnabosco (hoje a Agência do INSS). Do outro lado da rua - Silveira Martins - existia a casa do Dr. Lydio Fileto de Oliveira (Deltasul atualmente).

Namoros & casamentos

“Eu comecei a namorar ele, era uma menina. Comecei com 15 anos e, com 19 eu me casei. Só podia casar acima dos 18: era lei familiar. Os pais não davam ‘direito’ pra filha mulher casar antes dos dezoito, só depois. Então, eu casei com 19, ‘daí’, eu fiquei mais tempo e ‘dali’, eu fui construir a minha família. Sofri bastante na roça: trabalhar, economizar bastante. Até que, depois, nós fomos morar pra Santa Catarina, pro Mário trabalhar em uma serraria. Ali não deu certo, aí o patrão despachou ele, ficamos de mãos amarradas. Aí, viemos embora aqui pra nossa terra, aqui para São Manuel, que é a minha terra natal. Ali a gente criou os filhos, sofreu; o mais velho, doente. A Alda Rita sempre foi a mais sadia. Depois, a gente veio embora para trabalhar aqui, que ele foi trabalhar no ‘ICM’. Aí, a minha vida foi razoável, até a gente pôde comprar a casa.” (Nair Cechinato Nicheli)

“Eu a conheci lá em Bom Jesus. Sabe como que é: festinha daqui, dali, dia de Corpus Christi, a procissão, aquela coisa do padre e ‘vamos na procissão’. Começamos a nos conhecer e terminamos casando. Fui noivo dois anos, porque quando a conheci tinha 15 anos, ou 16 anos. Ficamos noivos e terminamos casando. Ela é natural de Bento Gonçalves. De namoro foram dois anos e, depois, o noivado. Naquela época, os namoros começavam nas procissões ou na igreja. Ao sair da igreja, a gente saía e ficava na porta da igreja esperando as moças ‘sair’. Às vezes, elas olhavam para a gente, faceiras, e a gente via que tinha futuro. Nos bailes também. Era no olhar, no dançar junto, nas conversinhas, nos recadinhos que um mandava para outro. Nós nos apresentamos: ‘Eu sou fulano, e você é a fulana de tal’ - porque ela era de Bento e eu de Bom Jesus. ‘Eu sou fulano de tal e moro em tal lugar’, e por ali começamos a paquerar e foi indo; a coisa foi aumentando, e você sabe como é... quanto mais puxa, mais espicha. Da família, ninguém foi contra o casamento. Casei com 25 anos e ela com 19 anos. Casei em 12 de fevereiro de 1952, às seis horas

Arlene, Loraine e Magali

79

da tarde. O casamento no civil e no religioso foi no mesmo dia. Então, não se casava na quaresma e nem no mês de agosto. Não se casava na quaresma porque era pecado e no mês de agosto porque era um mês mal visto, coisa da antiguidade. Os convidados para o casamento eram só da família. Teve festa - um jantarzinho no clube 16 de Julho Juventude. Tinha salgado primeiro e, depois, doce. As despesas foram repartidas. A parte dos salgados fui eu que dei, afinal a parte do noivo; e os doces foi a parte da noiva. Eu tenho presentes até hoje que eu ganhei de casamento, na minha casa. Depois do casamento, fomos morar na cidade de Bom Jesus, na casa de uma tia. A tia morava no sítio e a casa dela estava fechada, então ela me deu para morar um ano. Eu morei na casa dela. Aí, nesse ano, nasceu a primeira filha, a Rosângela. Depois, o falecido pai comprou um terreno e eu construí uma casinha que tem até hoje. Depois, eu construí a casa deles - até hoje tem a casa lá em Bom Jesus. Depois, o falecido pai me emprestou o fundo de um terreno para eu construir a casa. Aí, para eu vir embora para Vacaria, eu vendi a casa para minha irmã, a Célia. É dela até hoje. A herança do pai está lá até hoje. Cada um tem um pedaço. O 'roubo de noivas' era comum; tiveram dois casos na minha família: eu tive um irmão e uma irmã que fugiram. A moça 'era roubar' e o rapaz se dizia 'fugir'. Depois, os pais os receberam de novo em casa. Com muito sacrifício, com muita conversa, com 'trololó'. Aí, eles 'iam indo' e terminavam conversando e fazendo as pazes, mas demorava, ia um ano e outro ano. Às vezes, era a mãe e, às vezes, era o pai; dependia muito. Lá em casa, por exemplo, em qualquer um dos dois foi o pai. Meu pai era bravo, severo, então ele não queria que a mãe 'acoitava' ela. Já no outro dia, ela fazia as pazes e trazia pra dentro de casa. Agora, o falecido pai, não. Ele era muito enérgico." (Clodovino Camargo Silveira)

"Os namoros começavam em festas, em bailes. Eu peguei, ainda, o cinema, aqui. A gente ia no cinema, nas tais de matinê, que eram de tarde, nos domingos. Os namorinhos de infância eram assim - na matinê. Depois, 'quando cresceu, quando foi adulta', eram nos bailes. E também nas festas de igreja, com nove dias de festas, ou

era ali na União Operária que faziam. ‘Daí’, faziam tenda lá dentro; faziam com baile. Eram muito bonitas as festas de antigamente. Hoje, os namoros são mais liberais que na minha época. Agora que é muito diferente. Ah, e quando, por exemplo, se dizia de uma moça ‘fez mal’, ela não era digna de entrar na sociedade que nem as outras; de ir num baile. Era tratada separada. Era assim, uma reserva. Não com a família, mas com as pessoas estranhas, sabe? Ela não podia frequentar uma sociedade que nem as outras moças frequentavam [...]. ‘Ah, aquela já foi isso, já foi aquilo’ - era bem assim. Mas naquele tempo era assim: era uma reserva [...]. ‘Ah, aquela lá ela não é bem vista na sociedade porque isso, porque aquilo’. Se casasse, tudo bem, mas se não casasse com aquele, pode saber, era mal vista e ela não podia frequentar um baile, uma coisa assim, sabe, junto com as outras moças. Era assim. Bem no meu tempo de jovem, moça... é, não era só de criança, era já de mocinha *assim*, que eu me lembro disso, que tinha essa reserva ainda.” (Maria Ilza de Abreu Wolf)



Lembrança do casamento de Maria Ilza |Bom Jesus, 1953

“Conheci meu esposo lá em São Judas. Nós éramos daqui, mas fomos morar lá na costa do Quebra-Dente. A minha família foi morar lá, ‘daí’, eu conheci ele. Ele morava um pouco para cima. Morava sim, ‘daí’, ele ‘pegou’ e serviu o exército. Quando chegou, nos encontramos, namoramos e, depois, foi ele que não quis esperar para casar um casamento assim - ‘contratado’. Saímos e viemos casar na Capela da Luz, em Monte Alegre dos Campos. Namoramos pou-

cos meses. Assim, começamos a nos gostar e, `daí', começaram a fazer umas `brincadeirinha' lá, umas `dancinha', e começamos a nos encontrar. A gente ia pela estradinha com facho de taquara aceso, mas os namorados nunca andavam só e se agarrando *assim*... E com um 'facho velho' de taquara para clarear bem a estradinha, para ir nas casas matar galinha, dançar `e tudo'. Namorava em casa e, às vezes, na casa da minha sogra. Também quando eles faziam as `reunião' de gente - eu ia para lá e namorava, mas não `foi' muitos meses. Ele [o sogro] não queria muito, *assim*, por causa da cor - eu era morena e ele bem claro. O velho não era tanto quanto ela, que era `doente mental da cabeça'. Ele tinha 20 e eu 18. A sogra, cada vez `se dá um casamento das filhas, dava ataque nela'. Só três que casaram, eram em sete. Assim, com casamento contratado, saímos de casa; ele foi `me roubar' de noite. Foi de noite: nós estávamos na casa do sogro, lá, e ele me convidou, pois queria demais que eu saísse; `daí', eu saí e, quando eles viram, foi aquele 'tendéu' da velha. Na minha casa não, porque eu estava lá por causa dessa dancinha. Eu pousei lá, com eles, lá no meu cunhado. `Daí', para valer *assim* o casamento, foi uma `maçada' porque meu pai queria fazer um casamentão, mas não deu. Coitado dele! Sair assim escondido dos outros, assim, dos pais, saíam escondido. Nós ficamos um mês assim. Depois, para não casar no mês de agosto, nós nos casamos no dia primeiro de setembro. Era o dia primeiro de setembro. Nós ficamos 53 anos casados." (Tereza Gomes Maciel)

"O namorado da matinê virava o marido. Tinha os `baile' que nós íamos e eles tocavam gaitinhas e nós `dançava'. `Daí', nós íamos à matinê e arrumávamos os `namorado' e ia pra casa. Assim, virava em marido. O pai deixava namorar e, se chegava em casa que nem eu, que não tinha mãe, eu já dizia: `Na minha casa não vai ninguém e você não chega se não for pra casar; senão meu pai não aceita que chegue namorado em casa'. E não tinha essa história de estar de braço, de mão dada, essas coisas não existiam. Nós não tínhamos isso. Comigo não tinha, nem com a minha irmã. As outras já

eram casadas. Às vezes, de vez em quando, ‘roubavam’ a noiva se o pai não queria o casamento. ‘Daí’, eles fugiam. Mas não era muito comum assim. Era lá uma ou outra. Na época, não era de fugir, *assim*, era muito difícil. Não era muito de elas fugirem porque eram muito mais obedientes as pessoas. Não eram que nem agora. Agora, se querem ou não querem, vai do mesmo jeito. Era bem diferente.” (Zuleide Boeira)

“Eu casei. A maior fazendeira da Vacaria casou no mesmo dia. Os ‘autos de praça’, que eram só dois, eram dela e as pessoas que tinham ‘auto’ na Vacaria foram todas convidadas pro casamento dela. Aí, meu pai tinha uma ‘camioneta’, uma ‘chumbicazinha bem jaguara’, e disse: ‘Ah, eu te levo filha, na igreja, né? E os convidados vão esperar lá, né?’ Eu disse: ‘Ah, não pai! Eu não vou na sua caminhonete...’. ‘Daí’, eu disse: ‘Vó (pra minha vovozinha), não tem um jeito da senhora ver se não dá pra eu casar em casa, porque a minha amiga que casou dois, três meses antes de mim, ela casou em casa também’. Porque os carros eram difíceis e as pessoas, depois, tinham que ir ‘tudo a pé’. E aí, a minha avó era co-madre do juiz. O juiz disse: ‘Comadre, não fique nervosa, eu vou lá fazer o casamento da tua neta em casa, eu faço pros outros’. Então, o juiz veio ali, o padre também, e eu não fui na igreja, porque, como é que eu ia sair de casa, só eu na ‘chumbica’ do pai? E era as bem antigas da Vacaria! Essa que era minha amiga, e que eu descobri tudo, porque ela ‘tava’ na rua, conversando - ela disse que nós íamos casar no mesmo dia. Aí, eu nem me lembrei que eu ia ficar sem ‘auto’, sem nada porque [...] Mas ela... ‘foi tudo no dela’. E no meu era só o meu pai, coitadinho, com toda a bondade para me levar na igreja, mas eu fiquei com vergonha de eu entrar na igreja só eu e meu pai [...]. Ah, meu noivo almoçou, tomou vinho, eu acho, e ele não aparecia lá em casa para casar. ‘Não’, aí o irmão dele veio aqui, buscar ele - que podia casar na hora que o juiz chegasse e ele não tinha chegado ainda! - Casei de noiva, com vestido de noiva, e ele também: tinha terno. Fizemos tudo igual como que ia fazer, mas só que tivemos que fazer

em casa. 'Não', porque nós achamos que íamos conseguir com gente, freguesas, vizinhos... E ela foi mais sabida que nós e convidou todos eles para o casamento. Mas eram poucos carros naquele tempo. Os carros eram para quem tinha muito dinheiro. Meu pai sempre 'tinha', eu acho, uma caminhonete. Meu cunhado tinha, mas era um caminhão. Ele trabalhava com caminhão de carga, daqui até o porto de São Paulo. Usavam muitas carroças, sim. Tu sabes que eu vi? Meu marido esteve operado em Antônio Prado e, casualmente, naquele dia, teve um casamento. - Ele sempre dizia assim: 'Olha negra, um dia tu tens que ver como casavam os italianos lá em Antônio Prado. A noiva vinha coisa mais bonita, vestida de noiva, a cavalo, e o noivo vinha por último de toda a turma que vinha a cavalo'. - E, casualmente, eu estava lá na janela do hospital e disse pra ele [que aconteceria um casamento]. E ele disse: 'Então, espere a noiva passar primeiro, não saia da janela'. E aí, eu conheci tudo como ele dizia, mas porque ele me explicou, porque se ele não me explicasse... porque eu tinha 17 anos. Naquele tempo, os pais não falavam o que falam agora com a gente. Agora, até para evitar filhos as mães já ensinam quando são novas, mas naquele tempo não. Eu casei com 17 e meu noivo tinha 27." (Maria Irma Siqueira Rigon)

"Meu enxoval foi muito simples. A minha irmã casou com o filho de um outro fazendeiro, então a minha mãe achou melhor que ela levasse um enxoval bonito para não causar má impressão. Eu, como ia casar com um primo e ficar morando na fazenda com meus pais, tive o enxoval mais singelo do mundo. Nem eu estava interessada no enxoval! Caso faltasse lençol, minha mãe faria mais. Como nós tínhamos combinado de fazer a viagem de núpcias para o Rio de Janeiro, me preocupei mais com a roupa de uso pessoal. Mas, à época do meu casamento, o enxoval causava muita preocupação e era muito bem preparado. Os noivos, geralmente após o casamento, iam para as suas casas ou para as casas dos sogros, como foi o caso da minha irmã. Aí sim havia a necessidade de levar um enxoval completo. Mas eu não tive essa preocupação. Eu só queria

fazer um casamento diferente: fui a Porto Alegre e comprei um vestido preto. Não era de noiva, mas eu achava constrangedor, na fazenda, sair do quarto e ir até a sala pra casar de vestido de noiva! Mas eu não casei de preto, porque não deixaram. A minha mãe e uma prima, que era costureira em Caxias, combinaram tudo: compraram um tecido e fizeram um vestido na medida certa. Quando chegou o dia do casamento, o vestido preto tinha desaparecido e no lugar dele estava um azul. Era um vestido normal, meia canela, meio larguinho, azul claro. Não tinha véu, só um enfeite de flores na cabeça. O padre e o escrivão foram até a fazenda, pois o casamento foi lá. Depois, teve baile com os Irmãos Bertussi a noite toda, porque, embora a casa fosse grande (e até hoje eu tenho a casa), não tinha lugar para todos dormirem, pois eram uns duzentos convidados. Então, teve baile a noite toda - uns deitavam, outros levantavam e, assim, a festa continuava. Dentro da casa tinha uma mesa de doces e frios. E tinha outra casa onde organizaram churrasco, galeto, café com rosca de polvilho, cucas - tudo o que se faz em festas de fazendas. Então, às vezes, as pessoas iam para lá, pois tinha comida a noite toda (tomavam café com doces e salgados). Na festa tinha muitos amigos e parentes. De Porto Alegre veio o chefe do Tesouro, seu Nelson Gusmão, que foi testemunha. Geralmente, os tios que eram as testemunhas. Tinha bastante gente, porque as famílias eram grandes. A família da minha mãe é Duarte - uma família bem numerosa. Meu pai pagou tudo, pois era o tutor do sobrinho (o pai morreu numa revolução). Continuamos a morar na fazenda porque, aí, ele podia ajudar... e eu também!" (Maria José Guazzelli de Guazzelli Costa)

Estradas & caminhos

“Nós éramos em quatro professoras. Cada uma saía daqui e ia a cavalo para a Capela da Luz. ‘Daí’, pagávamos pensão, aluguel e potreiro para os nossos cavalos. A Capela da Luz, agora, pertence pra Monte Alegre e se chama ‘Vila Estrela’. Trocaram de nome, mas sempre ficou por Capela da Luz, em direção de quem vai para Monte Alegre. Dá uns 25 km. A gente ia na segunda-feira e voltava no sábado. Olha, demorava umas três horas [...]. Não fosse três, mas duas e pouco demorava, dependendo do tempo. Um dia, a gente saiu com chuva. Esse episódio eu contei no Correio Vacariense - das minhas andanças, nos lugares que eu andei. É que nós fomos a cavalo, chegamos à frente de um arroio, *ali* no ‘arroio do Viana’ - dá uns quatro quilômetros daqui, eu acho; agora aterraram. Tinha chovido e ele estava muito largo. As outras minhas colegas não queriam, mas eu, como me criei no sítio e tinha a base de andar a cavalo, disse: ‘Não, eu atravesso’. Mas não, onde é que já se viu? Me meti na frente e fui. Elas ficaram esbravejando no outro lado: ‘Agora aquela louca está lá, como é que ela vai sozinha? Não vai!’. Ainda tinha para frente uns 18 km, ‘daí’, foram. Sei que os nossos cavalos nadaram ao passar ali também. Chegamos lá e no fim não teve aula porque chegamos todas embarradas; chegamos atrasadas, mas fomos. Esse foi um dos episódios bons do meu tempo de professora.” (Maria Ilza de Abreu Wolf)

“Eu e meu irmão mais velho íamos a cavalo (dá seis quilômetros) lá do sítio, como a gente chamava, até à capela. A escola era na capela. Então, inverno e verão, nos oito ou nove meses de aula, dez meses, a gente ia todo dia a cavalo. Cedinho levantava, tomava café, encilhava o cavalo e ‘vamo que vamo’ a cavalo: eu e meu irmão. Pequenos, eu tinha uns dez anos e ele onze, saímos cedinho (seis quilômetros dava uma hora e pouco a cavalo), para chegar na hora (sete e pouco) à escola. Essa também é uma cena que

me impressiona bastante. Recordo mais de uma vez: tudo branco de geada. Então, as mãos ficavam frias, os dedos quase encarangavam e os pés também. E por aí vai... A gente ia de botinha, mas assim mesmo era frio. Esta cena da ida para o colégio, a cavalo, chuva, vento... E o pai era muito enérgico: 'Tem que ir, compromisso, vai, monte a cavalo' - e 'vamo que vamo'. E lá nós íamos. Aí, terminava a aula, voltávamos para casa. Chegava à uma ou uma hora e quinze minutos da tarde para almoçar. Tínhamos tomado um café bem cedo. Naquele tempo não tinha merenda paga pelo Estado. A gente levava alguma rosca, algum biscoito e essa era a merenda. Então, são cenas da minha infância e escola lá na campanha. Era muito difícil." (Padre Caetano Caon)

"Meu avô morava naquele sítio que era bem precário (não tinha como tem agora), não ficava perto de estrada geral. E 'daí', a gente sempre vinha no meu avô. Então, o que eu guardei bastante foram as vindas e os passeios, uma vez por mês. Ela [a mãe] vinha na casa do pai dela. Então, o nosso meio de transporte na época, *não sei se você ouviu falar*, era a `aranha` - essas charretes bem antigas, porque as charretes de agora têm roda de pneu e a nossa não. Era de ferro, que nem a de carreta, e não tinha cobertura, só tinha o assento *ali* para duas pessoas ou três, no caso, e atrás, *assim*, para por a bagagem. Tinha lugar *assim* para amarrar nossas `muambas` ali e só. E tinha um cavalo só e esse cavalo, em geral, era bem amestrado, bem manso, pra fazer a viagem. Era nossa viagem - lá, a gente fazia 24 km, 25 km, que era mais ou menos de onde a gente morava até a casa dos meus avós (que a gente vinha uma vez por semana, por mês). E, quando vinha, a gente passava em rios que, agora, existem alguns ainda. Passo da Chácara, que parece que é a origem da Corsan; dos arroios da Corsan [...]. Era `tudo` rio sem ponte e a gente vinha de `aranha` e passava por dentro da água. Então, o que me marcou bastante, uma vez que a gente veio, é que tinha chovido e o rio `tava` bem cheio. Minha mãe (ela que dirigia o cavalo) não recuou: entrou na água e o cavalo nadou. Assim passou quase que a nado ali, com aquele peso ali, então molhou todas as nossas coisas, que eu me lembro bem. Molhou toda a roupa que a gente trazia. 'Daí', chegamos na

casa de um tio meu, que era perto onde hoje é a sede campestre do Banco do Brasil. Então, ali era nossa primeira parada e chegamos ali todas molhadas dessa viagem. Outra vez, a tal de ‘aranha’ na estrada (que era muito pedregosa), virou e caiu, mas o cavalo era manso; ele não deu mais nenhum passo, ninguém se machucou. Eu só chorei muito porque eu mamava, ainda. Naquele tempo tinha a garrafa térmica, já naquela época, e quebrou, e derramou o meu ‘mamá’, que era café com leite que a mãe trazia para a gente. Acho que levava duas horas, três horas, então, até chegar na casa do meu avô, e eu tinha fome. ‘Daí’, eu cheguei me queixando. Minha madrinha que, então era minha tia e madrinha, lembra que eu dizia que, além de frio, ainda tinha fome, porque eu passei frio, que a gente se molhou nessa virada. Depois virou uma vez perto do rio e outra vez na estrada, que estava molhada também, e ‘daí’, a fome, que meu café tinha derramado! Então, assim era o meio de transporte de passeio - eram essas charretes. Os passeios no sítio eram com o carro de boi. Eram as ‘conduções’ que eu conheci (e a cavalo também). Já as mercadorias eram levadas em carro de boi, ou carreta de mula - mercadoria para longe, por exemplo. Meu pai mandava fazer um queijo, lá em casa, e mandavam, parece que era para Sananduva, não sei aonde, que naquele tempo era ‘super longe’ de lá onde a gente morava. Então, ia a carreta com o cavalo e, ‘daí’, trazia o contrário. Levava queijo e charque, e trazia de lá salame, *assim*, essas coisas do produto de Sananduva, que eu me lembro. E o meu avô já mandava mais longe os tais cargueiros, que era na mula: de cada lado uma bruaca, ou cesto, e dentro da bruaca mandava para Torres. Descia aquela serra, que até hoje existe ainda - a Serra da Rocinha - com queijo e charque, e trazia farinha de mandioca, açúcar (que a gente dizia ‘açúcar amarelo’) que era usado pra torrar o café, moer o café em casa - porque era feito tudo em casa.

Lembro-me como minha mãe fazia: ela torrava o café na panela (que eu ainda tenho a panela velha lá atrás, que botei folhagem lá). Ela torrava aquele café ali, queimava esse açúcar, que a gente dizia ‘açúcar mascavo’, e botava o grão naquele açúcar queimado. Depois, ia socar no pilão para fazer o pó e peneirar em peneiras. Era assim o café. Então, os grãos vinham de lá; o açúcar amarelo vinha também de Torres. E a farinha de mandioca e o arroz - que até hoje

ainda se produz o tal de ‘Veneza’; eu me lembro de que eles falavam o ‘arroz de Veneza’ -. Era uma cidade de Santa Catarina que tinha plantação de arroz. Então, eram essas coisas: ia com uma mercadoria e vinham as outras, mas isso era vindo em cargueiro; em cargueiro com mulas, e meu pai mandava a carreta quando era mais perto. Para a viagem, a condução para nós era a ‘aranha’ . Outras pessoas, mais abastadas, tinham carroagem, que era com dois cavalos e um carro maior. Tinham dois assentos: *um assim e outro ali*. Esse eu também ‘peguei’, não de posse dos meus pais. No primeiro ano que eu fui lecionar, também lecionei no interior, e ‘daí’, para gente vir da povoação vizinha, onde tinha a escola municipal que eu trabalhei (na casa dos donos, que eram nossos parentes) era nessa carroagem. ‘Daí’, era diferente. Era uma carroagem mais bonita, com dois cavalos e já tinham dois lugares. A nossa não, era uma ‘aranha’ simples, só com um assento, cabendo três pessoas: meu pai, minha mãe, eu e só. Eu não sei quem fazia as ‘aranhas’, eu só sei que, na minha época ali, é que eu conheci.” (Maria Ilza de Abreu Wolf)

“Os meios de transporte que tinham antigamente eram o cavalo, ou a charrete para a família. A `charretezinha` era uma carrocinha com duas rodas tracionadas a animal. Então, ali cabiam quatro pessoas: a esposa, o esposo e os filhos. Era a condução que tinha para ir para a cidade. Quem fabricava essas carroças eram os carpinteiros. Em Bom Jesus tinha uma `fabriqueta` de charretes. Eu conheci automóvel quando eu tinha uns oitos anos. O primeiro automóvel que eu vi na minha vida era Ford modelo A.” (Clodovino Camargo Silveira)

Foto cedida por Telmo Guizolfi



Caminhão Internacional de Mário Gil Guizolfi, estacionado na rua
15 de Novembro, Vacaria, 1954 |
Carga de toras de Pinheiro, transportadas do 8º Distrito de Vacaria à sede do
3º Batalhão Rodoviário

Medidas:
 $1,22 \times 1,10 = 1,16 \times 5,50$
 $1,11 \times 1,09 = 1,10 \times 5,50$

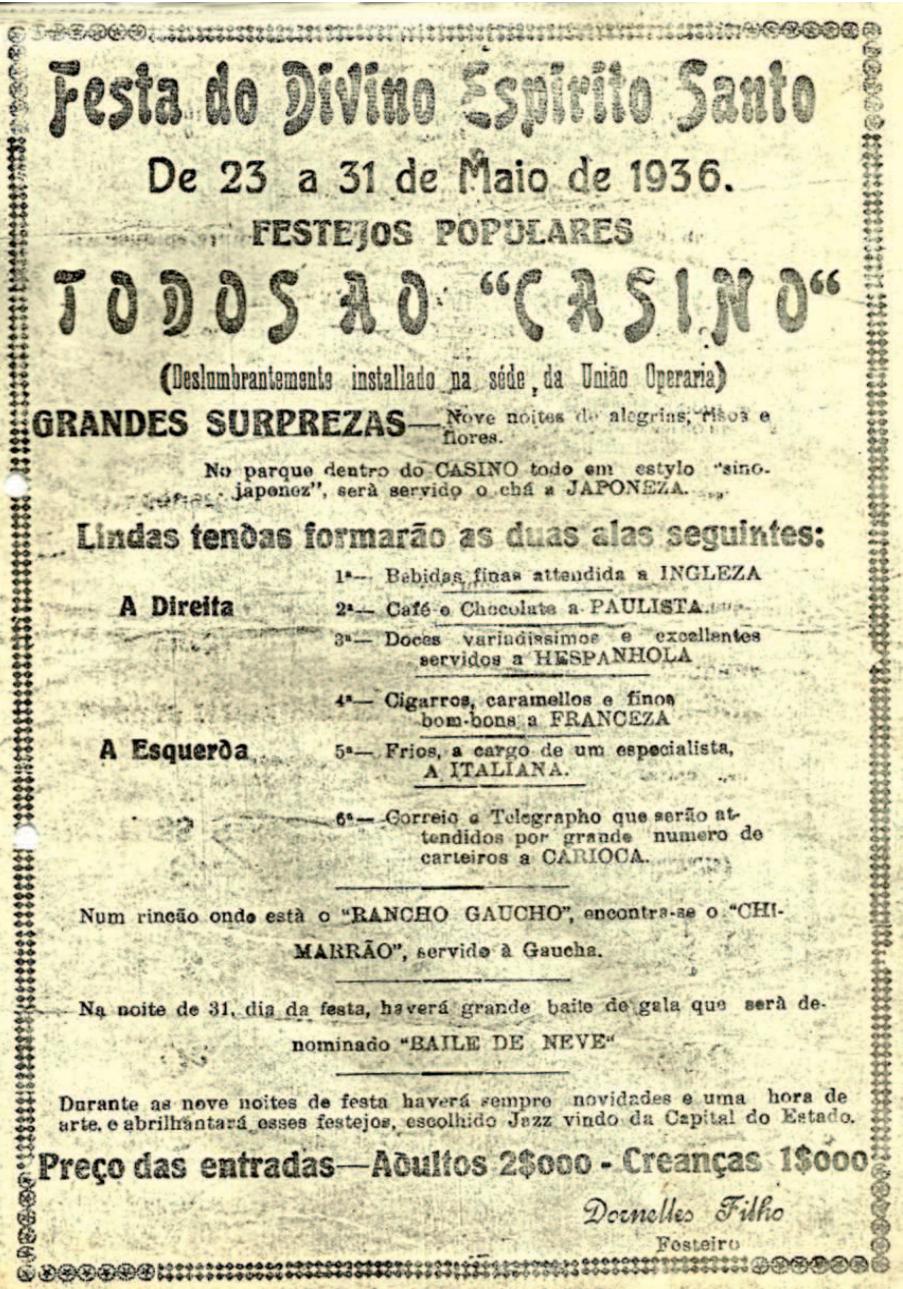
Festas sagradas & profanas

"Tinha a novena. Eu fazia parte do coral do São José, das irmãs. A irmã Cecília, que era do harmônio, foi minha professora de pintura e de canto no tempo de aula; `daí', ela me convidou. Fazia parte das novenas, que eram cantadas. 'Lá em cima' que a gente do coro ia, sabe? Que agora é só de enfeite, não tem nada. Não sei o que fizeram do órgão, o harmônio que a irmã tocava. 'Daí', a gente cantava - todas as novenas eram novenas cantadas. 'Ai', o canto era em latim (das missas também). Depois que passou o padre a fazer a missa em português, mas antes eram em latim, e nossos cantos também. Tem alguns que, às vezes, eu não sei em português, como agora é. Eram dois que a gente cantava: tal de *Salutare* e de *Tantum Ergo*. Eu me lembro, assim, das palavras em latim e não me lembro em português. Às vezes, eles cantam. Eu vejo que a música é a mesma, mas a letra, eu me perco. [...] Agora, ainda existem as novenas, só que não são festivas como eram. Eles faziam o tal de *capitão no mastro*: era uma bandeira bem grande na frente da igreja e uma pessoa era o que cuidava ali e, na semana da festa, saía. Meu pai cansou de ir às casas com a bandeira para pedir 'ajutório'. Levava a bandeira pra benzer. Agora, eles levam ainda a bandeira, às vezes, nas casas, mas não é assim como era antigamente. Naquele tempo faziam as tendas naquela parte vaga da praça, que tinha uma cerca de arame. Então, em 7 de Setembro, as demonstrações do (colégio) São José e do São Francisco - eram só os dois que tinham - e o Padre Efrem, eram naquele terreno vago ali. 'Daí', faziam ginástica, como a gente dizia, *assim*, essas coisas, e a apresentação. Dizer poesia, hastear a bandeira ... era tudo na frente da praça. E no tempo das festas também faziam tenda ali: tenda de doce, 'disso e daquilo', tudo em benefício da festa. [...] Quando era no verão era ali ao ar livre. No inverno era lá na União Operária, que era tudo vago lá dentro. Então, faziam as tendas e lá arrecadavam muito, também. Eram dos dois lados do salão as tendas e era com baile, então era festivo. Ah, era no Divino e na Nossa Senhora de Oliveira. O Divino, quase sempre em maio, e a festa da Nossa Senhora de Oliveira era o dia oito de dezembro, na época. Agora,

eles ainda fazem a de Nossa Senhora, mas é uma novena bem simples, sem música. Tinha banda municipal já naquele tempo. Era com senhores de idade, que tocavam na entrada e na saída da novena, depois, acompanhando os festeiros até a União Operária, onde era o resto da festa. A banda, assim, chamava o público. Ainda mais em cidade pequena, naquele tempo." (Maria Ilza de Abreu Wolf)

"Não se falava em Papai Noel. Depois é que veio, quando nós já estávamos grandes. Quando veio o Batalhão que começaram a falar no tal de Papai Noel. Eu nunca tinha visto, então, `daí' que vi que tinha o tal Natal. Então, vinha gente do sítio, lá, os outros, não nós a cavalo – outros, a pé, para a cidade para assistir o Natal. Eu fui ver bem o Natal quando nós viemos embora. `Daí' sim, mas antes não. Páscoa nem se falava! Tinha um padrinho nosso que ia lá e tocava, um cunhado que tocava, mas eram aquelas músicas que tocavam... rancheira, que nós gostávamos quando tinha rancheira para dança. Quadrilhas também nós dançávamos quando crianças. Quando eles iam lá em casa, nem falavam de São João, naquela época. Festa de São João eu vim aprender aqui na cidade, porque lá não tinha festa de São João. Eram poucos os vizinhos, as casas eram de fazendeiros e era difícil ir visitar. Nós brincávamos com os irmãos em casa, só. Tinha baile no sítio, mas era longe para ir a cavalo. Não era assim como agora, que tudo é fácil. Nem missa no domingo tinha; lá de vez em quando ia um padre. `Daí' era longe - era na Capela São Sebastião, e quando vinha o padre lá, nos domingos, nós íamos à missa... se nos avisassem (nós íamos a cavalo). Meu irmão, que era gaiteiro, tocava, e meu cunhado também. Eles tocavam e nós dançávamos. Tinha a fogueira de São João e, `daí', nós dançávamos. E tinha minha irmã - agora que me lembrei -, tinha a Celi: ela tinha salão, `daí' nós íamos aos bailes dançar; ela mesmo que fazia. O salão era na casa dela. Ela convidava, `daí' era de convite. Convidava e vinham. Fazia os convites como se faz para casamento e convidava as famílias para o tal baile. E dançavam a noite inteira. Tinha a orquestra - bem bonitas as orquestras que eram." (Zuleide Boeira)

“A Festa do Divino, para nós, era a maior festa. Era uma festa que nem hoje, só que nós saímos pelo sítio a cavalo, com a bandeira, com os tambores, angariando coisas pra festa. Quem queria, dava dinheiro, dava uma vaca, dava uma ovelha. Então, nós íamos anotando e, quando chegava perto da festa, abatíamos aqueles bichos. Tinha o churrasqueiro que fazia o churrasco, lá, e era vendido que nem hoje. Lá na festa, tinha um mastro que era fincado - uma madeira com a bandeira do Divino em cima. Então, de manhã cedo, na primeira missa das seis horas, o padre botava os prêmios bem na ponta do mastro, lá em cima. Às vezes, era dinheiro ou outro prêmio, como um relógio, uma joia, alguma coisa... Passavam naquele poste bastante parafina ou alguma coisa lisa para ninguém conseguir subir. Era liso mesmo, às vezes passavam sabão. Depois da missa das 10 horas, então, era a hora do ‘prêmio do mastro’. Toda a gurizada queria subir para pegar o prêmio e lá sempre um subia. Então, aquele que subia era homenageado - não pagava o churrasco. Batiam palmas e, na hora que ele ia descer, eram largados foguetes, aquela coisa toda. Grande homenagem que era feita na Festa do Divino. Depois, lá no salão, era homenageado de novo com palmas e cantoria. Aí, davam os parabéns para ele e tal. Era muito bonito e muito emocionante, porque, para nós, a maior festa que tinha era a do Divino. Era isso aí, era uma coisa muito marcante para nós a Festa do Divino Espírito Santo.” (Clodovino Camargo Silveira)



Folheto da Festa do Divino, Vacaria, 1936

Higiene é a questão

“Banheiro não tinha - era uma bacia grande de zinco (até pouco tempo ainda existia a bacia velha, lá atrás). Aquela bacia que era de se lavar. Em geral, o pessoal que se hospedava, era um dia, dois... então, de banho nem precisava. ‘Daí’, cada quarto tinha uma bacia e um jarro de esmalte. Eu tenho o da minha mãe, do casamento [...]. Tinha a saboneteira, que está guardada, também igual; tinha um pente grande, e tinha o ‘pinico’. Só que o ‘pinico’ quebrou há muito tempo. Nos quartos da pensão, eram brancos esmaltados e cada qual tinha um ‘pinico’. E despejavam... Era serviço da minha mãe. Ela que cuidava. Sempre tinha uma empregada, também, para ajudar. Fazia comida, café... O pão era ela que fazia; às vezes, comprava, mas naquele tempo quase não tinha padaria, ainda. No tempo da minha mãe, ela tinha um forninho ali atrás, aqueles fornos de barro. ‘Daí’, ela fazia pão e bolacha. Ela gostava muito. Eu já não sou muito de fazer bolacha, essas coisas...Pão eu ainda faço, cada 15 dias...” (Maria Ilza de Abreu Wolf)

“Só os ricos tinham banheiro aqui em Vacaria. Os pobres faziam uma casinha de cinco e meio por cinco e meio - uma varandinha atrás, um corredorzinho do lado, *assim*, que hoje chamam de ‘patente’, ‘latrina’. A água era de poço.” (Juvenil Santos)

“Em casa todo mundo tinha tanque. Aqui no Uruguaizinho tinha muita gente que vinha lavar roupa. A água do riacho, ali, era limpa. Lavavam nas épocas de seca. Não era bem no córrego, mas era cheio de banhados e tinha um lugar aberto onde as águas eram mais puras; então ali lavavam roupa. Da época das secas, eu me lembro da minha avó Eustácia, que tinha pensão - iam lá para lavar lençóis. Tinha um carreteiro que levava a minha madrinha. Tinham as empregadas, que levavam lá no Carazinho, de manhã, naquelas descidas . Lá havia água permanente. Mas era uma viagem: ficavam o dia inteiro! Faziam até comida enquanto lavavam

os lençóis - essas coisas da pensão da 'Sia Eustácia'. Quando eu era guri e avisavam que vinha gente para a pensão, a gente corria com a cadeira para elas descerem do selim, porque vinham a cavalo, geralmente. Quando vinha mulher, então, vinham de selim. Eles marcavam, diziam `tal mês eu vou lá'. A Vó Juentina era uma que vinha todo mês, porque ela era professora - uma das primeiras professoras formadas e nomeadas lá no Ituim - e ela vinha para receber o `ordenado' dela. Então, minha avó Eustácia já esperava a Morena - a chamavam de Morena - `está na hora da Morena vir'. Então, quando ela chegava, eu corria com a cadeira lá para ela descer do selim e, depois, já tinha o `negrinho', empregado - era ali onde era o antigo Carbonara. Embaixo tinha um porão que era como se fosse a garagem. Ali ficavam os cavalos. 'Daí', ele pegava os cavalos e vinha trazer nos campos, aqui no potreiro, soltar os cavalos. Tinha um empregadinho para isso, para carregar os cavalos. E outro detalhe que é importante: tinha o `cabungo', que era tipo de umas pipas que botavam nos banheiros, e as pessoas todas iam defecar ali. E, aí, vinha um carro buscar. Tinha uma carreta da prefeitura - isso ali por 1937 - e colocavam lá no Uruguaizinho. Para lá do Batalhão tinha um lugar para despejar dentro do rio e lavar, para depois colocar nas casas. Muita casa, ainda na época do Batalhão, tinha as `casinhas' lá fora. Esse negócio durou muito tempo aqui em Vacaria. Depois, quem tinha banheiro dentro de casa era um luxo. Isso, só depois que encanaram a água, depois do Batalhão." (Carlos Rigotti)

Epidemias & doenças

"Sobre os remédios, então... tudo era longe, muito longe. Uma coisa que eu achava importante: bem perto da fazenda do meu pai, era mais no descer da Vila Ituim, tinha um farmacêutico que era alemão. Depois de muitos e muitos anos, descobri que ele era um grande médico, que veio por causa da guerra se esconder na Vila Ituim. Ele bebia muito, mas bebia muito mesmo; mas ele `acudiu` muita gente. Veio sozinho da Alemanha - era um enorme de um homem e era compadre da minha mãe e do meu pai - Então, qualquer coisa que acontecia chamavam o Seu Sadi para `acudir`. Se chamava Sadi Marks. Ele dizia: 'Eu me chamo Sadi Marks, número um'. Muitas pessoas o conheciam. Ele tinha um laboratório na farmácia dele, e tinha aquelas cobras dentro dos vidros (quantidade de cobra). Ele tinha o laboratório com aquela tigelinha, aquelas coisas... Ele tinha um livro enorme, que ele `fazia`. Ele abria o livro e, conforme a doença que a pessoa tinha, fabricava o remédio. Muitas coisas que o Seu Sadi fazia até hoje existem, como permanganato, contra infecção. [...] Mordida de cobra, de bicho, então, era com o Seu Sadi. Tinha, também, aquelas pessoas mais antigas que faziam os chás; faziam muitas coisas que curavam as pessoas (como dor de cabeça, fígado, tudo o que eram esses incômodos que as pessoas têm). Para cada dor tinha a erva especial para fazer o chá. Não se usava mesmo ir ao médico, nem tinha [...]. Como é que as pessoas iam se abalar? A cavalo, setenta quilômetros para vir aqui na cidade, não tinha como. Tinham as parteiras que trabalhavam naquela época, *assim*. O Seu Sadi, esse farmacêutico, não fazia parto, ele não gostava. Ele dizia que `remédio era para dar`.

"Isso aconteceu com uma tia minha: o marido dela era aqui de Lages - Ramos Rosa - um fazendeiro riquíssimo. Ele era muito chique, de chapéu Prada, *sabe*, com aqueles barbicachos. Então, toda vez que ela ganhava nenê, minha mãe ia lá para ajudar. E aí, ela foi ganhar o nenê e nada do nenê nascer. Então, botaram o chapéu do marido na cabeça da parturiente para dar força - era uma simpatia. Então, você imagina, minha tia, uma mulher enorme *assim* sentada! Botavam a `quarta`, não dava, que ela era muito pesada. A

‘quarta’ era um quadradinho de madeira, e a parturiente ficava de cócoras ali. O nenê nascia, quer dizer, a parteira aparava a cabecinha, assim, para não bater. Mas você veja bem a figura da minha tia - ela era uma mulher bem grande, morena, assim, se debatendo com a dor do parto, com aquele chapéu de barbicacho. Era muito engraçado. Às vezes, o marido andava lá nas caçadas, nem estava sabendo que a mulher ia ganhar o nenê.” (Ironita Bueno Guerreiro)

“Contam que teve a febre espanhola. Dava uma febre naquele tempo e não tinha recurso - não tinha nem hospital. Naquele tempo o médico ia à casa do doente, não o doente na do médico. Não tinha remédio, pouco recurso, matava fácil e era uma febre que não tinha quem curasse. Então, usavam para essa febre ‘braba’ o tal de ‘sinapismo nas pernas’: se moía uma semente de mostarda e punha para ferver com farinha de mandioca. Se fazia um pirão grosso e, então, botavam num pano que amarravam na barriga da perna, ficando vinte e quatro horas, um em cada perna. A homeopatia, a *Belladonna*, o *Arsenicum álbum*, a *Nux Vômica* e outros remedinhos de homeopatia eram os remédios que se tinha. Compressa de salmoura se usava muito: salmoura quente para tirar as dores de batida, de um corte. Se cortava a mão, dedo, alguma coisa, até que chegasse o médico e tal se botava sal ali pra evitar uma infecção. Havia bastante simpatia. Isso existia bastante! Existia benzedura - era comum mandar benzer. Inclusive, a falecida minha mãe benzia de ‘rendidura’. Quando alguém se ‘rendia’, ia benzer e parece até que resolvia. Dava ‘sapinho’ na boca das crianças, a falecida mãe benzia e curava. Essa que é a história. Lá em Bom Jesus ela curou o filho de um médico, ‘de sapinho’. O médico não sabia o que fazer - levou lá na mãe, para ela benzer, e ela curou o filho do médico, de ‘sapinho’. Eu acredito muito em simpatia. Quando precisava de um médico levavam o médico a cavalo para o sítio. Os médicos de lá eram cavaleiros, levavam a cavalo para o sítio - o médico, com a sacolinha de coisas dele... não tinha o que fazer.” (Clodovino Camargo Silveira)

“Falam muito nas epidemias antigas... Lembro de falarem sobre uma que foi muito devastadora: a gripe espanhola. Onde morava o meu pai, hoje Campestre da Serra, morreu muita gente dessa gripe, na época. Eu me lembro do meu pai contar. Até ele teve a famosa gripe espanhola! Mas havia outras situações de risco que a população passava, e quase não havia remédio. Tinha injeção para picada de cobra e também para crupe ou difteria. Era uma infecção viral que trancava as vias respiratórias. Hoje já não existe mais esta doença, porque há vacina. Às vezes, vizinhos vinham à nossa casa pedir ajuda, quando alguém tinha sido picado por cobra. Então, meu pai pegava o cavalo e as injeções e ia aplicar nas crianças e, também, ensinar os colonos como é que tinham que cuidar dos doentes. Ele salvou muita gente! Tinha remédio (uma injeção separada) para as ‘crotálicas’ [serpentes], pois o veneno dela podia deixar a pessoa cega. E ainda tinha a jararaca e a cotiara. Ele ia sempre renovando as vacinas no posto. Eu não estou lembrando de ter outras epidemias... Eu perdi um irmãozinho desidratado. Morria muita criança! Minha mãe teve onze filhos, mas só se criaram sete. Um faleceu em acidente, mas os outros três foram de doenças: um foi do coração, o outro de desidratação, e a outra de infecção na perna. Depois, quando vieram médicos para Vacaria, tudo começou a melhorar.

A minha avó receitava homeopatia. Ela trabalhava na loja do pai dela e aprendeu com ele. A homeopatia cria resistência, ela é específica pra resistência. Usavam muito pra criança, principalmente para vômito e diarreia. Quando eu era pequena, minha mãe tirou um retratinho meu, onde eu apareço deitada, pois estava doente. Ela pensou: ‘Vamos tirar o retrato, que essa vai morrer também’. Então, ela tirou um retrato para ficar de lembrança. Depois, ela me contava tranquilamente! Eu estava com coqueluche. Ela não sabia o que era e faltava muito recurso. Eu acho que muita gente perdeu filhos por falta de médicos e remédios, naquela época. A Siá Maria era uma senhora que me amamentou depois que secou o leite da minha mãe. Ela morou na minha casa até um pouco antes de morrer. Ela contava que um dia chegou um homem na casa dela e pegou no colo

a sua filha, que era bem pequena. Esse homem contou que a filha dele tinha morrido de crupe. Então foi agradar a criança e passou esse crupe (que é a difteria) para a filha da Siá Maria. Outra epidemia que atingiu a população daqui foi a varíola, que matou quase a metade da população. Eu conheci gente curada da varíola, com a pele, principalmente do rosto, toda ‘furadinha’. Meu pai contava muitas histórias sobre doenças e epidemias, mas quem contava mais eram aquelas pessoas antigas que trabalhavam na fazenda.” (Maria José Guazzelli de Guazzelli Costa)

Assombrações & simpatias

“Um caso de assombração que foi muito falado aqui em Vacaria foi à época do Dr. Alfredo, onde hoje estão os Bombeiros. O Dr. Alfredo Borges morava ali e eles tinham uma enteada, que depois acabou casando com o Dr. Alfredo Borges. Lá era horrível, era famoso aquilo: assombração que aparecia, derrubavam porta, faziam barulhos. Ele era um advogado muito competente e fez a partilha quando meu pai morreu. A moça, depois, engravidou dele. Outro caso: sabe onde é a Padaria Italiana? Na frente da Padaria Italiana tinha uma mansão de alvenaria que tinha um jardim. A Ivete Mondadori era menina e ela cuidava de mim quando a mãe ia sair. Ela me botava dentro de uma pilha de pneus, que recém estava aparecendo em Vacaria, para eu ficar quieto. Às vezes, a gente ia à frente daquela mansão e meu pai ficava danado porque lá dentro daquela casa tinha gente com lepra. Naquele tempo essa coisa morfética era muito perigosa. A casa deveria ter sido uma mansão maravilhosa, que era dos parentes do Dr. Alfredo. A casa tinha tipo de uma sacada e essa sacada tinha uns pilares que formava um nicho embaixo, e tinha umas janelas. A Ivete nos levava lá e nós ficávamos perto da grade. O pai aparecia na porta da padaria, assobiava para mim e fazia sinal, e eu subia correndo. Ele dizia: ‘Não quero que vá lá!’ - assustava a gente. Dizia que tinha monstros e, com o tempo, eu fui saber que lá tinha gente com lepra. Não sei se era uma família de leprosos, ou uma gripe, ou uma doença infecciosa. Mas o pai dizia ‘lá não pode ir’. Era uma doença que todo mundo tinha medo. Era uma família aqui de Vacaria, agregados do Dr. Alfredo. A casa era discriminada. Não sei se era discriminada pelo meu pai, mas ele não deixava ir lá. Então, criei aquela coisa e depois nunca mais se construiu naquele local.” (Carlos Rigotti)

“Para curar a criança das ‘bichas’ a gente soca bem as folhas do pesseiro e de hortelã e coloca umas gotinhas de vinagre. ‘Dai’, pega aquela pasta bem socadinha e coloca em cima do umbiguinho da criança. Era assim. Agora, a gente faz o chazinho de

hortelã e benze também. Quando a gente sabe que uma pessoa sabe benzer, manda benzer, mas uma vez se fazia o emplasto para colocar no umbiguinho deles e amarrar uma faixinha - podia ser grandinha - e a criança melhorava. Assim, botava dobradinho pra não ficar solto no umbigo." (Tereza Gomes Maciel)

"Tinha muita simpatia, muita benzedeira. Para dor de cabeça era usado `tirar o Sol da cabeça': botavam uma toalha e uma garrafa com água em cima da cabeça. Se aquela garrafa começasse a borbulhar, era que a pessoa estava com insolação. `Daí', usavam muito isso aí, o `tirar sol da cabeça', e a benzedura. Acontecia de borbulhar água, porque, às vezes, tinham pessoas que trabalhavam muito no Sol, na lavoura, e pegavam a tal da insolação que diziam. Pois é, nós, no colégio (que naquele tempo era aula de manhã e de tarde) - todo mundo usava o chapéu de palha. Eu me lembro tão bem: um chapéu de aba bem grande. Cada um queria ter a fita melhor amarrada ali. [...] A gente vinha às onze e meia, almoçava, à uma e meia voltava. No meu tempo era assim. `Daí', aula não tinha de tarde na quarta-feira e no sábado. Era quando eu ia aprender a pintura: tinha duas horas de pintura nos últimos dois anos que eu fiquei na escola. A Talita teve muito `sapinho', mas aí eu desacreditei nas benzedeiras, porque com ela não deu certo. A Dona Madalena, parteira dela, é que mandou comprar um pó. Não sei como era o nome do pó para por na língua. Porque aquelas que faziam benzedura, diziam: `É hoje, e na terceira vez vai sarar'. Mas não sarava. Agora, ali onde eu morei, em Ausentes, tinha uma que era de `todo mundo'. Eu nasci aqui perto e, depois, já morava na cidade, dizia: `Não ganho lá sem recursos'. Eu tinha medo. Mas quantas pessoas de lá tinham parteira! Tinha uma morena velha - ninguém morreu nas mãos dela. Exame a gente fazia no começo. Eu, por exemplo, fiz no começo da gravidez e depois, nos dias de ganhar, quando estava no último mês. Não tinha acompanhamento nenhum. Por exemplo, eu, que não casei nova, casei com 27, e meu marido (também era bem esclarecido), a gente sabia certos cuidados que a gente tinha que ter." (Maria Ilza de Abreu Wolf)

“Tinha vários tipos de simpatia. Aí, nascia a criança e não podia apagar a vela até fazer sete dias para não dar o bruxismo. Tinha que batizar primeiro, e depois apagar a vela. A primeira fraldinha tinha que jogar lá em cima, no mato, nas árvores, *assim*, bem em cima, para não dar cólica na criança. A parturiente, depois que ganhava o nenê, já era enfaixada, bem enfaixada com uma toalha bem grande *assim*, e só tomava caldo; não podia se alimentar de outra coisa para não ficar com o corpo feio. Então, simpatia tinha muita, como aquela do umbigo da criança. A gente dizia assim: ‘O que tu quer que teu filho seja? Fazendeiro’. Enterrava na porteira da mangueira. E se você não quer que ele seja fazendeiro, você quer que ele seja médico, então você vai enterrar ele lá em cima do morro onde tiver uma árvore bem alta. Você vai lá, faz um buraco bem fundo e enterra lá. Também para as meninas (porque naquela época - estou falando bem antes de mim - que eu estou contando coisas que eu vi quando era criança): a filha mulher não era bem-vinda por causa das revoluções, por causa de que elas tinham que ser sempre muito amparadas - o homem ia pra revolução e a mulher tinha que ficar escondida. Então, naquele tempo, nascer a filha mulher não era bom pra família porque quando ela ficasse mocinha, podia se apaixonar pelo peão da fazenda; ia dar muito incômodo. A filha mulher não era bem-vinda e a minha avó paterna, que morreu com mais de cem anos, cada neta que nascia, ela dizia: ‘Ah meu Deus do céu, só nasce mulher pra sofrer; mulher só nasce pra sofrer!’. Ela tirava como exemplo a vida dela, que ela fez duas revoluções e tinha que esconder os filhos, tinha que esconder a comida e tinha que esconder os animais. Então, diz-se que a mulher e a coragem que ela tinha, era uma coisa fantástica! Ela não tinha medo de nada. De nada desse mundo! Ela fazia lança - ela mesma fazia o cabo e pegava *assim* uma grossa, e groseava. Sabe essas tesouras de tosquiador animal... tinha, lá, umas quebradas. Então, ela fazia uma lança e botava uma atrás de cada porta. Eram as coisas que ela aprendeu na revolução para defesa. Então, ela sempre contava assim, dos ataques, e coisas que achavam na vida dela... Então, a mulher não era bem-vinda naquele tempo.” (Ironita Bueno Guerreiro)

“Quando minha mãe morreu (eu não a conheci), quem me criou foi uma de suas irmãs. Quando ela casou, meu pai também morreu. Antes de morrer, ele me entregou a uma das irmãs, que me criou e me cuidou. Ali era assombrado, a gente via. Eu era pequena e ela ia cuidar de um parente doente. E ‘daí’, deixavam eu e as crianças deles em casa, de noite. Eu já tinha percebido, mas não sabia o que era aquilo: ouvia aqueles barulhos, mas não sabia ‘o que’ fazia aquele barulho. Eu sempre falava para eles, e diziam que eram os gatos no porão a fazer barulho, o cachorro... e eu teimava que não era. Quando foi um dia, o marido dela veio, meio calmo, passear na casa ‘duma’ irmã dele. Ficava longe da casa dele, veio para pousar. Quando foi ver, ela tinha medo, nunca vi mulher mais medrosa que aquela. Quando nós nos deitamos, começou um assobio dentro da sala, um que assobiava. Eu não vi, mas ela viu. Quando foi de repente, eu dormia em outro quarto, aí ela me chamou: ‘Escute que tem um ali na sala assobiando’. Eu disse: ‘Não tem, não tem, eu não vi’. Foi quando deu aquele monstro assobiou bem alto, que ela me chamou para ir lá e não abria a porta do quarto dela. ‘Daí’, eu disse: ‘Mas abra a porta, como é que eu vou entrar aí?’ Eu vi quando ela deu um salto lá da cama lá na porta. Dizia: ‘Escute que ele dá outro assobio de novo’. Deu outro. Disse ela: ‘Eu vou chamar um dos cunhados (que morava mais em cima) pra vim buscar nós, eu não vou ficar aqui’. Aí, ela chamou aquele rapaz; ele veio. Para fechar a casa tiveram que fechar tudo por dentro (não era casa de chave, era casa de tramelas), *assim*, de madeira. ‘E daí’, naquele tempo, ninguém mexia nas casas, então fazia uma tramelinha lá por dentro e por fora. Se saíam, tramelavam do lado de fora, ou senão tramelavam tudo por dentro e desciam a janela pra aquela pessoa sair por ela. E eles me deixaram dentro daquela casa, para eu fechar a janela. Me pegaram lá na janelinha mais baixa e, ‘daí’, quando eu botei o corpo para fora pra eles me pegarem, alguma coisa me tocou e me empurrou pelos pés. E ‘daí’, ainda olhei e disse: ‘Olhe, ele me empurrou aqui!’. Aí, no outro dia, antes de clarear o dia, ela me chamou para eu ver se não era gente, eu tinha entrado lá para a assustar, para pegar coisa dentro de casa. Aí fui, mas estava escuro, não era dia ainda. Fui lá, olhei por tudo - não tinha nada.

‘Daí’, ela chegou e eu disse: ‘Aqui ninguém entrou, aqui ninguém mexeu em nada. Acho que era uma representação tua que viu você subir’. Eu sabia o medo que ela tinha, então não queria que desse mais medo ainda. E sempre aparecia na copa da casa lá, na cozinha e no corredor, no meio. Então, os de lá da casa, os cunhados e sogra viam... Viam uma velinha acesa que rodeava a casa e cruzava naquele corredor e passava bem na porta do porão, embaixo. Era onde que eu via os ‘tal’ de barulho, de noite. Era só a vela. E contam que eles viam só a vela. ‘Minha Nossa! - disse - Agora que essa mulher não vai ficar aqui’. Aí, depois que eu saí de lá, eles ficaram morando naquela casa. Mas depois ‘começou a morrer’ os pais deles, a mãe, todos. ‘Daí’, não ficaram mais lá. Não sei como acabou, não sei dizer, porque depois que eu saí de lá, não fui mais lá. Não ouvi dizer.”
(Elaine Lira de Lima)

A Siá Chica e a Cecília contavam histórias amedrontadoras. As histórias davam medo na gente: caía a mão de um, coisas assim... Tinha o tio Temo, um homem muito contador de histórias interessantes. Até estava escrevendo as histórias dele, mas para ter graça tinha que ser na linguagem dele. Ele dizia que os palácios dos príncipes tinham ‘bardrame’ de ouro [na linguagem do tio], que os bancos eram de ouro, que não tinham cadeiras e o príncipe passava a bandeja de sequilho para as moças. Ele adaptava as histórias de príncipes, de castelos, de muito ouro, para a nossa realidade. Ele era um capataz que morava num terreno dos meus avós e um dos responsáveis quando tinha a Festa do Divino. Ele ia com a bandeira visitar todas as fazendas para pedir contribuições para a festa. Ganhava bois e outras doações de acordo com as posses da cada família. Ficava em cada fazenda dois ou três dias com a bandeira, depois ia para outras casas. Já em relação à Sexta-feira Santa, o único hábito que se tinha era que não tiravam leite das vacas. Era tirado só na véspera. Ah, e também não se batia a roupa no sábado, porque diziam os antigos que se estaria batendo em Nossa Senhora. Quanto à Páscoa, não era comemorada lá em casa; só era respeitada a Sexta-feira. Depois que nós viemos do colégio é que começamos a comemorar a Páscoa.” (Maria José Guazzelli de Guazzelli Costa)

Saberes & fazeres

“Eu me lembro quando trabalhava nessas fazendas. Eu tanto tropeava com a tropa de animal, quanto tropa de boi. Nós comprávamos de uma fazenda e levávamos para a outra, para depois, aquele que comprou, vender em outro lugar. ‘Daí’, naquele tempo, nós levávamos em Capinzal, mas nós levávamos até a metade da estrada e, depois, o dono dos bois pegava e levava para onde fosse preciso. O número de tropeiros era de acordo com a quantia de bois. Que o certo da gente tocar é 50 bois para cada cavaleiro, então cada pessoa toca 50 bois. Se estamos com 100 bois com dois dá para tocar, tinha que pousar na estrada. Nós achávamos um lugar onde o corredor era bom, que tinha água para os bois ‘beber’. Então, lá pelo Morro Agudo ficava um corredor. ‘Daí’, um ficava mais ‘para lá’ atacando os bois para não irem nem pra lá nem pra cá, para, no outro dia pegar os animais e eles tocarem todos ali - que o boi, a gente toca ele. Ele cansa e quando chega ali pelas oito horas a gente pára e todos deitam. Se ninguém fizer um barulho meio grande, no outro dia, de madrugadinha, eles começam a ‘levantar’. Que luta com aquelas coisas naquele tempo! Tinha que levar a tropa de animal, de revezar, melhor dizendo. E um animal levava o camboio, que era a boia. A gente tinha que levar tudo e cada qual levava seu prato, sua xícara, porque nesse serviço *assim*, geralmente, tem um que é o patrão, não é? Porque aquele que é o patrão tem que conhecer os lugares para saber onde que nós podemos pousar com aqueles bois. Às vezes, a gente se obriga a fazer um pouso cedo porque de noite não tem onde ficar. Porque só a luz do dia e da noite que era a Lua que tudo ‘clareia’.”
(Eliziário Vieira de Jesus)

“Fui tropeiro desde guri, era o madrinheiro, porque toda tropa de mulas tem a égua que é a madrinha das mulas, que tem um cincerro - que é aquele sininho que se usa no pescoço da égua. Por incrível que pareça, as mulas obedecem a batida daquele cincerro. Uma égua madrinheira é madrinha das mulas e as mulas a adoram. Chegam a brigar quando soltas no campo - cada uma quer pastar

mais perto da madrinha. A tropa era o único transporte que tinha. O falecido pai tinha armazém e para transportar a comida lá para vender para o pessoal tinha que ser com tropa, não tinha outra maneira. A família já trabalhava com isso, então nós descíamos para Santa Catarina para buscar arroz, feijão, rapadura, cachaça, farinha de mandioca para vender no armazém. Fui tropejar com oito anos e fui até que deu, até que nós tínhamos armazém, até casar. Eu tinha mais ou menos uns 24 anos. Depois que casei, ainda tropeei um pouco. Eu tinha uns 30 anos, mais ou menos, quando parei de tropejar. Parei porque vim para Vacaria lidar com máquinas agrícolas. Então, aqui não tinha tropas, não tinha nada. As tropas começaram a declinar quando chegaram os caminhões. Aí começaram a arrumar as estradas e começou o transporte rodoviário. Cada caminhão carregava mil quilos de carga e gastava um dia inteiro para ir daqui a Bom Jesus e mais um dia inteiro para ir de Bom Jesus no sítio onde nós tínhamos o armazém. Os animais foram transportados em caminhão boiadeiro.

Foi em 1960 quando começaram a transportar o gado embarcado, não a pé. A tropa era um grupo de mulas e de burros. É chamado de tropa um grupo de 12, 14 mulas. Essas mulas levavam arreios, cangalha, bruacas. Eram ‘aparelhos’ de couro feitos à mão, artesanal. Em casa era feita a cangalha, a bruaca e todo o resto. Então, se fazia a tropa e eram transportados os alimentos para os usos em casa. Para conduzir a tropa eram dois ou três peões com o madrinheiro - que andava na égua madrinha. Um tropeiro é um homem, bem dizer, andarilho, que anda na estrada com os animais, com tropas. Então, é o tropeiro, porque tem o tropeiro e tem o viajante - que saía a vender produtos a cavalo. Tem o que ia passear com a família a cavalo e tem o tropeiro, aquele que só lida com tropa.

O tempo que se ficava numa tropeada dependia do lugar em que ia. Por exemplo, se nós fossemos a Taquara eram seis dias. Se nós íamos para Três Forquilhas, Terra de Areia, Santo Antônio da Patrulha, eram mais dias e quando era para Santa Catarina, ali no Turvo, de oito a dez dias. Tinha o capataz da fazenda, que era o tropeiro que tropeava com as mulas. O capataz era o que cuidava da fazenda para o patrão, o dono da fazenda. O capataz era quem tomava conta do gado: olhar o gado, cuidar do gado, tropejar, buscar

mantimentos, essa coisa toda; arrumar as cercas, tirar leite, fazer queijo. Na tropa tinha o madrinheiro e depois o tropeiro. O chefe que era o capataz, então esse era o que comandava a tropa. Ele dizia: 'Hoje vamos pousar lá em tal lugar'. Chegava naquele lugar, e dizia: 'Vamos hoje e, amanhã de manhã, nós partimos para frente'. Então, ele que mandava, dizendo onde íamos almoçar, lá em tal lugar. Então, chegava lá nesse lugar e se fazia o arroz carreteiro ou arroz de tropeiro, que era arroz com guisado feito numa panela de ferro. Fazia um fogo na beirada de uma taipa e se cozinhava aquela panelada de arroz. Enquanto as mulas pastavam um pouco e tomavam água, nós fazíamos o arroz com guisado e comíamos. Depois, continuávamos a viagem. Quem fazia a comida era quem chegasse primeiro lá. Eu, por exemplo, quando era guri só servia para carregar água. Tinha um baldezinho que eu tenho até hoje. O balde que era botado em cima do cargueiro para carregar, então o meu serviço era chegar lá, desencilhar e soltar a égua madrinha no pasto. Enquanto a égua pastava, nós fazíamos a comida, mas eu desencilhava a égua e tratava de pegar o meu balde e achar aonde que tinha água. Nem que fosse um quilômetro de distância, tinha que vir com aquele balde de água. Um ficava cortando o guisado, outro ia ver a lenha para fazer o fogo - cada um fazia um serviço.

Naquele tempo não existia contrato. O pessoal dizia: 'Um fio de bigode é um documento'. Então, arrancava um fio de bigode e grudava no papel - ali era o documento, o registro que tinha: um fio de bigode. O camarada que usava bigode era homem. A honra de um homem era o bigode. Às vezes, acontecia de um homem não ter barba. 'Esse aí é sem palavra, não tem bigode', diziam. A medida usada na compra era a arroba, não em quilo como é hoje. Uma arroba são 15 quilos. Por exemplo: 'Quero 40 arrobas de arroz, quero 50 arrobas de açúcar, 20 arrobas de farinha de mandioca...'. Em cada cargueiro se botava quatro arrobas. Quatro arrobas dá 60 quilos, já que cada arroba vale 15 quilos. O falecido pai ficava em casa, cuidando, e nós íamos com o capataz, que comandava a tropa. O pessoal da tropa era sempre o mesmo. Era um grupo pequeno e transportava mercadorias. O gado era muito pouquinho; nós transportávamos o gado porque meu falecido avô tinha dois lugares de sítio: onde o gado

passava no verão e o sítio onde o gado passava no inverno. Então, no inverno se tropeava o gado para o lugar mais recostado e, no verão, se trazia de lá e trazia para o campo, porque o campo era mais fresco. O gado, assim, engordava mais.

A roupa que se usava era de riscado, forte pra não rasgar. A calça, de um riscado forte e a camisa também. Uma bota especial: a bota do cano comprido, porque, às vezes, tu tinha que passar num banhado, então tinha que ter uma bota boa, uma bota especial, feita mesmo a capricho. Era uma montaria grosseira, porque você sabe: vai viajar, se molha, toma sol, vai se embrurrar. Então, tinha uma montaria grosseira para tropejar - uma montaria feita de couro cru, como se diz. Não é sola, é couro do gado. Tu tiras o couro de uma rês e depois deixa secar aquele couro e faz uma montaria grosseira. A falecida minha bisavó fabricava baixeiro; ela tinha `as coisas` para fabricar baixeiro. Tinha os carpinteiros que fabricavam as cangalhas, que eram feitas de madeira, e tinha aquele que só trabalhava com couro e fazia as partes de couro das cangalhas e das bruacas. O trabalho com a tropa começava cedo: às cinco horas. O fim dependia do lugar. Às vezes, tu chegavas ao lugar em que tu ias pousar eram cinco horas, seis horas por ali, mas não tinha outro lugar pra pousar mais à frente. Era cedo ainda, mas tinhias que pousar ali porque não tinha outro lugar para pousar. Nós fazíamos três refeições por dia: de manhã (antes de sair o café), café com carne – então, fazia a tal de paçoca para tomar café; paçoca com pão. Era feito pão caseiro em casa, antes da viagem, e feito paçoca: cozinhado o charque, socava no pilão e depois botava cozinhalar aquela carne com farinha de mandioca. Durava a viagem toda. Então, tu podias comer aquilo frio; botavas aquilo dentro de um saco, um saquinho de algodão. Então, tu chegavas ao pouso, abria aquele saco e todo mundo se servia da paçoca. De noite, se cozinhava um arroz e fazia um café, não tinha chaleira nem nada, era a `chiculatera`, que botava a água ferver e botava o pó dentro. Não havia coador para coar o café, então se botava o pó dentro da `chiculatera` e depois se pegava um tição de fogo e apagava a labareda deixando só a brasa. Botava aquele tição aceso dentro do café e o pó do café ia todo para o fundo. A serventia do tição era fazer o pó ir para o fundo da `chiculatera`. Então, tu tomavas o café. Era mesmo

que tomar café coado hoje: não tinha um pozinho que fosse, estava tudo no fundo. Não sei o porquê, o que tinha naquela brasa acesa, que fazia o pó ir para o fundo.

Levava cachaça no ‘burrachão’. De lá para cá é que se trazia a cachaça. Daqui para lá não tinha, mas de lá para cá nós trazíamos cachaça, lá de Santa Catarina. Antes de virar em açúcar, tinha aquele melado grosso, então nós tirávamos um pouco de melado, botávamos dentro do ‘burrachão’ e botava a cachaça dentro: fazia uma cachaça com melado para vir tomado de lá para cá. Quando tu estavas com sede, tomavas um gole daquela cachaça doce com melado. Era boa barbaridade! Todo mundo comia ao mesmo tempo, então botava o tal de ‘llegal’ - era o que cobria o cargueiro. Hoje é a lona que cobre a carga do caminhão. Naquele tempo tirava-se o couro inteiro de uma rês e botava o baixeiro, a cangalha, a bruaca e depois o ‘llegal’ em cima, que cobria tudo. Então, o amarrava na mula e, aí, podia chover o quanto chovesse que não molhava a mercadoria. Ao meio-dia, para não botar a comida no chão, colocava na mula do cargueiro, que era a que levava a comida. Então, nós cuidávamos muito para a mula não cair num rio cheio, para não molhar a comida. Então, nós tirávamos aquele ‘llegal’, estendíamos no chão e sentávamos em cima. Se ‘encruzava’ as pernas igual cigano e comia ali. Os pratos eram feitos de chifre ou de madeira. Eu tenho, ainda, prato de madeira, para não quebrar. Como é que tu vais carregar louça? O copo de chifre que se usava na viagem era para não quebrar. Para dormir tinham os lugares certos e, como tu ias a cavalo, estendia os arreios ali e fazia de travesseiro; botava os baixeiros e os pelegos embaixo, se cobria com a capa de tropeiro e botava o chapéu na cabeça, que tu pousavas no tempo, na coxilha. Quando não tinha capão para pousar, então a gente se cobria ali. Era como se dormia. Passava-se por tudo: passava-se por rio cheio, passava-se em rio de pedreira, passava-se em corredor. O que a gente chama de corredor é estrada com taipa dos dois lados. E quando não tinha cerca dos dois lados, era campo aberto. A maioria era campo aberto. Como existia pouco arame, então havia taipa dos dois lados, que se chamava corredor. Tinha ronda de noite para cuidar dos animais quando nós pousávamos no campo; então, nós rondávamos a tropa. Era escalado um até meia-noite, outro da meia-noite até o outro dia. Eram duas pessoas que

rondavam, porque precisavam dormir. Tinha que se rondar a cavalo porque, se disparava uma mula, como que tu ias atacar... então trocava-se de animal e se continuava a ronda. Algumas vezes, os animais adoeciam. Nós chamávamos de 'dor de barriga', mas é a aderência no intestino do animal por causa da mudança de pasto. Quando o animal está com fome, ele come tudo que é porcaria que acha: vassoura, muita erva. Tinha uma erva que eu não sei que erva era, que dava aderência no intestino do animal, então ele sentia 'dor de barriga' e não se tinha remédio para dar, então, morriam. Uma mula custava bastante dinheiro e nós díavamos muito valor para uma mula; ela durava de 30 a 35 anos. Mas não tinha o que curasse: a mula começava a se deitar, se rolar e morria - grudava o intestino e ela morria de dor. Nas tropeadas nunca houve estouro de animais. Os animais se querem bem, são amigos que nem gente. Como também mordem um ao outro, numa encrenca. Uma tropa de mula de tropeiro que viaja é unida que nem gente mesmo! Então, ali, um dá um coice no outro, dá uma mordida noutro. Mas não se extraviam. É incrível, parece que quando há um doente, os outros ficam em roda. Ficam todos em roda, por ali, cheirando. Parece que querem socorrer e não conseguem... E, se morrem, eles ficam todos em roda. Eles não vão longe. Eles vão uns cem metros pastando e voltam. De vez em quando vem um ali cheirar se está morto ou se está vivo. São muito unidos. Eles nunca se perdem se tu puxares a égua madrinha. Pode ser uma noite bem escura e não enxergar nem uma mula: tu pegas a égua madrinha, puxas a égua e começas a falar com as mulas. Quando tu 'vê', estão todas juntas à égua madrinha. [...] Com temporal, se tinha casa para a gente se socorrer, a gente pedia abrigo naquela casa. Se não, se fosse pouca chuva, a gente viajava com chuva e tudo. A mula gosta mais de viajar com chuva do que com Sol quente, pois é mais fresquinho - ela sua muito em lugares quentes. Vai e vem com 90 quilos nas costas. Não pode trocar. Cada mula tem o seu arreio, seu par de bruacas, sua cangalha e seu buçal. Cada uma tem o seu, não pode trocar. Nós andávamos sempre montados. Não dava para andar a pé porque o passo da mula é mais rápido que o do homem, e o homem não consegue acompanhar. Enquanto uma mula faz a passo largo, seis, seis quilômetros e meio por hora, o homem faz cinco qui-

lômetros por hora. Para pouso as fazendas tinham galpões separados dos donos da fazenda. Chamava-se galpão dos tropeiros. A metade do galpão era de assoalho e a outra metade de chão. Tinha o lugar para a gente descarregar as mulas. Botávamos a parte dos arreios na parte do assoalho e na parte do chão fazíamos o fogo. Nós dormíamos na parte do assoalho. Os fazendeiros deixavam entrar, mas eles cobravam. Tu pagavas naquele tempo em mil réis - era um mil réis ou 500 réis. Hoje, 500 réis são 50 centavos. Então, se pagava um real e pouco, na nossa moeda de hoje, de aluguel de pouso de tropeiro. Nós parávamos em várias fazendas: na do Hortêncio, na do Alzerino Bitencourt, na do falecido Antonio Nápoles e outros que eu não me lembro, faz tantos anos! Tinha muito rio grande que tinha balsa que tinha que pagar. E tinham os lugares que davam para passar no vau. Vau quer dizer lugar vago, que dava para passar a pé com as mulas. É um nome indígena. Então, tu passava no vau, ou na balsa. 'Então, vamos passar no vau, que não se paga!'. Às vezes, se fazia uma volta de meio dia para não pagar a balsa, pois a balsa era cara - eles cobravam 5, 6 mil réis para passar. Tinham as pontes, que eram livres e não se pagava nada. Quando vinha de lá para cá o dinheiro estava curto, dava mal e porcamente para vir para casa, então, muitas vezes, tinha que desviar a balsa porque era cara, e cinco reais dava para gente passar três vezes." (Clodovino Camargo Silveira)

"Tem uma rua ali perto do Dr. Giuriolo, depois tem a Rua Otelo Jacques - ali era o Beco das Negras. Ali a família Lacerda tinha muitos escravos, mas eram bem tratados. Muitos negros daqui ainda assinam Lacerda - família famosa e rica daqui de Vacaria. A mansão deles era onde existia o hospital Elias Saadi. [...]. Era uma mansão daquelas de cinema, com entradas e janelas trabalhadas! Primeiro, foi residência, depois foi o primeiro posto de higiene, mas já decadente, porque a família estava em declínio - foram morrendo 'as bases' e a família não soube administrar a fortuna. E os escravos, depois da abolição, ficaram muito ligados à família. Tinha a Rua Dona Rosa, que era dos terrenos doados pelos Lacerda. Ali era o Beco das Negras porque os terrenos foram doados para as escravas e, depois,

elas passaram a ser lavadeiras e engomadeiras. Qualquer vestido ou roupa boa elas pegavam em casa e levavam para lavar." (Carlos Rigotti)

"Eu comecei a trabalhar com 10 anos, carregando barril de água de 200 litros. Ganhava 40 réis por mês para trabalhar meio dia. Eu tinha três empregos: estudar, carregar água e trabalhar de baleiro. Vendia balas, de noite. Isso até os 13 anos. Com 14, eu comecei a trabalhar por conta e paguei uma bicicleta à prestação - naquele tempo se pagava primeiro para depois receber o bem. Eu pagava 50 `pila` de prestação por mês. Então, eu já tinha pago seis parcelas das oito, e aí a proprietária morreu - falecida Elita Atti. E aí, a família dela me ofereceu uma sala que ela tinha, para me devolver meu dinheiro, pois eles não tinham como me devolver. Então, eu já peguei uma sala com seis meses de aluguel pago. E aí, já fui a Porto Alegre buscar peças e já comecei a trabalhar. E trabalhei assim até os 18 anos, buscando peças. O primeiro negócio foi uma oficina de bicicleta que durou 20 anos. Mas com 10 ou 15 anos, eu já comprei uma ferragem, Ipiranga, que tinha lá na praça e aí que eu entrei no ramo. No dia 1º de março de 2011, fazem 60 anos que eu sou comerciante em Vacaria. Sou o comerciante, trabalhando, mais antigo de Vacaria." (Nereu Fernandes Vargas)

"Eu me aposentei com 65 anos como vendedor autônomo, e as mulheres também se aposentaram: a Rosângela no posto de saúde, e a patroa como doméstica, com 60 anos. A Rosângela se aposentou mais nova, por invalidez: com 12 anos foi extraído um rim e ela ficou com um problema numa perna. Mas ainda tenho uma atividade, eu ainda trabalho: eu compro gado gordo para um frigorífico de Nova Petrópolis. Carreguei gado semana passada e vou carregar semana que vem. Tenho ali a casinha - gosto muito de lidar com madeira, sou meio carpinteiro, fiz muita casa quando eu morava em Bom Jesus. Fazia casa para os outros; eu fiz mais de 20 casas. Na minha casa fiz tudo, das cadeiras para cima: eu fiz a parte da sala, fiz a parte

do quarto, fiz a parte da cozinha e fiz a parte da despensa. Tudo, de noite, depois que chegava do trabalho. Eu fazia ‘a muque’, tudo sozinho. O meu sogro tinha a laminadora na madeireira, aí me dava a madeira. Quando era jovem ajudava a fazer casa, ajudava a montar serraria. Tinha muita serraria naquele tempo, então se empreitava. Chamava-se ‘empreitada de serviço’ - empreitava fazer uma casa, fazia a casa; empreitava para montar uma serraria e se montava a serraria. Acho que comecei a trabalhar desde os oito anos, já - ia ajudar a alcançar ferramentas para os carpinteiros, ia pegar a ponta de uma madeira que iam serrar, uma coisa assim.” (Clodovino Camargo Silveira)

“As roupas passavam de um para o outro [...]. Quando não servia mais pra um, passava pra aquele que servisse. Minha avó reformava roupa quando ela vinha nas férias [...] porque, ‘daí’, minha tia trabalhava na prefeitura; ela era secretária do Ensino, mas quando ela era diretora de escola, ela trabalhava que nem louca e a minha avó não podia vim durante o ano, só nas férias. Aí, então, ela dizia pra minha mãe: ‘O que tiver pra reformar, você já vai deixando separado, lavada a roupa, desmochada, o que tiver pra fazer!’. Às vezes, ela desmochava uma coberta que já tava com o pano muito feio e já ocupava o pano. Nós ‘abria’ a lã, lavava a lã - por isso que eu dizia: ‘Até agora tô lidando com lã desde pequena’. A vizinha da minha mãe fazia assim: lavava a lã e de noite nós ‘ia’ na casa dela abrir lã. Nós ‘era’ uma gurizada maior e ela cuidava de nós. Se não dava pra sentar aí, sentava embaixo da mesa e abria a lã pra ela. Ela plantava batata-doce e assava pra nós ‘comer’. ‘Daí’, se nós ‘quisesse’ café, ela dava, mas nós não queria, só queria batata assada no forno! Ninguém ganhava nada, era só aquilo ali. Nós ficávamos até umas horas da noite abrindo lã. E uma vez que eu e o meu irmão... Ahhh, outra coisa que aconteceu. Meu pai tinha uma lavoura grande de milho, porque a gente tinha vaca. Ele tinha porco, galinha... então tinha que plantar milho, porque só comprar não dava. Aí eu disse para o meu irmão: ‘Barbaridade, não deu pra nós ‘terminar’, já anoiteceu!’. Ele disse: ‘Mas hoje de noite tem a Lua, nós vamos terminar enquanto tiver a Lua. Nós vamos lá e terminamos!’. Fomos eu e ele, de noite,

para terminar o pedaço, porque, ‘daí’, não sei o porquê, nós tínhamos de terminar e não tinha dado naquela tarde, era muito calor, ‘daí’, Deus o livre!’. Meu pai... acho que nem sabia que nós ‘tinha’ ido lá terminar de noite. Eu fiz o corte e costura. Por isso que eu me aposentei como costureira, porque eu pagava o INSS. Paguei 18 anos e, aqui, eu costurava, mas eu não tinha muito tempo para costurar. Tinha muito que fazer: lavar, passar, lavar, passar... e tudo; ‘daí’, alguma coisa que eu costurava.” (Lenir Ângela Quisini Piardi)

“Estava de férias, então, a gente era orientado a ajudar na paróquia, ao menos para fazer o presépio. Então, eu vinha lá do sítio, às vezes, a cavalo (dá uns 40 quilômetros), e me hospedava na casa do padre para, uns dias antes do Natal, fazer o presépio. Ia buscar pinheirinho, ia comprar uma coisa e outra e arrumar madeira para poder fazer a armação. E isso lá embaixo da sacristia, lá naquele porão onde hoje é a Cripta. Ali havia, de baixo daquele confessionário, *do lado de lá*, quem entra à direita, umas madeiras, que eu ia mexendo para cá e para lá. Lá pelas tantas, aparece aquela *Santa* no meio daquela madeira toda. ‘Mas que *Santa* bonita! Que *Santa* linda!’ Aí, eu falei para o Frei Lauro (ainda eram os capuchinhos): ‘Frei Lauro, eu achei uma *santa* muito bonita lá no meio daquelas madeiras, arrumando para o presépio’. - ‘Já vou lá ver, faltou-me uma imagem muito bonita da padroeira!’. Então, foi lá ver. - ‘É ela, é a padroeira!’ - Aí, diz: ‘Leve lá pra cima’. Aí, eu trouxe pra cima, na sacristia; passei um pano seco, um pano molhado, tirei toda a poeira - quem sabe, ‘de anos’ que aquela *Santa* era a milagrosa, a padroeira. É a mesma que foi encontrada no campo; encontrei lá no meio da pauleira, no depósito - não sei como não quebraram! Esta história me marcou bastante, aí eu fiquei sempre cuidando dela.

Por duas vezes eu fui pároco da Catedral e, na segunda vez, eu viajava lá para o Amazonas e, nessas idas e vindas (Belém, Bahia, Rio de Janeiro), eu ouvi falar que roubavam imagens bonitas e antigas. E a nossa estava lá em cima, num altar lateral - era só pegar e levar. Digo: ‘Chega um gaúcho velho, um bandido aí, com um pala, num dia frio, chega lá e pega, bota embaixo do pala e leva

embora! Vai vender lá em São Salvador da Bahia...’ - que lá pagavam muito caro obra de arte, e esta é uma obra de arte maravilhosa. Então, eu fui a Caxias, fiz o modelo de um altarzinho, uma espécie de redoma, que está ali onde ela é guardada hoje. É um cofre muito bem feito, com vidros à prova de bala. Então, fiz uma campanha: cada um dava cem reais e fizemos aquela redoma para a segurança. E esse altarzinho onde ela está é, também, parafusado, não tem como tirar, só quebrando o altar. De modo que essa é uma cena que me impressionou e eu gosto muito dela.” (Padre Caetano Caon)

“Sobre a Lua, não é crendice, vou te explicar por quê. Por exemplo, isso é um estudo que existe, se você entrar na Internet já vai ver se é verdade ou não. O que acontece em cada fase... Por exemplo, você quer podar uma planta. Então, se você quer podar uma planta, pra ela não vedar mais, você faz isso na Nova e na parte da manhã, quando a seiva tá na ponta da folha; *aí você corta aqui*, ela fica sem seiva, ela morre. Esse estudo eu fiz, porque agora, como a gente não pode mais queimar campo, então na Nova você faz isso. E se você quer podar um arvoredo *assim*, então tem que ser na Minguante e na parte da tarde, porque ‘daí’, você tira os galhos supérfluos e a seiva fica toda na raiz, então ela brota com força. Carnear também é na Lua Minguante. Eu já fiz várias experiências, então, quando se carneia em qualquer Lua que não seja a Minguante, a carne que você prepara e vai botar pra embalar no plástico, não pára de sair sangue [...] e se você carnear na Minguante, ela fica seca como um papel, a carne fica sequinha como papel [...]. Eu faço sempre isso na Minguante.” (Ironita Bueno Guerreiro)

Velórios & enterros

“Quando morria alguém se saía ligeiro num cavalo bom e ia avisando os vizinhos e os familiares. Levava, às vezes, meio dia para avisar a todos. Dependendo do lugar, chegavam quase na hora do enterro. Quando alguém morria, alguém tocava o sino. Batia o sino e, pela batida do sino, tu sabias se quem tinha morrido era homem ou era mulher. Quando era homem batia só de um lado o badalo do sino, só uma batida; e quando era mulher batia duplo. A gente dizia ‘bateu o sino e não bateu duplo, então foi um homem que morreu’ ou ‘bateu duplo, então é uma mulher que morreu’. O padre tinha, na torre da igreja, um alto-falante que era à bateria. Então, o sacristão ajudava a rezar a missa e era meio locutor do padre. Ele ‘pegava’, ligava o alto-falante, tocava uma música na torre da igreja, que ouvia longe - a cidade inteira escutava. Aí, ele dizia que ‘morreu fulano de tal assim, assim, assim’; ‘o velório é amanhã em tal horário, em tal cemitério e tal e tal’. Porque, naquele tempo, você levava ‘no braço’ - o cemitério era longe, saíam os funerais da casa da pessoa, não tinha carro, não tinha nada, e o caixão era levado ‘a muque’ até o cemitério. Naquele tempo não existia túmulo, era enterrado no chão. A sepultura era feita com sete palmos e meio de fundura e depois, conforme aquele que era meio rico, fazia o túmulo em cima. Chamavam antigamente de catacumba. Hoje é túmulo, é jazigo, mas naquele tempo era catacumba. E as catacumbas eram transportadas aqui da Vacaria. O camarada fazia aqui, tudo em pedacinho e, depois, era levado de cargueiro daqui até Bom Jesus; depois o ‘cara’ o montava em cima da sepultura das pessoas. Até hoje as pedras dos túmulos de meus familiares, lá em Bom Jesus, foram transportadas a lombo de burro, aqui de Vacaria.

Na doença, primeiro era chamado o médico, depois, quando via que ia morrer, era chamado o padre para dar a extrema-unção. Aí, começavam a chamar os familiares, quando via que a pessoa ia morrer. Os velórios eram feitos na casa mesmo - na sala da casa - com os pés para o lado da porta. O caixão não existia naquele tempo. Quando morria a pessoa arrumava-se o carpinteiro e a madeira e,

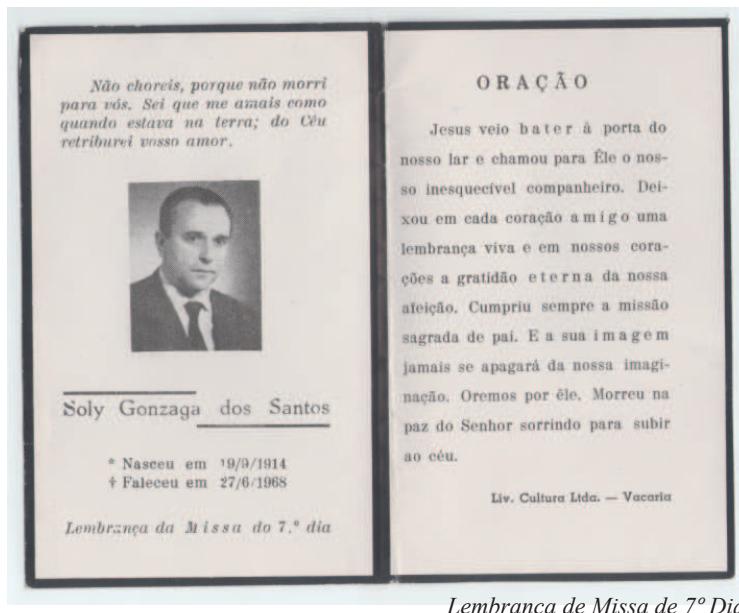
aí, ele ia fazer o caixão. Media a pessoa, o tamanho da pessoa e tal e ia construir o caixão. Era forrado com cetim, pregado com percevejos. O caixão não era pintado nem lustrado, que nem hoje. Era só forrado com um pano. No velório era silêncio total; de vez em quando se rezava. A reza sempre existiu e tinha uma velha que tinha uma voz muito boa, então, às vezes, alguém a chamava na hora do terço. O camarada que rezava o terço era chamado de capelão; não era o padre que rezava. Então, iam buscar o capelão para rezar o terço. Hoje, os velórios são completamente diferentes. Hoje, num velório dá negócio, dá namoro, dá choro... dá de tudo num velório! E a maioria do pessoal vai ao velório para conversar, não é para dar um apoio para os familiares. No cemitério o caixão era aberto porque, às vezes, como o trajeto era grande, tinha que ver se estava tudo certo com o morto. Então, abriam o caixão, lá, e se despediam. Antigamente tinha o luto. 'Dependia', por exemplo: se morria o pai ou a mãe, era luto fechado - preta a camisa, 'preta' as calças, preto o casaco, preta a gravata, preto o chapéu (tudo). Não se cortava o cabelo, só se cortava a barba. Luto de pai e mãe eram seis meses! Quando era o marido que morria a mulher usava só vestido preto e quando era a mulher que morria o viúvo não cortava nem o cabelo nem a barba. Isso por um ano. Cunhado ou cunhada era meio luto, então era só a camisa preta. Então, se sabia que tinha morrido um cunhado ou uma cunhada. O padre ia dar a extrema-unção e ia ao cemitério fazer a despedida no enterro, nos funerais. Não tinha cerimônia na igreja, só na missa de 7º dia. Na missa de 7º dia todos os familiares tinham de estar de luto. Dentro da igreja eram separadas as bancadas para os familiares. Então, ali todos estavam de luto - bem na frente os de preto e, depois, mais atrás, aqueles que tinham meio luto. Então, na igreja era diferenciado. 'Tinha' as lembrancinhas dos mortos. Nas lembrancinhas tinha o nome e a fotografia da pessoa, as datas de nascimento e de morte e os agradecimentos por estar na missa de 7º dia. As crianças ficavam enterradas juntas, lá no cemitério; só os que se suicidavam ficavam separados. O padre nem rezava para eles a missa de 7º dia, nem de mês, nem dava a bênção nem nada.

Era mais comum ir apenas ao cemitério no dia de Finados, porque o cemitério era geralmente longe da cidade. Nós mo-

rávamos perto do cemitério, eu então ia. Para a gurizada, então, era uma festa! Então, nós íamos lá, no Dia de Finados... Espetacular ver quem ia lá! Então, nós, no outro dia, íamos lá ao cemitério. Olhávamos aqueles ricos que tinham bastante flores, e tinha aqueles pobres que não tinham nem uma florzinha, nada. Então, repartíamos: tirávamos a metade das flores dos ricos e botávamos para os pobres. A mesma coisa nós fazíamos com as velas porque vela se acendia e apagava; então nós levávamos fósforo. Pegávamos as velas daqueles ricos, que não tinham queimado, e íamos acender para os pobres, que não tinham nada. Nós levávamos uns dois dias para arrumarmos bem o cemitério. Nós arrumávamos e não tinha túmulo que não tivesse flor e nem vela. Era isso aí. As sepulturas dos ricos eram bem arrumadas, já os pobres eram atirados lá - às vezes, nem cruz tinha. Então, nós pegávamos aquelas cruzes novas e bonitas dos ricos e nós fincávamos nas sepulturas dos pobres, que não tinham. Então, era feito o nome com percevejo e nós arrancávamos tudo e escrevíamos com o lápis o nome do defunto ali e pregava a cruz ali. Ah, nós passávamos a maior parte do tempo brincando no cemitério, arrumando. Nós brincávamos até de noite de ‘esconder’ no cemitério. O que os defuntos vão fazer? Nada.” (Clodovino Camargo Silveira)

“O cemitério ficava na propriedade do meu avô, no Capão Alto. Todos os mortos da família estão enterrados lá. Hoje, é município de Campestre da Serra. O cemitério é bem antigo, mas ainda é utilizado para o sepultamento de pessoas da comunidade. Lá têm muitos jazigos. Tive irmãos que morreram pequenininhos, então meu pai mandou fazer um túmulo para eles. Tem um primo meu, enterrado lá, que se matou. Ele estava num baile com a mulher dele e ela foi dançar com outro. Ele, então, cego de raiva, pegou a mulher, colocou-a no quarto, atirou nela e depois atirou em si mesmo. Ela não morreu, até se casou de novo, tempos depois. Ele ficou mal e acabou morrendo. Foi enterrado numa parte separada do cemitério. Antigamente, a comemoração do Dia de Finados era bem interessante. O cemitério, no início, era só da família. Depois é que todo pessoal da

região passou a ser enterrado lá. Então, os parentes que estavam na fazenda se reuniam e, com foices e o material necessário, limpavam todo o cemitério, inclusive os túmulos. Aí, iam para casa do meu avô e faziam um churrasco. Depois do almoço ficavam sentados no cemitério, para fazer companhia aos mortos, conversando sobre diversos assuntos e tomando chimarrão perto dos túmulos." (Maria José Guazzelli de Guazzelli Costa)



Lembrança de Missa de 7º Dia

Cidade de outrora

“O Seu Nicolau Chedid tinha uma filha - se eu não me engano o nome da filha dele era Jamila, nome de árabe – que estava muito mal. Isso foi logo que eu casei, eu não me lembro bem deles. Estava muito mal e o Seu Nicolau prometeu que, se a filha sarasse, ele ia pôr a Nossa Senhora lá em cima da igreja. Eu não sei se ele pediu licença pra o Papa... Eu achei uma temeridade dele fazer uma promessa dessas: botar uma *Santa* numa casa que não era dele, porque afinal de contas, a Igreja tem um chefe e tem que ter uma permissão para isso [...]. Então, não sei quem é que deixou botarem lá em cima - muitos gostaram, mas a maioria não gostou!.” (Dalva Soldatelli)

“Vacaria, nos tempos que eu era bem pequeno, *naquela esquina*, era maravilhoso! Ali tinha uns cafés com uns varandões muito simples, mas tinha o Seu Pinto, tinha o Chedid, tinha uns cafés tradicionais, tinha *snooker*, bilhar. A Rua do Vinagre... ali era o núcleo. O núcleo da sociedade era ali: cinema, bares, vários restaurantes. Ali ficava a primeira rodoviária do Brasil. Era descendo a rua Dr. Flores onde tem uma parada de táxi, no edifício da esquina, que era do Vepo. Na esquina mesmo era uma barbearia e, depois, ficou a venda de passageiros ali. Mas no início os ônibus buscavam em casa. Em 1938 foi a primeira viagem que eu fiz: fui a Passo Fundo e todo mundo que viajava tinha um guarda-pó. A maioria botava um guarda-pó antes de entrar no ônibus por causa do pó. Os ônibus eram abertos, entrava de um lado e saía do outro. Tinha apenas umas sanefas que fechavam. Depois, aos poucos, começaram a vir os ônibus fechados. Na viagem a Passo Fundo se saía daqui de madrugada e se chegava lá à noite. *Dali*, a rodoviária foi para onde hoje é a casa do Gobatto, que era o hotel Colombo (da Carolina Colombo). Dali, a rodoviária foi para a esquina da Rua Pinheiro Machado com a Dr. Flores, onde hoje tem uma loja de calçados. Depois, foi mais para baixo, onde tinha a Vidraçaria Transparente. Depois, foi para onde é a Tottal e, depois, para onde é hoje.”. (Carlos Rigotti)

“Na minha infância muito importante foi o cinema. Era o divertimento da garotada do meu tempo. Aqueles seriados que passavam do *Flash Gordon*, do *Zorro*... Então, era esperar o domingo para ter a matinê. O Cinema Guarani era na Rua do Vinagre, onde hoje tem a loja Miriam. Depois, abriu na frente o Cinema Real, que depois incendiou. Depois abriu o Guarani, onde hoje é a Volpato. Ficou famoso, mas muito tempo depois. O Guarani foi inaugurado nos anos 1950. Nós trocávamos gibis na porta do cinema e na rua também. E já existiam, também, os álbuns de figurinhas de futebol. A gente colecionava, também, álbum de vida de artistas - hoje em dia isto é cafona. O sabonete *Lever* trazia nas caixas retratos de artistas, então a gente colecionava. Tinha a revista *Cena Muda*, que trazia as histórias dos filmes. A gente ‘ligava’ muito quando chegava a revista porque os filmes que passavam aqui eram filmes antigos. Hoje em dia é lançado em Hollywood, daqui a pouco o lançamento é simultâneo. No mesmo tempo do lançamento, lá nos Estados Unidos, é lançamento aqui em Porto Alegre; não aqui em Vacaria, porque aqui o cinema terminou [...]. Não tinha televisão, não tinha rádio. O rádio veio depois - quando rádio chegou eu já era adulto.” (Carlos Rigotti)

“Na minha infância, como em guri, eu era muito curioso; eu ia por toda parte. Uma coisa que eu acho interessante na minha infância foi uma vez (quando deu a seca), naquela época, em Vacaria. E aí, não tinha água, mas não tinha mesmo! Todo mundo tinha poço em casa e secaram todos. E a gente já sabia que o poço do fulano já secou. E iam secando os poços, e não tinha água e só tinha a bica. A bica de Vacaria - que eu vejo dizer: lá na rua da bica. *Aquela lá* não era a rua da bica. A bica verdadeira de Vacaria, do meu tempo, era mais atrás, ali onde foi a CEEE, na esquina. Não era do lado da CEEE, lá em cima, onde tem aquela torre. Aquela biquinha não era lá. Era ali atrás, na rua Marechal Floriano. Ali chegavam as carretas, porque nem carro tinha. As carretas passavam na metade e, na ou-

tra, tinha uma baixada. Uma parede de pedra que eles fizeram - e ali tinha a bica, na metade da rua. Era uma água corrente, era um olho d'água que vinha ali de cima, mas não secava. Aquele não secava. E hoje em dia, ainda tem essa bica - fica dentro do terreno da CEEE. Eles fizeram até uma grutinha de Nossa Senhora ali e aquela água é permanente. Ali era a verdadeira bica de Vacaria. E a gente pagava. Tinha várias pessoas que carregavam a água pra gente, como o Valeriano. A gente encomendava e eles iam buscar a água. Era a profissão deles. Eram aguadeiros. Esse Valeriano era uma figura folclórica. E tinha vários: tinha o primo Lino, que também era carregador de água, e tinha vários outros. Tinha um baixinho... Tinha um preto que chamavam de primo Lino, porque ele chamava todo mundo de primo. Eles carregavam a água para a gente, eles não tinham outra profissão. Eles eram meio retardados mentais, mas pessoas calmas. Eles cobravam o preço [...]. Eles tinham clientela, não eram exploradores. Eles queriam dinheirinho e, na época, era o que a gente achava justo. Se você quisesse explorá-los os outros já gritavam. Naquele lugar tinham os motores da luz que acendiam só à noite. Ali era a usina, que era do seu Adami. Era na mesma época. 'Daí', tinha os horários para ligar. Quando eu nasci já tinha luz elétrica." (Carlos Rigotti)

"Indiscutivelmente e incontestavelmente, quem trouxe a maçã para Vacaria foi o senhor Marcos Palombini, o Genor Mussato e, acho que, pela minha pessoa em terceiro lugar. Um dia deve ser erguido um monumento ao Palombini, que nos últimos anos foi, de longe, o maior prefeito que Vacaria teve. E, hoje, não culpo o atual, mas passaram alguns prefeitos totalmente incompetentes. Nós não temos um saneamento, a nossa cidade não está adaptada à população e os bairros, então, não têm nada. Está muito mal a cidade. E é uma matéria para muitos anos, porque o governo federal não vai dar muito dinheiro. Antes do Palombini assumir, a diferença política entre os conservadores e os liberais - o PMDB, na época - vinha diminuindo eleição por eleição, até que chegou aos 200 votos na eleição que antecedeu o Palombini. Os políticos da Frente Democrática se reuni-

ram para estudar o que estava acontecendo, porque a cada eleição diminuía 400 votos, e decidiram que a possível causa da perda de tantos votos e, em consequência, do mando político de Vacaria, era o 3º Batalhão Rodoviário. Tinham mais de 2500 empregados e teriam que terminar com o Batalhão. Eles foram a Brasília e conseguiram o apoio de Clóvis Pestana, que era o ministro dos Transportes, para extinguir o 3º Batalhão Rodoviário. E o Pestana mandou um expediente para o Exército dizendo que o 3º Batalhão não tinha mais função porque a estrada já estava pronta. Os militares extinguiram e fizeram uma série de normas sobre os funcionários: poderiam ser indenizados, poderiam ser transferidos, poderiam ser aposentados com menos anos. Os militares que vieram não sabiam bem o jogo do negócio e começaram a ajeitar os ‘caras’ para aceitarem uma das propostas: se aposentar com vinte anos. Os três capitães que vieram para fazer isso tinham que arrumar atestados - porque havia a possibilidade de arrumarem atestados frios dos médicos - ou aceitar Carazinho. Eles queriam muito ir da Bahia pra cima, mas não chegou a irem duzentos e quem foi pra Carazinho não transferiu o título. O resto do pessoal ficou aqui, desempregado.

Criou-se a maior situação de desemprego da história política de Vacaria. Havia uma antecipação no Rio de Janeiro, com um desemprego cruel. E veio a eleição. A Frente Democrática não contava com o que tinha acontecido e o Palombini disparou 2 mil e tantos votos de diferença! Eu não participava de nenhum partido, aí o Palombini me convidou para ser assessor jurídico da prefeitura de Vacaria, que tinha muitos problemas, e só eu tinha essa vivência. E foram postos 250 funcionários para a rua. A situação já estava dramática e ainda colocar mais 250 funcionários pra rua! Não tinha dinheiro pra pagar e o pessoal começou a ir pra Justiça do Trabalho! Eu ia lá pra evitar, à revelia, e recorria pra protelar. E ficávamos até de madrugada reunidos com o Palombini e o Mussato estudando um milagre para conseguir emprego para o pessoal de Vacaria, senão ia explodir *isto aqui*. Uma industriação aquí... fez o Distrito Industrial... Abriu, como grande esperança de emprego, o Friva, mas ainda estava longe de dar solução de emprego para todo esse pessoal. Um dia eu estava na prefeitura e uma ‘guria’ me chama e diz: ‘Tem um

senhor aí que não fala português e eu não sei o que ele quer!'. Então, fui ver. Fui lá e já tentei o francês, dei os votos de boas-vindas e perguntei o que ele desejava. Aí, ele me disse que era da *Asociación de Productores de Pommes de La France* e que tinha informação de que, no Brasil, a cidade de Vacaria seria propícia para a produção de maçã e a Associação o tinha mandado para observar e comprar um imóvel... Cheguei lá e contei para o Palombini. Ele ficou louco e o mandou entrar. O Palombini falava pior do que eu o francês. Então, mandou chamar um rapaz que tinha morado na França e falava bem o francês. Eles queriam as temperaturas mínimas e as máximas, quantidades de chuva... Ele era produtor e entendia. E a cidade de Vacaria, efetivamente, preenche todos os requisitos da boa produção de maçã. O 'cara' disse: 'Eu compro até 500 hectares de terra, só que tenho que ir à França buscar o dinheiro. Vamos empregar imediatamente, na plantação, duas mil pessoas'. Nós não demos publicidade. O 'cara' viajou para a França, veio de avião até Porto Alegre e locou um carro em uma locadora para vir até Vacaria. Trouxe o cheque (cheque internacional), trouxe algum dinheiro para as despesas e o cheque de 'cinco bí' para pagar a fazenda que ele comprou e que eu não sei de quem era. O Mussato sabe esses detalhes, porque depois o negócio ficou mais com o Mussato. E nessa *curva da morte*, daqui pra lá, *ele não se perdeu*, ele entrou mal e se degolou no arame! E, no outro dia, o pessoal da prefeitura ficou sabendo quem era. Fomos às autoridades policiais e conseguimos ligar para a Associação de Produtores de maçã da França e eles pediram que dessem todo cuidado ao cadáver, que no outro dia eles o levariam para lá. Eles vieram para cá e disseram que o projeto continuava de pé, mas não fecharam o negócio - só vieram buscar o cadáver. Tudo formal, só disseram que o projeto iria ser realizado porque na França não se encontrava mais 10 hectares para vender, não tinha mais terra. 'Daí', passou-se um tempo e o Palombini contratou, provisoriamente, esse rapaz que falava francês e ele ficava permanentemente lá na prefeitura, atendia os telefonemas... Uns quinze dias depois, eles vieram, em dois, para comprar 200 hectares, onde me parece que foi a Agriflor (depois quebrou).

O domínio do comércio de maçã para o Ocidente era da Argentina e para o Oriente, do Chile. Mas a Argentina desco-

briu que os franceses estavam implantando uma estrutura de pomar de maçã aqui no Brasil. Acontece que as maçãs argentinas não estavam mais sendo aceitas no mercado. Os argentinos não queriam perder o controle e algumas firmas da Argentina se instalaram em Vacaria - deixaram de se instalar lá e vieram se instalar aqui. Dois anos depois, faltou mão de obra e o Palombini se tornou mito. 'Daí', mito é amado e odiado. Ele morreu amado e odiado. E, hoje, Vacaria se projeta como 'um oásis' porque além das culturas de verão, tropicais, iniciou-se a plantação de todas as culturas de inverno. Um pé de amora que nascia nas taipas era uma coisa muito difícil. Queria amora, ia no supermercado. Hoje, a amora é um dos itens destes pequenos frutos. Isso aí está se desenvolvendo e eles estão se organizando para não serem logrados pelo grande comércio. Eles vão se transformar em moradores rurais com um bom padrão. Não vai ter aquela corrente migratória para a cidade para ficar pior. Vai ter emprego na cidade porque há uma pequena migração da cidade para o interior." (João Telmo de Oliveira)

Anos de esquecimento

Passo tempo, passo silêncios, mundos sem forma passam por mim.
Fernando Pessoa

“Porteira do Rio Grande” é o nome pelo qual Vacaria ficou conhecida. A designação está ligada ao Centro de Tradições Gaúchas (CTG) do mesmo nome e que a lançou no cenário internacional. Como a porteira, a cidade parece (e é) um lugar de passagem. Um lugar situado entre o passado e o futuro, um presente em suspenso. Um lugar de pouso entre a partida e a chegada. O lugar de pouso não deixa marcas. O pouso pode se tornar uma cidade, mas nas lembranças continua sendo mais pouso que cidade - lugar de passagem, de trânsito, de permanecer pouco tempo. A cidade não é lugar de ficar, mas de chegar e de partir. Motivo pelo qual ela pouco aparece nas entrevistas. Ela permanece como um lugar de esquecimento.

Como os pousos, as lembranças sobre Vacaria são fugazes. Naqueles em que as lembranças foram colhidas na cidade, ela perpassa fugidia. Parecem os tropeiros que passam pelos lugares. Neles, não deixam marcas nem levam recordações. Apenas um pequeno fogo no canto de uma taipa enquanto cozinharam o arroz ou esquentam a água para o café. Grande parte dos entrevistados para a construção deste livro não nasceu na “Vila Velha” (sede), mas na grande Vacaria e/ou vieram de outras plagas. Passaram parte de sua vida na fazenda ou no sítio, onde casaram e viveram muitos anos. Assim, se apresenta como um lugar de passagem, como um não lugar. Um local pouco permanente, como as serrarias.

Os entrevistados viveram e trabalharam em outro lugar. Hoje vivem em seus sítios, fazendas ou casas. Em Vacaria viveram e vivem apenas parte de seu tempo. Fugazes lembranças entremeadas de mudanças de outros lugares - mudanças lentas, como o caminho das tropas, que deram origem à cidade: o grande pouso.

E, de repente, em 1950, chega o quartel, e com ele as mudanças. As bancas de frutas e verduras, os centros espíritas, novas uniões. Enfim, o Batalhão é o começo de um novo futuro - Vacaria e sua história, são marcadas pela passagem da chegada do grupamento

militar. Com ele, a cidade dobra de tamanho e de interesses.

Há entre os entrevistados os muito ricos e os muito pobres. Com costumes comuns e com a riqueza separando-os. Separação que, ao que tudo indica, começou por volta de 1930. Assim entendem alguns dos entrevistados. Ricos e pobres vivem a cidade como pouso, enquanto o lugar, a verdadeira pertença, é o campo. Terra de tropeiros, onde ricos e pobres tropearam juntos pelos vastos campos, levando gado, mercadorias, contos e sonhos. Terra de tropeiros que passam pela Vacaria dos Pinhais - local do caminho do gado, pouso das tropas e dos jesuítas. Local de passagem entre as Missões e a Feira de Sorocaba, local de passagem entre o Rio Grande e o Brasil.

Parece que foi com a chegada das lavouras, seja de trigo e de outros produtos, como as plantações de maçãs, que o caráter transitório da produção dos campos foi substituído por algo mais permanente. A pecuária intensiva exige tropa, a passagem e o trânsito. A agricultura fixa o homem, dá origem a cidades e a outro tipo de propriedade e a uma outra cultura. Cria e acumula capital. Hoje, Vacaria vive nova transição, de uma sociedade tradicional que se torna moderna. O mundo da pecuária é transformado em lavouras comerciais.

Os entrevistados ricos e pobres pertencem a uma mesma geração. Sua história de vida tem pontos em comum: a religião, a escola e a família. E apresenta dois pontos de mudança: com a entrada na escola e no quartel. Por outro lado, são fases da vida durante as quais ocorrem os deslocamentos dos lugares de nascimento para o núcleo urbano. Os que não fizeram o deslocamento não viram as mudanças da cidade.

Há uma diferença: enquanto os pobres permanecem na cidade terminando o ensino primário, os remediados e ricos procuram a Capital por não ter curso superior em Vacaria. A saída e a chegada de homens vindos do interior ou da região colonial italiana têm como motivo a busca por trabalho. Eram raros os empregos. As serrarias, de certa forma, reforçam a imagem de Vacaria como lugar de passagem. As serrarias, a rodovia e os novos meios de transportes desempenham papéis fundamentais em relação à ocupação dos ho-

mens.

Por outro lado, as lembranças sobre a comunhão, o casamento, os velórios, os cemitérios são as mesmas. A lembrança dos homens é acrescida. Não há diferença alguma entre ricos e pobres. O período da infância e da juventude dos entrevistados foi marcado pela carência de remédios, especialmente de antibióticos, pela escassez de médicos e pelo uso de chás e mezinhas caseiras. O papel da medicina popular avulta nas lembranças de alguns. Entre os de origem italiana aparecem as figuras do *giusta ossi* (ajustador de ossos) e das avós com suas receitas homeopáticas, comum nas regiões povoadas por imigrantes vindos da Itália.

Uma característica comum dos entrevistados é a lembrança maior da vida familiar e uma ausência geral de peculiaridades sobre a cidade. O motivo pode estar ligado à vivência nos sítios e fazendas durante a infância, quando as recordações maiores marcam as lembranças. Se a cidade é esquecida o passado particular sobressai. São as ausências que levam à reconstrução do passado: a falta do transporte, da luz, da água, de produtos, de remédios ou de estradas. A ausência é a definidora da memória, enquanto a presença da cidade é a grande ausente.

Da mesma forma, o presente é reconhecido em relação ao passado pelas diferenças e não pelas semelhanças. As permanências não se demonstram importantes. A grande ausência sentida pelos moradores da zona urbana, pelos antigos frequentadores, parece ser o cinema e as festas populares. Para os que viviam na zona rural, a grande ausência é a das festas e dos bailes de sítio.

As festas religiosas maiores no interior parecem ser as do Divino e, o Natal, tão prezado quanto ela, tinha rituais apenas familiares. O Divino unia as fazendas, os sítios e os moradores ricos e pobres. Como o tropeirismo, a Festa do Divino era um exercício de democracia e de um popular e real cristianismo.

Os elementos novos na cultura, como Papai Noel e coelhinho da Páscoa, só foram vivenciados pelos mais privilegiados. Comum a todos é a lembrança da quaresma, da morte de familiares e do culto aos mortos, marcados por passagens inesquecíveis.

Como as lembranças são marcadas pelas palavras,

já que sem a linguagem não há memória, destaca-se a diferença de origem entre os testemunhos. A fala rude truncada define o imigrante italiano, no qual o pragmatismo se evidencia. A fala rica em figuras de linguagem aparece na manifestação dos campeiros de origem lusa, em que as coisas inanimadas ganham vida, animadas que são por almas temporárias.

A língua, mais do que a vivência, marca os entrevistados. A fala da burguesia e dos homens cultos, às vezes esconde a origem, que algum pronome colocado de forma diversa logo revela. Não seria preciso conhecer a origem dos entrevistados para reconhecer as nuances de suas falas. Percebe-se, claramente, que certas palavras, hoje em desuso, eram muito comuns no longínquo cotidiano dos entrevistados.

Outro era o mundo dos entrevistados, nos tempos de juventude e infância. Em suas vozes ecoam outros tempos e outros valores. Seus depoimentos revelam o quanto mudou o mundo em tão poucas décadas. Um mundo de mudanças e de transição, com seus campos, tropas e tropeiros que, aos poucos, vão se transformando em cidades, estradas, asfaltos e caminhões.

Uma cidade de escolas e internatos que há muito deixou de existir. Escolas que marcaram época, como o São José e o São Francisco, onde os filhos de pessoas mais ricas estudavam em seus primeiros anos. Relatos de um tempo que se foi, tempo de transição e de mudanças. Um tempo de escolas rurais com grande número de crianças estudando juntas, com adiantamentos diferentes.

Como lembra Lenir, “as meninas, aos sábados, limpavam a sala de aula, enquanto os meninos iam varrer matinho; tudo limpinho e, então, uns iam limpar *por lá* e as guriás iam limpando a sala”. Nada parecido com a escola de hoje. Escolas com castigos... E muitos! Lembra-se Pedro que se o tema fosse feito errado, já se sabia, “eles punham na porta da escola, virado com as costas pra rua, pra todo mundo enxergar”. Outro castigo comum a todos que estudaram nas escolas públicas: “Botavam grãos de milho no chão, debaixo do joelho, e ficava ali. Tinha o seu tempo, era meia hora, vinte minutos...”.

A BR-116, causa das maiores transformações, foi um

dos esquecimentos coletivos. Ainda assim, o novo traçado da estrada sobre o velho caminho do gado permanece sendo o corte inaugural de uma nova era. Na verdade, a estrada é registrada como parte, muitas vezes chamada de “o asfalto”, “chegada dos caminhões”. É lembrada como parte de uma mudança que eles presenciaram e sofreram os resultados. Como diz um dos entrevistados: “Hoje, não dá mais nem de transportar gado devido ao asfalto. Tem de transportar de caminhão”.

A animação dos objetos são imagens ricas que nascem dos relatos típicos do falar dos Campos. Os objetos andam e mudam, os objetos são reflexo e imitação das ações humanas. Se aos objetos se atribui vida, aos animais são atribuídos sentimentos humanos. Os animais da tropa são como os homens que os transportam. Eles sentem amizade, sofrem e vivem da mesma forma. Aos animais é atribuída a sensibilidade do tropeiro. Como ilustra a comovente afirmação de Clodovino: “Uma égua madrinheira é madrinha das mulas; as mulas a adoram”.

Nas lembranças dos menos afortunados, a cidade é um mundo de carências. É marcada pela ausência da água, da luz, dos sanitários e onde o chuveiro de lata era considerado um banho ideal. Uma cidade de muitos vazios, com campos ilimitados que se prolongavam até o centro. Um vazio urbano. Uma vida difícil, sem os requisitos do conforto que uma cidade deveria proporcionar. Um tempo vivido, em que o consumo era pouco e mínimo eram os produtos essenciais fabricados.

O Batalhão foi o mais importante fato citado na mudança da cidade. Juvenil recorda uma dupla chegada do grupamento: “Aqui em Vacaria o Batalhão esteve duas vezes: em 1937, quando as suas instalações eram onde hoje é o Campo da Aviação. Depois, a segunda vez, foi em 1950. Em 1967 foi transferido para Carazinho”. Juvenil trabalhou com o Batalhão e o seguiu para Carazinho. Ele foi o único que lembrou a dupla data da chegada dos militares.

O Batalhão chegado em 1950 mudou a fisionomia urbana, com novos moradores e acarretando novas relações sociais e mudanças dos serviços. A saída do quartel trouxe a crise social e o desemprego, enquanto a chegada das plantações de maçã foi solução

parcial do crônico problema da falta de postos de trabalho e do histórico excedente da mão de obra. As maçãs transformaram Vacaria. De um mundo ligado à pecuária para um mundo da agricultura comercial. Novos tempos e nova produção, nascidos da antiga matriz cultural: a pecuária.

A cultura revelada pelos entrevistados mostra uma dupla origem: uma proveniente das colônias da Serra e outra dos Campos de Cima da Serra. A colônia chega aos Campos com as serrarias. A colônia chega aos Campos com os casamentos. As mulheres e os homens de origem italiana se adaptam à vida do campo, criando famílias ligadas à pecuária. A colônia chega a Vacaria com o comércio. São os nomes italianos os lembrados nas casas comerciais de então, e não as serrarias que mudam a fisionomia natural e pouco acrescentam em relação ao patrimônio cultural ou à economia.

As serrarias levam embora a riqueza das matas e dos pinhais, deixando apenas lembranças da migração. O êxodo dos campos se dá com o fim da era das tropeadas. Não tendo como sobreviver, os tropeiros procuram a cidade, que passa a contar com mais mão de obra não especializada.

A política tem papel menor nas lembranças do que o trabalho. Em apenas dois depoimentos a política foi fundamental para os entrevistados. Um primeiro esperando o fim do coronelismo, que vicejava em Vacaria. Outro em busca de melhores condições do povo em relação à pobreza. Ainda assim, de uma forma geral, não são expressas claramente posições políticas. Poder-se-ia afirmar que a política na vida das pessoas que construíram esta obra teve importância menor do que a pecuária e o amor pelos campos.

Não há, mesmo entre os mais pobres dos entrevistados, alusão a qualquer tipo de organização ou de união em relação ao trabalho. As citações da União Operária só ocorrem em relação a bailes, a festas e a quermesses lá realizadas. Outro grande ausente das entrevistas é o sexo. A palavra não é citada uma única vez. Apenas um dos entrevistados alude a existência da zona do meretrício, aliás a duas: uma mais rica e outra mais pobre. Portanto, no período em que os entrevistados viveram, havia as casas de tolerância, que deveriam ser frequentadas.

As lembranças são imprecisas para a história de comunidade, pois sobrevivem em fragmentos de vida, de juízos de valor e de saudades. Ainda assim, as histórias de vida são a síntese das lembranças e dos valores de um grupo social em determinado tempo, lugar e história.

Houve certa insistência no fato de que os valores da sua geração são diferentes da geração atual, da mesma forma que a vida nos dias atuais oferece mais facilidades e bem-estar do que em seus tempos de criança. Nos brinquedos e nas condições de viagem fica mais presente a diferença por eles apontadas.

O registro aqui contido poderá ser um poderoso auxiliar da história de Vacaria. Para a história, as lembranças aqui guardadas são repositórios, dos quais historiadores poderão se valer no futuro. Fonte inestimável para os linguistas, o falar campeiro dos entrevistados lança pontos de união com os falares da cultura de outros campos, como o dos paulistas e o dos mato-grossenses.

Halbwachs mostrou que é bem diferente a memória coletiva da memória histórica. Para ele, “a história começa exatamente quando a memória coletiva se enfraquece pela extinção do grupo (morte ou dispersão dos indivíduos) que existia como suporte, tornando-se necessário preservar este conhecimento institucionalmente através de uma narrativa escrita” (p.84).

Não se pode esquecer, ainda, que um dos resultados desse convencionalismo da memória produz alguns esquecimentos e faz com que o que foi lembrado se torne coerente com os estereótipos e com os valores existentes. Disso resulta a História que não é história, não é produto da lembrança, nem nos documentos. Em síntese, “história é aquela certeza fabricada no instante em que as imperfeições da memória se encontram com as falhas da documentação” (Julien Barnes).

Fontes Consultadas

BARTLETT, Frederic Charles. **Remembering: A Study in Experimental and Social Psychology.** Cambridge: Cambridge, Press, 1932.

BEAUVIOR, Simone de. **A velhice.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

BENJAMIN, Walter. **Il Narratores.** Considerazioni sull'opera do Nicola Leskov. In: BENJAMIN, Walter. **Angelus Novus.** Turim; Einaudi, 1962.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembranças de velhos. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BORGES FORTES, General João. **Rio Grande de São Pedro.** Rio de Janeiro: Bloch, 1941.

CESAR, Guilhermino. **Origens da Economia Gaúcha (o boi e o poder).** Porto Alegre: Corag, 2005.

CESAR, Guilhermino. **História do RGS:** Período colonial. Porto Alegre: Martins Fontes, 2002, 238p.

COSTA E SILVA, Alberto. **Francisco Félix de Souza:** mercador de escravos. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Eduerj, 2004.

COSTA, Rovílio; DE BONI, Luis A. **Os capuchinhos do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: EST, 1996.

COSTA E SILVA, Riograndino da. **Notas à margem da História do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1968.

COSTA, Alfredo R. da .**O Rio Grande do Sul**. Completo estudo sobre o Estado. Porto Alegre: Globo, 1922.

DAROS, Marília e BARROSO, Vera Lúcia Maciel(org). **Raízes de Gramado**. Porto Alegre: EST, 1995.

GILLONNAY, Frei Bruno. **A Igreja e os capuchinhos do Rio Grande do Sul**. Correspondência. Porto Alegre: EST, 2007.

LAYTANO, Dante. **Os negros no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1948.

PEREIRA, Cláudio Nunes (Org.) **Genealogia tropeira**: Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. SÉCULOS XVII, XVIII E XIX. VOLUME I (Coletânea de material histórico e genealógico). 2006. Disponível em:. Acesso em 15 de outubro de 2011.

OLIVEIRA, Sebastião Fonseca de. As primeiras tropeadas e tópicos históricos de São José dos Ausentes. In: DAROS, Marília; BARROSO,Vera Lúcia Maciel (Org). **Raízes de Gramado**. POA: EST, 1995.

OLIVEIRA, Sebastião Fonseca de. Introdução do gado e fixação do homem na sesmaria serrana. In: DAROS, Marília; BARROSO,Vera Lúcia Maciel (Org). **Raízes de Gramado**. POA: EST, 1995.

ORNELAS, Manoelito de. **Gaúchos e beduínos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.

PORTE, Juliana. **Invisibilidade social e a cultura do consumo**.

in: Invisibilidade: o jogo dramático entre visibilidade e invisibilidade dos atores sociais. <http://www.enapet.ufsc.br/anais>
Acesso em 15 de outubro de 2011.

SILVA, Elsa Peralta da. (2010). **Patrimônio e identidade:** os desafios do turismo cultural. [on line] Disponível em: <<http://ceaa.ufp.pt/turismo3.htm>>. Acesso em 26/10/2010.

RIBEIRO, Cláudio Marques. **Estudo do modo de vida dos pecuaristas familiares na região da campanha do Rio Grande do Sul.** Tese de Doutorado em Desenvolvimento Rural da Fac de C. Econ. Da UFRGS, 2009. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/17261/000697068.pdf?sequence=1>. Acesso em 15 de outubro de 2011.

IBGE cidades Vacaria .<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1> acesso em 04 de setembro de 2012

http://www.editora.ufrj.br/revistas/humanasesociais/rch/rch32_n1/149-164.pdf acesso em 8 de setembro de 2012

http://www.editora.ufrj.br/revistas/humanasesociais/rch/rch32_n1/149-164.pdf acesso em 8 de setembro de 2012

<http://www.overmundo.com.br/overblog/invisibilidade-social-outra-forma-de-preconceito>

[http://www.infopedia.pt/\\$frederic-charles-bartlett](http://www.infopedia.pt/$frederic-charles-bartlett)

FONTES ORAIS

Alcides Vanzetto
Aldino Antônio Girotto
Algacir Nunes Paim
Padre Caetano Caon
Carlos Rigotti
Clodovino Camargo Silveira
Dalva Holmer Soldatelli
Darcy Francisco Soldatelli
Elaine Lira de Lima

Elilia Zulianello Araldi
Eliziário Vieira de Jesus
Emília Silveira de Souza
Flora Anello de Lemos
Iolanda Bernardino de Carvalho
Ironita Bueno Guerreiro
João Telmo de Oliveira
Joceli Moraes de Lemos
Juvenil Santos
Lenir Ângela Quissini Piardi
Lourdes Guerreiro Lemos
Maria Ilza de Abreu Wolf
Maria Irma Siqueira Rigon
Nair Cechinato Nicheli
Nair de Jesus Abreu
Maria José Guazzelli de Guazzelli Costa
Nereu Fernandes Vargas
Noelci de Souza Boeira
Onira Boeira Becker
Pedro Sandi
Tereza Gomes Maciel
Valda Delair Gargioni Soldatelli
Zuleide Boeira

ENTREVISTADORES

Ângela Cati Dargen
Arlene Medeiros de Abreu
Bárbara de Faria Rodrigues
Fernanda Lisboa Vieira
Francieli de Lima Pasinatto
Genice Friso da Silva
Joseane Carvalho Borges
Magale Silveira Zanella
Samir Antônio Goulart

Anexos

Anexo I

PROPRIETÁRIOS DE TERRAS EM VACARIA EM 1776

Proprietários	Moradores	Proprietário	Moradores
Antônio Pinto Ribeiro	3	Francisco Álvares de Aguiar	2
Antônio da Costa Ribeiro	6	José de Campos Bandemburg	15
Miguel Feliz de Oliveira	6	Antônio Borges Vieira	6
José da Silveira Bittencourt	6	Luiz Antônio da Rocha	3
Lourenço Roiz de Araújo	3	Júlio da Costa Ribeiro	2
João Ribeiro	6	Pedro de Barros	2
Leandro de Souza	4	Joaquim Antônio dos Santos	2
Claudio Ribeiro	2	João de Oliveira	2
Baltazar Gomes de Escovar	6	Lourenço da Rocha	1

(PEREIRA,p.111,2006)

Anexo II

ALGUNS DOS ESTANCIEIROS E COMERCIANTES DE VACARIA 1922

Estancieiros	Comerciantes
Florêncio Luiz Teixeira	Samuel Guazzelli
João Vieira de Abreu	Narciso Maccari
José Barbosa de Camargo	Luiz Soldatelli
Luiz Soldatelli	Francisco Paganella
Jacob Lenh	Atilio Montanari
Liborio Rodrigues Filho	Elizeu Piolli
Lino Jacques e Noronha	Isaac Fernandes Barbosa
Laureano Duarte	Luiz Roveda
Simplicio Borges Vieira	João M. Ferreira
Horacio Paim de Andrade	Elizeu Biglia

Fonte Costa p. 272

Poema do padre Caetano Caon

Nossa Senhora da Oliveira,
A Virgem Prenda do céu!
Padroeira da Cidade
e Diocese de Vacaria, RS.
Este é o nome da Virgem Santa
Que encontraram na Vacaria (1750).
Aos campeiros daquele tempo
foi a mais completa alegria!
O gaúcho queimava o campo
e um certo lugar não queimava.
Puxou pelas rédeas o cavalo
e foi vendo o que lá estava!
Sobre a pedra, em meio às macegas,
Pelos sóis, as chuvas e geadas,
Lá estava a Rainha dos Campos,
em sua imagem bem conservada!
Seguiram-se, então as graças,
as bênçãos, milagres, sinais.
Os devotos da Santa dos Campos
Aumentavam cada vez mais!
Foi surgindo a cidade e Diocese,
E este povo - mariano e feliz!

O Santuário que agora se eleva
é resgate da história e raiz!
Já são quase trezentos anos
Que a Virgem Maria chegou.
Pequenina, em madeira lavrada,
Ela sempre conosco ficou!
Ela sempre morou com a gente
Com jeitinho de quem quer bem.
No Santuário, rezar quietinha,
De hoje em diante, festiva, Ela vem!
Também pelos seus rodeios
Ela sobe em seu carro-altar.
Enquanto ela vier à cancha,
Aos Rodeios vai abençoar!
Louvemos a "Virgem Prenda"
Do céu e do povo encanto.
Nos traga um Rodeio de graças
Nas santas dobras do manto!
A imagem e os Rodeios
Nas Missas Crioulas contamos
Com a imagem da Padroeira.
É o sinal da Mãe que gostamos,
nos proteja nas lides campeiras!

Poema de Algacir Nunes Paim

A canção que faço a ti, ó Vacaria dos Pinhais
Lembrando com saudade os nossos ancestrais...
Quando as minhas tropeadas, largando gado na estrada
em altas madrugadas, depois logo adiante as sesteadas.
Um café de chaleira, uma farofa, queijo e pão,
Escorando o peito até outra refeição.
Viajando em seguida
Algumas léguas na estrada empoeirada de chão,
Cortando lombas e caiadas.
Com o Sol a pino na beira da estrada,
Encostava a tropa para outra sesteada.
Em roda de um fogo de chão,
Tirando da bruaca o charque pro carreteiro,
A erva-mate pro chimarrão,
Um trago de cana pra tirar o pó da garganta.
Depois de uma prosa animada, veio outra refeição,
Um carreteiro feito a capricho
Com esmero e dedicação
Servido na panela
Em roda de um fogo de chão!
Rebatendo com um café de chaleira
E um chimarrão,
Descansando alguns minutos,
Fazendo do arreio o travesseiro.
Vacaria, terra minha, Vacaria dos Pinhais...
É Vacaria de pingo alçado ao freio
Lembrando nossos ancestrais.
Largando novamente o gado na estrada,
Cortando lombas e caiadas,
Quando chegava a tarde,
Passando por campos abertos
Ouvia-se a berração!
Era o gado da redondeza repudiando a invasão.

Mas pouco a pouco se separando,
O gado que não era do rincão
Seguiu à cabeça baixa, como se fosse um ladrão.
Os do rincão ficavam esfregando a cabeça na terra
Fazendo voar grama com as aspas
Como se fosse uns valentões.
Vacaria, terra minha! Vacaria dos Pinhais:
É a Vacaria de pingo alçado ao freio
Lembrando nossos ancestrais.
É Vacaria da prenda bonita,
Do peão, do patrão e do capataz,
Que integrados participam
Dos Rodeios Internacionais!